

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local

NELSON VARELA DO NASCIMENTO NETO

**DESENVOLVIMENTO LOCAL NO PÓLO DE CONFECÇÕES
DE SANTA CRUZ DO CAPIBARIBE, PE, BRASIL:
um estudo das mediações culturais e relações laborais**

RECIFE, PE

2008

Nelson Varela do Nascimento Neto

**DESENVOLVIMENTO LOCAL NO PÓLO DE CONFECÇÕES
DE SANTA CRUZ DO CAPIBARIBE, PE, BRASIL:
um estudo das mediações culturais e relações de laborais**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local (POSMEEX) da Universidade Federal Rural de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Extensão Rural e Desenvolvimento Local.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Betania Maciel

RECIFE, PE

2007

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local

NELSON VARELA DO NASCIMENTO NETO

**DESENVOLVIMENTO LOCAL NO PÓLO DE CONFECÇÕES
DE SANTA CRUZ DO CAPIBARIBE, PE, BRASIL:
um estudo das mediações culturais e relações laborais**

RECIFE, PE

2008

FICHA CATALOGRÁFICA

N244d Varela do Nascimento Neto, Nelson
Desenvolvimento local no pólo de confecções de Santa Cruz do Capibaribe, PE, Brasil : um estudo das medições culturais e relações laborais / Nelson Varela do Nascimento Neto. -- 2008. 96 f.: il.

Orientadora: Betania Maciel
Dissertação (Mestrado em Extensão Rural e Desenvolvimento Local) – Universidade Federal Rural de Pernambuco. Departamento de Educação.
Inclui anexo e bibliografia.

CDD 630. 715

1. Trabalho
 2. Transformação
 3. Hibridização
 4. Mediações culturais
 5. Desenvolvimento local
 6. Representações sociais
- I. Varela, Nelson
 - II. Título

Nelson Varela do Nascimento Neto

**DESENVOLVIMENTO LOCAL NO PÓLO DE CONFECÇÕES DE
SANTA CRUZ DO CAPIBARIBE, PE, BRASIL:
um estudo das mediações culturais e relações laborais**

Dissertação apresentada como requisito final do Curso de Mestrado em Extensão rural e Desenvolvimento Local, da Universidade Federal Rural de Pernambuco, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Betania Maciel, na área de concentração de Políticas e Estratégias de Comunicação.

Data da defesa: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA:

Presidente: _____

Prof.^a Dr.^a Betania Maciel de Araújo (UFRPE)

Membro: _____

Prof. Dr. Marcelo Sabbatini (UFRPE)

Membro: _____

Prof.^a Dr.^a Maria das Graças Andrade Ataíde de Almeida (UFRPE)

Membro: _____

Prof. Dr. Heitor Costa Lima da Rocha (UNICAP)

Este trabalho é dedicado à esperança de dias melhores, a partir das próprias iniciativas e aprimoramento das próprias potencialidades, para todos os que sobrevivem em condições precárias ou de exclusão no que diz respeito à empregabilidade e expectativas de vida; assim como à perspectiva de um Brasil mais justo e mais próspero para todos nós que somos filhos desta nação, independentemente de classe social ou econômica, escolaridade, raça, etnia, cor, credo, origem étnica, naturalidade, orientação sexual, ideologia política ou qualquer outra variante utilizada como argumento para diferenciar a qualidade de ser humano comum a todos.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é produto do meu esforço acrescido das várias instâncias e pessoas que contribuíram por toda a minha vida acadêmica, em especial a minha mãe que sempre me exigiu muito e me ensinou a sempre cobrar mais de mim mesmo.

Agradeço sobretudo às leis do universo que atraem ou distanciam as pessoas dos outros indivíduos, das coisas e das situações diversas, por ter me colocado diante da oportunidade de ingressar neste programa de pós-graduação *stricto sensu* e poder contribuir para as reflexões acerca do desenvolvimento local a partir de boas relações laborais;

À minha orientadora Dr.^a Betania Maciel, pelo constante incentivo, respeitando minhas decisões, minhas linhas de pensamento e sempre dando suporte nas horas difíceis para o término do trabalho;

Aos professores do POSMEX que em suas socializações de conhecimentos e experiências nos permitiram espaços para a discussão de muitas questões relevantes aqui abordadas e desenvolvidas, em especial aos professores Dr.^a Irenilda Lima, Dr. Paulo de Jesus e Dr.^a Salett Tauk que nos proporcionaram um tão atencioso convívio extraclasse, assim como ao professor Dr. Angelo Brás Callou que comanda com tanta seriedade, disciplina e boa-fé o programa de pós-graduação.

Aos meus colegas de sala que tanto me apoiaram moralmente na minha condição juvenil, compartilhando comigo suas alegrias e expectativas de vida na medida do possível, assim como o sonho recíproco de receber o título acadêmico de mestre;

Aos confeccionistas de Santa Cruz de Capibaribe que me permitiram o contato, deixando explícitas faces de suas vivências e anseios, permitindo, dessa maneira, a concretização deste trabalho;

E por fim, ao Governo Federal por oferecer ensino público, gratuito e de qualidade.

RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar hipotéticas influências recíprocas entre as relações de trabalho vinculadas ao pólo de confecções de Santa Cruz do Capibaribe no Agreste Setentrional do Estado de Pernambuco e as interpretações de mundo das pessoas envolvidas, abarcando de forma simultânea as várias etapas de trabalho na análise das formas de subsistência das identidades e padrões de comportamento coletivos como elementos chave para o desenvolvimento local. Então, tentou-se desvendar o perfil dos trabalhadores inseridos nesse ambiente e as diversas formas de apropriação e identificação do campo de significação laboral, investigando mediante as práticas socialmente construídas e compartilhadas as identificações das pessoas com as implicações do ambiente e do nicho de trabalho em questão. Partindo do pressuposto de que o desenvolvimento local só se alcança a partir de relações de trabalho realmente produtivas e tais relações de trabalho realmente produtivas já não mais se alcançam através da mera exploração da mais-valia, pusemos em evidência o cenário de nova ruralidade da localidade para a qual se direciona o estudo de caso para realizar investigações orientadas pela Teoria das Mediações Culturais de Jesús Martín-Barbero, aplicada através do Modelo das Multimediações Culturais de Guillermo Orozco. No entanto, foi a Teoria da Representação Social elaborada por Serge Moscovici, que harmonizou o uso de uma metodologia com abordagem qualitativa na qual se traçou um paralelo entre dinâmicas de produção e de mercado com as interpretações de mundo dos indivíduos. Os processos híbridos também fazem parte da nossa perspectiva teórica, tendo como referência Néstor García Canclini, que guiou o estudo na compreensão da hibridização cultural. A palavra-chave precípua é “transformação”, porque são os elementos híbridos de sua construção que regem o dinamismo dos focos dessa investigação. Para a coleta de dados, foi elaborado um roteiro de entrevistas semi-estruturado, executado a partir do contato presencial como técnica de aproximação para a realização da investigação etnográfica. Além da observação direta em campo e a pesquisa bibliográfica, também acrescentamos às nossas técnicas de coleta de dados, alguns depoimentos das pessoas. Entre os resultados, ficou clara a influência das interpretações de realidade dos mais jovens nos direcionamentos de mercado, a transformação no cotidiano demarcada pelo intercâmbio constante com o global e a sintonia entre as gerações.

PALAVRAS-CHAVE: Transformação, Trabalho, Hibridização, Mediações Culturais, Representações Sociais, Desenvolvimento Local

ABSTRACT

This study aims to analyze the hypothetical mutual influences between the Santa Cruz do Capibaribe clothing business cluster, in Pernambuco, Brazil, and the world interpretations among its staff and entrepreneurs, analyzing group identities on several work stages, subsistence ways and group behavior as key elements for local development. Then, we tried to unveil the profile of the workers inside this ambience and their several appropriation and identification ways above the “field work” meaning, investigating faced with socially built and shared practices the person’s identifications with environment and work field. Pursuing from the local development reached with really fruitful work relationships, without abuses, we put on evidence the new rural scene of our case’s study for doing explorations directed by theory created by Jesús Martín-Barbero, applied through the model created by Guillermo Orozco. However, was the theory elaborate by Serge Moscovici that harmonized a usage of a qualitatively approach methodology where we drew up a parallel between production’s and market’s dynamics with persons’ world interpretations. The hybrid processes also belong to our theoretic perspective, having as reference Néstor García Canclini, who guided the cultural hybridization understanding. The mean key-word is “transformation”, because are hybrid elements of its construction the managers of the research’s dynamism focus. For collecting information, was elaborated an itinerary of half-structured interviews, came since presential contacts and used as approach technique for ethnographic investigation. Apart from field direct observation and bibliographic research, also added on the information collect techniques, some personal accounts. Among the results, staid clear the youngest persons’ reality interpretation influence on markets’ direction, the constant everyday life’s transformation marked by exchange with global perspective and harmony between generations.

KEY-WORDS: Transformation, Work, Hybridization, Cultural Mediations, Social Representations, Local Development

RESUMÉ

Cette étude a pour objectif d'analyser les hypothétiques influences réciproques entre les relations de travail véhiculées par le pôle de vêtements de Santa Cruz do Capibaribe, situé dans l'Agreste Setentrional de l'Etat du Pernambuco, et les interprétations du monde des personnes concernées, comprenant simultanément de nombreuses étapes de travail en l'analyse des manières de subsistance des identités et des styles de comportements collectifs comme éléments principaux dans le développement local. Tenter de dévoiler le profil des travailleurs insérés dans cette ambiance et les diverses manières d'appropriation et d'identification du terrain des travailleurs, faisant des investigations par le biais de pratiques socialement construites et partagées, par, de cette manière, trouver les identifications des personnes avec les implications de l'ambiance et du lot de travail en question. En partant du pré-supposé qui est que seulement le développement local s'obtient avec des relations de travail vraiment productives et que ces dernières relations de travail ne s'otiennent déjà qu'à travers de la simple exploration des excédants de la force de travail de la main-d'oeuvre plus-valu, nous pouvons mettre en évidence le scénario de nouvelle ruralité de la localité vers la quelle se dirige l'étude de cas pour réaliser les investigations orientées par la *Théorie des Médiations Culturelles* de Jesús Martín-Barbero, appliquée à travers le *Modèle des Multi-médiations Culturelles* de Guillermo Orozco. Cependant, ce fut la Théorie des Représentations Sociales élaborée pour Serge Moscovici, qui harmonise l'usage d'une méthodologie avec un abord qualitatif dans lequel se trace un parallèle entre des dynamiques de production et de marché avec les interprétations du monde des individus. Les processus hybrides aussi font parties de notre perspective théorique, ayant comme référence Néstor García Canclini, qui guide l'étude vers la compréhension de l'hybridisation culturelle. Le mot-clef principal est "transformation", parce que ce sont les éléments hybrides de sa construction qui régit le dynamisme focalisé de cette investigation. Pour la collecte de données, fut élaboré une série d'entrevues semi-structurées, exécutée à partir du conctat presenciel comme technique d'approximation pour la réalisation d'investigation ethnographique. Au-delà de l'observation directe de terrain et la recherche bibliographique, nous avons encore augmenté nos techniques de collecte de données avec quelques témoignages de personnes. Selon les resultats, il apparait claire l'influence des interprétations de réalité des plus jeunes en direction du marché, la transformation au quotidien signalées par l'échanges constants avec le global et la syntonie entre les générations.

MOTS-CLEF: Transformation, Travail, Hybridisation, Médiations Culturelles, Représentations Sociales, Développement Local

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo analizar hipotéticas influencias recíprocas entre las relaciones de trabajo vinculadas al polo de ropería de Santa Cruz do Capibaribe en el Agreste Septentrional do Estado de Pernambuco y las interpretaciones de mundo de las personas envueltas, abarcando de forma simultánea las varias etapas de trabajo en el análisis de las formas de subsistencia de las identidades y padrones de comportamiento colectivos como elementos llave para el desarrollo local. Entonces se intentó desvendar el perfil de los trabajadores inseridos en ese ambiente y las diversas formas de apropiación e identificación del campo de significación laboral, investigando mediante las prácticas socialmente construidas y compartidas así como las identificaciones de las personas con las implicaciones del ambiente y del nicho de trabajo en cuestión. Partiendo del presupuesto de que el desarrollo local solo se alcanza a partir de relaciones de trabajo realmente productivas y tales relaciones de trabajo realmente productivas ya no más se alcanzan a través de la mera exploración de la más-valía, pusimos en evidencia el escenario de la nueva ruralidad de la localidad para la cual se direcciona lo estudio de caso para realizar investigaciones orientadas por la Teoría de las Mediaciones Culturales de Jesús Martín-Barbero, aplicada a través del Modelo de las Multimediaciones Culturales de Guillermo Orozco. Sin embargo, fue la Teoría de la Representación Social elaborada por Serge Moscovici, que armonizó el uso de una metodología con abordaje cualitativo en la cual se trazó un paralelo entre dinámicas de producción y de mercado con las interpretaciones de mundo de los individuos. Los procesos híbridos también hacen parte de la nuestra perspectiva teórica, teniendo como referencia Néstor García Canclini, que guió el estudio en la comprensión de la hibridización cultural. La palabra-llave precipua es “transformación”, porque son los elementos híbridos de su construcción que rigen el dinamismo de los focos de esa investigación. Para la coleta de datos, fue elaborado un itinerario de entrevistas semi-estructurado, ejecutado desde el contacto presencial como técnica de aproximación para la realización de la investigación etnográfica. Además de la observación directa en campo y la pesquisa bibliográfica, también acrecentamos a las nuestras técnicas de coleta de datos, algunas declaraciones de las personas. Entre los resultados, quedó clara la influencia de las interpretaciones de realidad de los más jóvenes en los direccionamientos de mercado, la transformación en el cotidiano demarcada por el intercambio constante con el global y la sintonía entre las generaciones.

PALABRAS-LLAVE: Transformación, Trabajo, Hibridización, Mediaciones Culturales, Representaciones Sociales, Desarrollo Local

RIASSUNTO

Questo studio ha come obiettivo di analizzare le possibili influenze reciproche tra le relazioni di lavoro vincolate al centro confezioni abbigliamento di Santa Cruz do Capibaribe, nel territorio Agreste Settentrionale dello Stato del Pernambuco e le interpretazioni del mondo delle persone coinvolte, includendo l'insieme delle varie tappe di lavoro nell'analisi delle forme di sussistenza delle identità e norme del comportamento collettivo come elementi chiave per uno sviluppo locale. Allora, si tentò di scoprire il profilo dei lavoratori inseriti in quest'ambiente nei diversi atteggiamenti di appropriazione e identificazione del campo della significazione del lavoro, indagando mediante pratiche socialmente costruite e suddivise nelle identificazioni delle persone con l'implicazione dell'ambiente e dell'area di lavoro in questione. Partendo dal presupposto che lo sviluppo locale si ottiene solo partendo da relazioni di lavoro realmente produttive e tali relazioni di lavoro realmente produttive giammai si raggiungono attraverso la mera esplorazione di più valori, mettiamo in evidenza lo scenario della nuova ruralità del luogo per il quale si direziona lo studio del caso per realizzare investigazioni orientate verso la teoria delle mediazioni culturali di Jesús Martín-Barbero, applicata attraverso il modello delle multimediazioni culturali di Guillermo Orozco. Nel frattempo, fu una Teoria di Rappresentazione Sociale elaborata per Serge Moscovici, che armonizzò l'uso di una metodologia con approccio qualitativo nella quale si traccia un parallelo tra dinamica di produzione e di mercato con una interpretazione del mondo degli individui. I processi ibridi fanno parte anche della nostra prospettiva teorica, propendendo come riferimento a Néstor García Canclini, che guidò lo studio nella comprensione dell'ibridazione culturale. La parola-chiave primaria è "trasformazione", perché sono gli elementi ibridi di sua costruzione che reggono il dinamismo dei punti di questa investigazione. Per una raccolta dati, fu elaborato un itinerario d'interviste semi-strutturato, realizzato a partire dal contatto diretto come tecnica di approssimazione per la realizzazione di investigazione etnografica. Oltre l'osservazione diretta in campo e la ricerca bibliografica, aumentiamo anche la nostra tecnica di raccolta dati, di alcune deposizioni delle persone. Fra i risultati, fu chiara una influenza delle interpretazioni della realtà dei più giovani nel nostro obiettivo di mercato, nella costante trasformazione nel quotidiano determinata dall'interscambio con il globale e la sintonia tra le Generazioni.

PAROLE-CHIAVE: Trasformazione, Lavoro, Ibridazione, Mediazioni Culturali, Rappresentazioni Sociali, Sviluppo Locale

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
O PROBLEMA, SUA RELEVÂNCIA E A TRAJETÓRIA METODOLÓGICA	
Capítulo 1	
O PROCESSO COMUNICACIONAL E AS MEDIAÇÕES CULTURAIS	24
1.1 A perspectiva das mediações culturais	30
1.2 O modelo das multimediasções	33
Capítulo 2	
UMA RELAÇÃO DE FORÇAS ENTRE O TRABALHO PRODUTIVO PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, RECEPÇÃO E COTIDIANO	36
2.1 A noção de produtividade nas relações laborais revisitada desde a perspectiva marxiana	36
2.2 A Teoria das Representações Sociais	40
2.3 Representações em perspectiva mediaciona	45
2.3.1 Mediação de heterogeneidade de temporalidades	47
2.3.2 Mediação situacional da <i>aproximação e convivência</i>	50
2.3.3 Expectativas de consumo das mensagens do <i>mass media</i>	51
2.3.4 Mediações referenciais	52
2.3.4.1 Mediação de gênero	52
2.3.4.2 Mediação idade	53
2.4 O cotidiano enquanto espaço de estudo	54
Capítulo 3	
O LUGAR, A(S) HISTÓRIA(S) E O COTIDIANO DO ESPAÇO AMOSTRAL DA PESQUISA	57
3.1 A vida cotidiana dos trabalhadores ligados ao pólo de confecções	65
3.2 O trabalho: sistema de geração de renda e integração social	68
3.2.1 A Rotina de Trabalho dos Homens Adultos	68
3.2.2 A rotina de Trabalho das Mulheres Adultas	68
3.3.3 A Rotina de Trabalho dos Mais Jovens	69

Capítulo 4	
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS TRABALHADORES DO PÓLO DE	DE
CONFECÇÕES DE SANTA CRUZ DO CAPIBARIBE	71
4.1 Comercializando e confeccionando por distintas gerações	72
4.1.1 Os mais jovens e as expectativas de consumo no setor de vestiário	80
4.2 O universo feminino no pólo de confecções de Santa Capibaribe	82
4.2.1 Os discursos das mulheres que tomam a frente dos negócios	84
4.2.2 As mulheres e as expectativas de consumo a partir do trabalho	86
CONCLUSÕES	89
BIBLIOGRAFIA	92
APÊNDICE	96

INTRODUÇÃO

O PROBLEMA, SUA IMPORTÂNCIA E O PERCURSO METODOLÓGICO

O objetivo desta pesquisa consiste em realizar um estudo de recepção de hipotéticas influências recíprocas impostas entre as relações de trabalho implícitas nas dinâmicas de sustentabilidade econômica e desenvolvimento local existentes no pólo de confecções do município de Santa Cruz do Capibaribe e as condutas coletivas e as interpretações de mundo das pessoas envolvidas nas etapas dos processos de produção, distribuição e comercialização dos produtos e as suas identidades culturais coletivas.

O mais conhecido processo de transição das atividades agropecuárias para o setor secundário se deu com a Revolução Industrial iniciada na Grã-Bretanha em meados do século XVIII e depois expandida pelo mundo a partir do século XIX, na qual os camponeses europeus vivenciaram a imposição de novas relações de trabalho e aos poucos as condições de vida foram alteradas e o êxodo rural tomou proporções notórias, chegando à cidade os operários encontravam condições horríveis se comparadas às condições dos trabalhadores do século seguinte. Era comum que eles tivessem um cortiço como moradia e ficassem submetidos a jornadas de trabalho que chegavam até a oitenta horas semanais e as remunerações assumissem significâncias medíocres que se aproximavam da média de duas vezes e meia o nível de subsistência, tanto mulheres como crianças também trabalhavam, recebendo um salário ainda menor.

E agora são direcionados esforços para inteligir processos de integração e transformação envolvidos direta e indiretamente no encontro entre novas e velhas identidades coletivas mediante as lógicas vinculadas ao desenvolvimento das etapas das atividades relacionadas a esse pólo de confecções no intuito de perseverar por uma diminuição ou até neutralização da ocorrência das desventuras recalcitrantes no âmbito da rotina laboral em vias de transição ocupacional de um considerável quantitativo demográfico do setor primário para o secundário e terciário, com o diferencial de que no nosso caso em particular isso não implicaria substancialmente em deslocamento geógrafo das pessoas.

Por isso, diante do problema da identificação de conexões essencialmente entre essas atividades econômicas relativamente novas no Agreste Setentrional de Pernambuco e as formas de organização social e percepção de mundo que são produtos ou que simplesmente

influenciam ou influenciaram nos êxitos e nos fracassos resultantes do processo de instauração e crescimento do, hoje consolidado, pólo de confecções estabelecido nesta região, tornou-se pré-requisito um estudo dos choques e assimilações advindos da relação entre as práticas coletivamente compartilhadas e as demandas mercadológicas oriundas do *mass media*, que caracterizam a cultura hegemônica, e compondo o contexto popular, as pessoas que integram o contingente de mão-de-obra, analisando de forma equiparável tanto a fase de industrialização quanto de comercialização das mercadorias, e que estariam predominantemente ligadas a condutas de comportamento na maioria das vezes tradicionais no que diz respeito a parâmetros de moralidade e procedimentos cotidianos do dia-a-dia, no relacionamento, entre os gêneros e as gerações.

Dá se reitera a indagação: existem ligações subentendidas entre essas atividades de relevância financeira que são relativamente recentes em relação à cronologia do município e as formas de interpretação da realidade?

Essa perquirição incide sobre a observação da possibilidade desses pontos de vista serem os meros produtos ou estimuladores de forma mais clara ou indireta da sucessão de conquistas e derrotas resultantes de um processo não apenas histórico, mas também de estabilização de uma contemporaneidade estritamente vinculada à existência do hoje consolidado pólo de confecções estabelecido na específica região.

É fundamental evidenciar o fato de que as identidades coletivas e as atividades culturais de cunho tradicional das comunidades que se encontram em áreas rurais em pululantes processos de mudança do papel social de seus respectivos espaços geográficos – através do surgimento de novas vocações econômicas –, se moldam entre as gerações e que existem implicações desta lógica de forma específica dentro do determinado espaço amostral a ser discutido. Com o chamado “neo-rural” despontando para uma concentração maior de seu contingente populacional em atividades desvinculadas do setor de produção primário, a identidade cultural com o tradicional meio rural encontra outros determinantes para subsistir que não são mais aqueles relacionados necessariamente à relação com a natureza ou de um quantitativo predominante de pessoas envolvidas diretamente com essas mesmas atividades econômicas do setor de produção primário.

Já se foi o tempo em que ao referirmo-nos ao meio rural brasileiro fazíamos uma relação direta às atividades tipicamente agrícolas e pecuárias, ao plantio e à colheita das diversas espécies vegetais e a criação de espécies animais para o abate ou extração de recursos, no qual o panorama econômico não permitia expectativas para obtenção de proventos a partir de outras ocupações. Atividades rurais não agrícolas, ligadas à moradia,

lazer, turismo ou prestação de serviços não eram vistas como potenciais geradoras de renda, por isso, para um bom entendimento de tal processo, foi realizado um direcionamento de foco para uma localidade na qual esse fato já está explicitamente conflagrado, dentro do quadro do modelo de transformações ocorridas pelos locais que redirecionam suas prioridades econômicas para outros sentidos que não são os tradicionais até outrora mirados univocamente pelas gerações pregressas.

E, atualmente, com o pensamento já bastante compartilhado de que o desenvolvimento local é de co-autoria e de co-responsabilidade mútua, não se chega a eximir do estado das responsabilidades que lhes são historicamente imputadas. Porém, admite-se que cada cidadão, no exercício do papel de sujeito histórico, está atribuído dos encargos referentes ao processo de construção da vida coletiva e, de acordo com Pires (2005), tal linha de pensamento carrega consigo determinados conceitos como democracia, autonomia, autogestão, participação. É importante ainda dizer que também está presente na perspectiva de “desenvolvimento local” a tendência à exortação de um patrimônio natural e histórico-cultural de um dado território apto para dar subsídio a uma pluralidade de atividades de cunho meramente econômico, uma vez que logre concatenar os atores locais, perspectiva tal que não chega a ser abordada nesse estudo. O patrimônio não se restringe à materialidade física das paisagens ou da arte, mas agrega, de igual modo, bens imateriais atrelados a tradições locais, artesanato, culinária e a própria paisagem da região, sendo capaz, até mesmo, de beneficiar a consolidação de uma marca identitária. Assim presenciamos uma nova configuração da ruralidade que, é denominada pelo supracitado termo “neo-rural”. Esse “novo meio rural” é composto basicamente pela tríade caracterizada pelos grandes grupos de atividades principais: primeiramente por uma agropecuária moderna, baseada em *commodities* e intimamente ligada às agroindústrias; depois, por um conjunto de atividades não-agrícolas, ligadas à moradia, ao lazer e a várias atividades industriais e de prestação de serviços; e por fim, um conjunto de novas atividades agropecuárias, localizadas em nichos especiais de mercado (CHIKI; SILVA; ORTEGA, 1998)

É importante salientar que o termo “novas” é colocado entre aspas pelo simples fato de que muitas dessas atividades já são seculares no país, como acontece em diversos municípios, porém, só recentemente ganharam importância econômica, muitas vezes por irrupção de novas vocações industriais. Muitas dessas atividades como a piscicultura, horticultura, floricultura, fruticultura de mesa e criação de pequenos animais e, dentre as não-agrárias, artesanato, culinária e outras várias, vão ganhando valorização e passaram a integrar verdadeiras cadeias produtivas, não só apenas de transformações agro-industriais, mas

também de serviços nos ramos da distribuição, comunicações e embalagens. Merece ênfase o fato de que a industrialização e mercantilização da costura emergem com ímpeto na diversificação das atividades econômicas, fortalecendo outros setores desde então arrefecidos, deixando explícita uma forte manifestação dos traços da segunda característica de uma composição de nova ruralidade dentre as mencionadas.

Quando a partir da década de 1980 se observou um decréscimo do número de pessoas ligadas às atividades agrícolas, principalmente em decorrência do avanço tecnológico e do processo de mercantilização da colheita, esperava-se uma significativa redução do contingente populacional no campo. Porém, o que mais chamou a atenção foi a migração desse contingente para outras atividades, as quais fizeram com que o homem do campo pudesse respirar novos ares e enxergar uma nova perspectiva de vida.

Uma das principais reviravoltas foi o fato de que uma gama inumerável de bens e serviços que antes eram consumidos exclusivamente pela família que produzia, agora integra a diversidade de itens destinados à comercialização, se tornando uma importante fonte de renda. A importância das atividades e rendas não-agrícolas é tão expressiva, que em 1998 o total das rendas não-agrícolas no Brasil já tinha ultrapassado o montante das rendas agrícolas recebidas pelos moradores do campo. As formas de organização social estruturadas sob a égide do relacionamento de trabalho e a ele diretamente vinculadas – incluindo o conjunto de normas e valores que regem os padrões de conduta –, estariam mudando a partir da flexibilização dos papéis sociais desempenhados dentro do respectivo campo de significação, assim como o surgimento de novos papéis sociais.

Assim se fez precípua a iniciativa de angariar subsídios informacionais e teóricos potencialmente facilitadores na instrumentalização no processo de busca de estratégias de identificação, aproveitamento e magnificação das potencialidades humanas, refletidas em perspectivas econômicas e culturais, que compõem a diversidade, não tão-somente do estudo de caso, mas também do meio rural brasileiro. Assim, poderíamos dar margem para um mergulho consistente no espaço amostral eleito, através de sua utilização como ponto de partida para a análise de pontos fortes e fracos nas estratégias de intervenção econômica e social quando confrontadas com a realidade, estabelecendo pontos de referência para a distinção de manifestações em maior ou menor intensidade, ou até a não concretização de conjecturas teóricas, na busca por novas reflexões em cima de um conjunto de modelos e normas já preestabelecidas, avaliando as teorias não pelas respostas que fornecem, mas também pelas novas questões que lançam à tona. Trabalhamos a possibilidade do direcionamento de esforços no intuito da compreensão das mudanças nos papéis sociais do

espaço amostral eleito, constituído por um quantitativo de pessoas, que estão envolvidas em uma mesma rede produtiva, ligada a uma localidade específica, tomada como referência dentro da observação da permanência e mudança no perfil de alguns dos comportamentos coletivos peculiares das pessoas envolvidas no processo, assim como ainda o surgimento de outros ao longo do tempo em meio às tantas transformações ocorridas.

Por isso realizamos a pesquisa no campo da recepção, tendo como orientação teórica principal a Teoria das Mediações Culturais de Martín-Barbero, entendendo mediações culturais como *“los lugares de los que provienen las construcciones que delimitan y configuran la materialidad social y la expresividad cultural (...)”* (MARTÍN-BARBERO, 1997, p.233). Optamos por avaliar a recepção por meio do estudo das representações sociais de Jodelet, que considera como *“uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, que tem um objetivo prático e concorre para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”* (JODELET, 1995. p.32) uma forma de se interpretar a realidade erigida por um grupo social com o intuito de se conseguir uma uniformidade nas práticas sociais desse mesmo grupo.

Ao nos submetermos a investigar um processo de comunicação referente às relações entre as atividades vinculadas às relações laborais e as identidades culturais coletivas em um pólo de confecções localizado em uma área na qual a concentração de riquezas tende a se direcionar para o específico posicionamento das específicas cercanias, podemos deixar a entender para muitos, que talvez estejamos convergindo para uma rota anacrônica em relação à sofisticada realidade coetânea marcada pela internacionalização de mercados e pela interconexão universal das redes via satélite e da informatização que a cada vez mais globaliza as culturas. Estariam os que defendem tal linha de pensamento corretos? De certa forma a resposta é afirmativa, uma vez que em um mundo no qual a diversificação de atividades e a capacidade de rotatividade da mão-de-obra se fazem instrumentos contundentes para a sobrevivência no mercado, nós encontramos uma realidade na qual os esforços tendem a apontar para uma só direção e a mão-de-obra a apresentar um comportamento inerte no que diz respeito ao sentido também unívoco para com o determinado nicho de atividade e a determinada delimitação geográfica. Por outro lado, é dentro de contextos como esse que as coletividades até então à margem do esquema de arrecadação de recursos provenientes da inserção no sistema capitalista reagem e, gradativamente, conseguem os seus devidos espaços e as suas rentabilidades. Pode-se perceber a exemplificação da oposição entre local e global na configuração do panorama sócio-econômico de nossos tempos.

Pressupõe-se que a saturação do potencial de absorção de mão-de-obra, devido à incompatibilidade entre oferta e demanda desse mesmo elemento nas grandes metrópoles brasileiras faça com que haja decréscimo do êxodo rural na medida em que aflora em sentido transversal um incipiente êxodo urbano focado na busca de novos mercados tanto por parte dos novos quanto dos velhos empreendedores, assim como de mão-de-obra no auge do potencial produtivo. Esse novo fluxo de capital financeiro e humano somada à inserção de novas atividades e à capitalização de atividades tradicionais até então excluídas do sistema econômico, fazem com que inúmeros municípios no interior do país venham emergir como cenários potenciais para o novo curso do desenvolvimento da dinâmica social e econômica contemporânea do Brasil.

Mediante tão incisivas mudanças torna-se inelutável o fato de que as identidades culturais das comunidades envolvidas passem por um forte processo de transformação, que quando explicitado pode equivaler ao roteiro a ser seguido no intuito de se obter eficácia em possíveis futuras intervenções que se façam necessárias para a contribuição no desenvolvimento econômico e social não apenas estritamente da respectiva região aqui abordada, mas também de outras áreas com panoramas similares, salvas as particularidades. Desta maneira, se faz válido o empenho de esforços na elaboração de maneiras de aplicar, desenvolver, testar e comparar as linhas teóricas estruturadas sobre o modo de mapear e entender as identidades culturais, tornando-as dignas de enunciação, não apenas pelos caminhos já oferecidos, mas também pelas novas sendas que possam ser paulatinamente desbravadas.

Através desse trabalho se postula fazer possível a utilização do universo em questão como um protótipo de neo-rural no intuito de estabelecer tal espaço amostral como vitrine para a compreensão da diversidade que dá vida à sociedade brasileira, enfatizando traços dessa realidade como arquétipos para inúmeras mudanças culturais ocorridas nos últimos tempos, analisando a resistência e transformação cultural das atividades populares tradicionais que subsistem em meio a uma realidade imersa na profusão de influências e, por fim, em caráter precípuo e impostergável, um breve registro histórico e etnográfico do município na perspectiva das atividades especificadas.

E para compreendermos as relações comunicacionais que permeiam essas relações imbuídas de matizes diversas resultantes do contato entre significantes da cultura hegemônica e da cultura popular nos seus intercâmbios, dessemelhanças, contradições e acedências, sem o prisma da antinomia entre dominadores e sobrepujados, seguimos o *approach* dos estudos culturais moldados a partir do ponto de vista de hegemonia plasmado por Antonio Gramsci, e

ajustados à comunicação por autores como Jesús Martín-Barbero, Nestor García Canclini, dentre mais outros nomes.

Uma vez na qual tomamos a perspectiva gramsciana como ponto de partida, no desenvolver do trabalho, direcionamos a relação de cultura popular com cultura hegemônica para a orientação fundamentada por García Canclini, que analisa o respectivo processo como uma “produção de fenômenos que contribuem, mediante a representação simbólica das estruturas materiais, para a compreensão, reprodução ou transformação do sistema social (...)”. (1983, p. 29) Tal linha de pensamento se torna ainda mais firme quando recordamos que para o mesmo autor, quando dialoga discorrendo acerca dos principais pontos de vista de cultura primados pela Antropologia, afirma que “o mais fecundo é aquele que entende a cultura como um instrumento voltado para a compreensão, reprodução e transformação do sistema social”. (1983, p.29) Ou seja, de forma mais estrita, pode-se seguramente situar a relação concretizada pela nossa pesquisa à luz da leitura de cultura popular realizada por García Canclini, que diz que:

Culturas populares (termo que achamos mais adequado do que cultura popular) se constituem por um processo de apropriação desigual dos bens econômicos e culturais de uma nação ou etnia, por parte dos seus setores subalternos e pela compreensão, reprodução e transformação real e simbólica das condições gerais e específicas do trabalho e da vida. (1983, p.29)

Para nós é irrefutável a validade da visão que é posta à baila através do autor, de uma assimilação desequilibrada do capital cultural em um intercâmbio carregado de tensões onde mesmo não se tratando necessariamente de uma relação harmônica, mesmo assim ainda não irá inevitavelmente incorrer em uma mútua e intransponível contradição.

No que diz respeito à nossa perspectiva de inquirir as relações laborais e as identidades culturais coletivas vinculadas ao contato recíproco entre as práticas coletivamente construídas e as demandas mercadológicas versus as práticas sociais isoladas dos indivíduos que integram o contingente de mão-de-obra existente no pólo de confecções do município de Santa Cruz do Capibaribe, queremos destacar que não nos restringimos apenas a uma atitude metodológica cuja aplicação nos viabiliza um melhor entendimento das interconexões que vinculam essas culturas, buscamos sim, um princípio que transcendesse a mera metodologia e alcançasse um patamar ontológico, ou seja, que abordasse a generalidade e as propriedades resultantes do contato entre os referenciais culturais, que vão além da simples divergência simultânea, intentando, de forma dialógica, orientar para táticas de constituição de uma orientação dentro do processo de ascendência e legitimação da ordem hegemônica.

É coerente o fato de que os contatos entre cultura hegemônica e cultura popular não se concretizam unidimensionalmente e no sentido vertical, mas, na verdade, com inúmeros liames, apesar da disparidade existente na intensidade com que se concretiza a apropriação dos bens de natureza simbólica por parte das culturas populares, aqui representadas pelas pessoas que trabalham no pólo de confecções. Nesse sentido, trabalhamos a recepção não como ponto de antinomia, mas sim como ponto de visualização da relação do hegemônico com o popular em uma relação entre atividades laborais e identidades culturais.

Nesse intuito de idealizar a recepção como um lugar privilegiado para apreender o processo de comunicação na totalidade, elegemos dentre as possibilidades teórico-metodológicas sugeridas por Martín-Barbero para estudos de recepção fundamentados na Teoria das Mediações Culturais, o segmento que prima em entender a significação que os receptores constroem com base no contato com as mensagens conseqüentes do campo de emissão de um processo comunicativo. No que tange a recepção, nos voltamos para um aproveitamento mais eficiente possível do processo de comunicação, por isso nos direcionamos para a Teoria das Representações Sociais de Moscovici o esteio para a aperfeiçoarmos, justificados pelo fato de que para Jodelet, doutrinadora da referida teoria: “a representação se encontra em uma relação de simbolização (está no seu lugar).” (JODELET, 1996, p.32-33). Simplificando, é o sentido ou a contigüidade conceitual normalmente vinculada ao que é apreendido das relações da cotidianidade.

E para pôr em prática essa conexão entre relações de trabalho e os determinantes culturais, situamos nossa metodologia enquadrada na categoria de estudo de caso, uma vez na qual podemos ganhar um melhor nível de profundidade de análise em meio a uma tendência de abordagem que tende pelo genérico dentro de procedimentos empíricos que se orientam a partir da perspectiva das mediações culturais formulada por Martín-Barbero que, em síntese, se fundamenta na idéia de que não existe uma conexão linear e direta entre emissor, meio, mensagem e receptor, pois toda essa relação seria mediatizada. Também pusemos em prática um roteiro baseado no Modelo de Multimídiações Culturais de Orozco.

Observamos o desenvolvimento dos carizes do processo comunicativo, resultantes do contato entre as relações de trabalho e as identidades culturais coletivas das pessoas envolvidas, de forma indistinta, nas etapas dos processos de produção, distribuição e comercialização dos produtos, não de forma lineal, mas sim, apreciando todo um contexto que mediatiza essa relação. Validamente, fomos norteados pela nossa hipótese geral no trabalho que se constitui na asserção de que: as representações das relações de trabalho implícitas nas dinâmicas de sustentabilidade e desenvolvimento econômico existentes no pólo de confecções

de Santa Cruz do Capibaribe são mediatizadas pelas identidades culturais coletivas das pessoas envolvidas, dentre as quais escolhemos as que nós consideramos precípuas para a compreensão do estudo deste estudo recepção: mediação de heterogeneidade de temporalidades, mediação situacional da “aproximação e convivência”, mediação de expectativas de consumo das mensagens do *mass media* e as mediações referenciais de gênero e idade.

Levando em conta o fato de que tais mediações contribuem para a parte da conjuntura do estudo fincada sobre o empirismo, vale a pena ressaltar que para Martín-Barbero, relevar a mediação da heterogeneidade de temporalidades nas pesquisas de recepção fundamentadas nas mediações culturais é essencial, devido ao fato de que a contemporânea transnacionalização cultural tornou possível a coexistência de “anacronismos de diferentes relações com o tempo”, (MARTÍN-BARBERO, 1995, p.40) uma vez na qual identificamos no empírico traços de múltiplas realidades temporais, a “mediação da heterogeneidade de temporalidades” insurgiu como mediação por excelência do estudo, pois, reafirmando em outros termos o que já foi afirmado por Santos e Nascimento, é através do empirismo que se torna possível observar a corporificação das diversas mediações interventoras do respectivo estudo. (MARTÍN-BARBERO, 1995, p.40)

Indagamos as implicações do processo de recepção das relações de trabalho por parte do público envolvido na determinada dinâmica econômica para desvelarmos suas representações no ambiente onde elas obtêm significado, que se sintetiza na palavra *cotidiano* o que deu margem para uma análise à luz de Heller, que diz que “a vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade (...)”. (1972, p.17-18).

Mediante tais argumentos, pretendemos deixar claro que almejamos com esta pesquisa realizada em um microcosmo do universo popular trazer colaborações aos empenhos de pesquisadores do mestrado em Extensão Rural e Desenvolvimento Local da Universidade Federal Rural de Pernambuco, no explícito desiderato da procura por novas maneiras de abordar e trabalhar o acervo teórico-metodológico fornecido pela Ciência da Comunicação.

Fomos basicamente guiados pelas conseqüências da busca da confirmação de nosso eixo de orientação de que as representações sociais e os padrões de conduta cultural dos indivíduos influenciam no desempenho do sistema econômico do conglomerado do setor confecções no Agreste Setentrional tomando o circuito diretamente ligado ao município de Santa Cruz do Capibaribe como estudo de caso. E como conseqüência, nós oscilamos entre o desenvolvimento e a descoberta de hipóteses secundárias que subsistem de forma inerente à

questão mais genérica e se expressam na forma de incógnitas. São elas: As formas de interpretação da realidade apresentadas pelas novas gerações estariam contribuindo para a atualização das orientações de mercado no pólo de confecções? O cotidiano no momento atual ainda estaria sendo alterado de forma contundente como se pressupõe que tenha acontecido em meados da época da mudança de atividade laboral e, ainda, suscetível a outras transformações de efeitos incisivos? Estariam as gerações entrando em conflito na forma de orientar os rumos dos negócios?

Enquanto contribuição social da pesquisa ambicionamos fornecer subsídios para a elaboração de estratégias que visem aprimorar e otimizar as possíveis formas de intervenção social focadas direta e indiretamente no pólo de confecções de Santa Cruz do Capibaribe, para que os interventores em potencial, sejam da iniciativa privada ou pública, realizem releituras, na medida do possível, mais acuradas acerca de suas formas de atuação.

Para tornar isso viável partimos do princípio fundamental difundido a partir de Martín-Barbero de que comunicação em nossos tempos é uma matéria vinculada às mediações, ou seja, aos determinantes culturais.

Para analisarmos essa relação de visões de mundo entre os trabalhadores, enquadrámos nossa metodologia na modalidade de estudo de caso. Tal alternativa foi tomada pelo fato de tal método nos permitiria generalizações dos resultados obtidos, por outro lado apostamos no ganho de profundidade de análise. Por isso, parece-nos que o estudo de caso é a categoria metodológica que proporciona uma mais eficaz adequação ao nosso desígnio de contribuir para acumular conhecimentos empíricos e teóricos mais apurados sobre processos de recepção das mensagens das classes hegemônicas através dos instrumentos de manutenção dessa condição que teria como representante máximo o *mass media*. Ressaltemos também que buscamos um equilíbrio na importância dada tanto às questões macrossociais quanto microssociais.

Os procedimentos empíricos pelos quais aderimos no momento de realizar a pesquisa tiveram como fio condutor a perspectiva das mediações culturais estabelecida por Martín-Barbero que, em síntese, desmancha a idéia da existência de uma relação linear e direta entre emissor, meio, mensagem e receptor, pois toda essa relação seria mediatizada. Tomamos emprestado de Guillermo Orozco o conceito de mediações como o lugar de onde se outorga a significação ao processo de comunicação (1997, p.114) e seu Modelo de Multimediações Culturais para servir de percurso estruturador do estudo das mediações que se conformavam no contexto da pesquisa.

Realizamos o nosso estudo com base em um ponto de vista da recepção que qualifica o receptor como sujeito ativo, que negocia, é interlocutor e conseqüentemente atribui sentido às mensagens. Para adentrarmos mais nessas significações, utilizamo-nos do aporte teórico metodológico da Teoria das Representações Sociais, elaborada por Serge Moscovici em uma concepção psicossociológica.

Traçamos nossa estratégia de pesquisa nos guiando a partir da preocupação em dar homogeneidade e consistência metodológica ao estudo, buscando estruturar um modelo que permitisse articular as metodologias de observação com os de descrição e interpretação, assim como, as respectivas fases da pesquisa à definição do nosso objeto de investigação e suas respectivas operações: problema de pesquisa, referencial teórico e hipóteses.

Com efeito, na observação e explicação dos dados empíricos, estivemos imbuídos do entendimento de recepção que guia a pesquisa, ou seja, como espaço de produção de significação, de interlocução e negociação de sentidos. Espaço percebido como apropriado para a apreensão do entorno mediatizado que se estabelece na relação das culturas hegemônicas caracterizadas na influência da sociedade global e a cultura popular caracterizada na sobrevivência dos referenciais da cultura local.

Buscando atingir os níveis de entendimento a que nos propusemos, adotamos como estratégia a combinação de técnicas de observação direta e indireta que nos pareceram mais convenientes ao nosso propósito de realizar um estudo de recepção na perspectiva das mediações culturais, com subvenção teórica da teoria psicossociológica das representações sociais, para a compreensão da significação dada pelos confeccionistas às mudanças impostas pela interpenetração dos significantes da sociedade global, permeada de valores das classes hegemônicas em suas rotinas.

Como técnicas de observação direta, utilizamos um estudo etnográfico na busca da apreciação do ambiente, obtido a partir de uma observação participante voltada para a compreensão de traços do cotidiano, tendo como argumento de aproximação a realização de um roteiro de entrevista semi-estruturada, assim como diário de campo para registro de mensagens não verbais.

Os dados e resultados conseqüentes desse trabalho acadêmico se depositam em quatro capítulos, no primeiro nós colocamos em questão fatores relevantes para um processo comunicacional na perspectiva das mediações culturais em conjunturas de perfis populares, no segundo capítulo delimitamos dentro deste estudo a relação de forças entre a nossa concepção de trabalho produtivo, representações sociais, recepção e cotidiano, no terceiro capítulo nós caracterizamos o lugar, a historicidade e o cotidiano do espaço amostral em

questão e, finalmente, no quarto capítulo, uma exposição analítica das representações sociais dos trabalhadores do pólo de confecções.

CAPÍTULO 1

PROCESSO COMUNICACIONAL E MEDIAÇÕES CULTURAIS

A partir de meados do fim do século XX, mais especificamente no decênio de 80, as investigações científicas direcionadas para Cultura e Comunicação, que operavam sob o cabedal teórico do protótipo marxista, congregaram a perspectiva gramsciniana, erigida e respaldada, fundamentalmente, no binômio cultura hegemônica versus culturas subalternas. A partir das bases dessa construção teórica, os esforços voltados para o estudo da cultura popular tomaram novos ares mediante as transformações no panorama histórico e social do mundo capitalista em período de substancial internacionalização cultural e mercadológica.

As mudanças no quadro da realidade após pregresso o lapso temporal que vai desde os anos de 1960 até os de 1970 trouxeram como conseqüência um sobrepujamento do arcabouço teórico que já não mais se adequava a uma eficaz interpretação da remodelada situação que regia a nova ordem de fatos que davam a luz ao porvir cronológico, fazendo surgir, dessa maneira, a pendência por outra teoria que possibilitasse inquirir com neófitos ares as imbricadas inter-relações da contemporaneidade.

A partir daí emergem no cenário acadêmico nomes como os de Nestor García Canclini, Jesús Martín-Barbero, Guillermo Orozco e Jorge Gonzáles, que assim como outros, aderem à perspectiva gramisciniana, onde outrora havia instrumentos de dominação/imposição, de mecanismos de hegemonia/consenso, edificando uma analogia teórica que vai interpretar os fenômenos de comunicação como intransponíveis do vínculo com os traços culturais. Assim Gramsci concebe o conceito de hegemonia:

A capacidade de unificar através da ideologia e de conservar unido um bloco social que não é mais homogêneo, mas sim marcado por profundas contradições de classe. Uma classe é hegemônica até o momento em que através de sua ação política, ideológica e cultural consegue manter articulado um grupo de forças heterogêneas. (1988, p.22 apud TAUKE SANTOS, 1994)

Por isso se especifica que a noção de dominação através da injunção é trocada pela da hegemonia que não se comina com um uso de instrumentos capazes de produzir efeitos coercivos, não pelo viés burocrático ou da mera força, mas sim, por meio de instrumentos

ideológicos capazes de induzir a uma condição de consonância entre as partes. De um lado as classes das quais se originam os valores hegemônicos, do outro, as classes que assimilam tais valores, não por que são forçadas a isso, mas sim por que lhes é conveniente assumir a respectiva tendência. É a partir dessa noção que Nestor García Canclini põe em evidência “*la capacidad de réplica y autonomía de las clases subalternas*”, (GARCÍA CANCLINI, 1988. p.22) chamando a atenção dos pesquisadores para os riscos de interpretação das adequações das condições de subsistência das classes populares enquanto conseqüências de uma oposição ou resistência à penetração dos significantes da cultura hegemônica.

García Canclini, grande teórico das culturas populares na atualidade, argentino que reside no México desde 1976, analisou as culturas populares dentro da perspectiva marxista entre o final dos anos de 1970 e o início dos anos 1980, já perto dos anos de 1990 ele passou a identificar cada vez mais sua noção de cultura com a de consumo, carregando uma linha de pensamento contígua à de Pierre Bourdieu, ao situar seus estudos dentro das fronteiras do simbolismo e do pensamento foucaultiano da microfísica do poder.

É possível identificar três linhas de trabalho nas pesquisas de García Canclini sobre culturas populares: citemos primeiramente a antropológica, resultante da necessidade de se estudar as culturas populares no período que vai desde o século XIX até o limiar do século XX, quando devido à necessidade de expansão de mercados, as nações colonizadoras necessitaram compreender as formas até então desconhecidas de se viver, que eles tratavam com ares de superioridade, carregados de discriminação, mas que, na maioria das vezes, tinham solucionadas de formas bem mais eficazes que os próprios europeus as diversas relações com o meio ambiente, com a família, com a educação e a economia. Destarte, mesmo carregados de etnocentrismo, ou seja, da crença na superioridade do povo de pertença, associada ao sentimento de menosprezo por padrões de cultura que se distanciassem de suas posições culturais de observantes, os eurocentristas reeditaram a concepção da cultura burguesa, incorporando traços presentes nas formas de pensamento e ação outrora desvalorizadas.

A antropologia, de fato, foi o segmento científico que agrupou as mais privilegiadas condições para os estudos culturais em contextos populares. O traço precípua do limiar da ciência antropológica foi o das determinações de distinções ausentes de uma explicação dos motivos para as concernentes disparidades. Também foi identificada por García Canclini uma tendência a categorizar as manifestações da cultura popular como folclóricas, como um ajuntamento de artigos, uma acumulação de materiais que são oferecidos fisicamente aos sentidos ou que moralmente se apresentem enquanto indicadores de tradição, resultando em uma simplificação que restringia tudo às manifestações tradicionais geralmente das regiões

campesinas e indígenas, limitando o procedimento de pesquisa a uma coleta de objetos, seguida da acurada representação em termos escritos e verbalizados de suas propriedades formais e, por isso, conseqüentemente, a ciência antropológica trabalhou por muito tempo desprovida do diálogo com qualquer lógica de conexão com as relações sociais.

O resultado foi uma ótica de análise cultural fragmentária, que pode ser encontrada nos museus de folclore ou arte popular com suas categorizações de peças que ostentam o tradicionalismo e indicam resistência às mudanças, assim como também uma propalação dessa perspectiva fora do universo academicista, chegando até a sustentar ideologicamente o procedimento político de diversos Estados e produções de cunho televisivo ou de radiodifusão.

E ainda pode ser apontada, uma orientação à concepção da cultura popular enquanto tomada de consciência acerca dos problemas sociais. Nos anos de 1960 a ligação de grupos de intelectuais com o processo político de transformação faz surgir os Centros Populares de Cultura no Brasil que se comprometiam em esclarecer as verídicas situações das camadas populares, impelindo-os à mudança. A partir daí a Arte assumiu, mesmo que de forma idealizada, o posto de instrumento para a transformação da ordem social.

A cultura vem a ser interpretada como um dispositivo de produção dentro da lógica que rege as relações que se exteriorizam na comunicação entre os seres humanos, através de idéias, sentimentos e volições e que se tornam, de acordo com Souto e Souto, “uma sucessão de fenômenos não apenas sociais, mas também grupais”, (1985, p.01.) Quando aquilo que é comunicado é aceito de forma comum com quem se comunica e é estabilizado o relacionamento. De acordo com a dimensão do grupo social, tomando por base a aceitabilidade por parte do quantitativo de indivíduos, ele vai passar a ser denominado de “sociedade”.

Enquanto que outra corrente entende a cultura como um ato espiritual (expressão, criação) ou uma manifestação alheia ou exógena às relações de produção, fornecendo subsídios para um estudo isolado, porque estaria estabelecida pelo social.

Por isso, torna-se coerente citar a redefinição do conceito de cultura popular realizada por García Canclini que tem como base a perspectiva de Gramsci, se direcionando para fatores como produção, circulação e consumo e, conseqüentemente, se alinhando à teoria da reprodução. (1998, p.49-50) Desta maneira podemos inibir a ocorrência persistente de enfoques sobre cultura recorrentes na ciência antropológica que a concebe como corporificação da personalidade coletiva de um povo, para realizar uma leitura que a situa como resultado da interação das relações sociais, o que em perspectivas de ciência da comunicação se traduziria melhor por um processo de apropriação desigual do bens

econômicos e culturais de uma nação ou etnia por parte dos membros dos seus setores subordinados, assim como a apreensão, imitação e modificação, real e simbólica, dos pré-requisitos gerais e estritos do labor e da vida. (GARCÍA CANCLINI, 1983. p.42)

A escolha dessa linha conceitual para analisar a cultura implica em um posicionamento de afinidade com os determinantes externos e não como algo abstraído de um contexto mais complexo, o que é precípua em tempos de internacionalização dos referenciais das culturas para a consumação de um processo de desmistificação dos fenômenos concernentes à área de estudo que se volta para o binômio das culturas populares versus culturas hegemônicas. Após a consagração da divisão internacional do trabalho, da pujança dos sistemas de telecomunicações em todo o gigantismo revelado na interpenetrabilidade e rentabilidade capaz de diluir as barreiras e de gerar novos entrelaçamentos entre as práticas e os referenciais culturais, faz urgir a necessidade por novas reflexões acerca da validade dos paradigmas que se prestam à diagnose e explicação dos fenômenos culturais.

Por isso tentamos atestar a validade das clássicas polarizações entre o conservadorismo e vanguardismo, que se traduzem na oposição entre tradicional e moderno, assim tanto quanto o local e o nacional e, finalmente, o popular e o massivo, diferenciados por García Canclini por uma tríade de princípios gerais que devem ser relevados para a percepção dos fatores estruturais que alteram seus vínculos.

Primeiramente ele deixa claro que o fenômeno do massivo não se trata de um mero resultado da influência dos meios de comunicação de massa e se trata, na verdade, de uma característica inextricável das sociedades dos tempos atuais (GARCÍA CANCLINI, 1988, p.40), deixando claro que a cultura massiva é a sociedade contemporânea em si, aniquilando a idéia de que o massivo se limita aos meios de comunicação. Compartilhando essa mesma linha de pensamento, Martín-Barbero informa que as culturas populares não são apenas “*un conjunto de objetos sino un ‘principio de comprensión’ de unos nuevos modelos de comportamiento, es decir un modelo cultural*”. (1988, p.40)

Depois, García Canclini ao também expor a opinião de que o massivo não se abstrai por inteiro do popular, deixa clara a conexão entre o massivo e o popular, de onde resulta o corolário de que o popular não pode ser tratado como algo independente dos constituintes de caráter massivo da estrutura social. Então, a partir daí pode até se fazer necessária uma pequena reflexão acerca da perspectiva de Émile Durkheim, para o qual a sociedade é considerada como um agrupamento de fatos sociais, que conduzem à imposição das características da vida coletiva, o que, conseqüentemente, poderia nos instrumentalizar para uma coerente reflexão a partir da assertiva de García Canclini que diz que o popular não pode

ser resumido por uma série de cisões internas ou um repertório de conteúdos tradicionais, premissivos, mas sim por uma postura: a que se estabelece frente ao hegemônico.

E fechando a tríade de pontos vistos pelo autor para a revisão dos estudos culturais nos tempos de culturas transacionalizadas, vem a análise da concepção reducionista dos folcloristas que lidam com as culturas populares enquanto uma coletânea de objetos, de maneira descontextualizada, ignorando os processos das relações sociais pelas quais elas se arranjam e se multiplicam. Ele destaca que “*si queremos alcanzar una visión amplia de lo popular es preciso situarlo en las condiciones industriales de producción, circulación y consumo bajo las cuales se organiza en nuestros días la cultura*”. (1989. p.15.)

No que se refere à tensão constituída da antinomia versus e atração recíproca entre o moderno e o tradicional no seu vínculo com o popular, García Canclini alerta ainda para o fato de que “*la interacción de la cultura popular tradicional con la ‘cultura electrónica’ no implica La desaparición de la cultura primera*”. (1989. p.15.) Por isso, a disposição dos folcloristas em colecionar e rotular os artefatos de uma cultura popular, no intuito de historiar e contribuir para a preservação de suas tradições torna-se desprovido de validade no nosso caso.

Por isso, trabalhamos simultaneamente o tradicional, o popular, o culto e o moderno, pois estão entrelaçados, em nossa contemporaneidade, no seu elo com a cultura transnacional, pois de acordo com García Canclini, “*la reorganización de lo culto, lo popular y lo masivo se realiza en un escenario transterritorial*”. (Op.Cit. p.19) Por consequência de um mundo movido através das forças oriundas das pressões econômicas que implicam em uma progressiva desterritorialização, se faz necessária a constante releitura nas formas de se encarar culturas populares.

Não é suficiente conceber cultura popular enquanto externalização dos traços típicos de um povo, uma vez na qual tal instituição não existe *a priori*, de forma metafísica, mas sim como o resultado das influências mútuas existentes nas relações inerentes à vida em sociedade. Toda a produção cultural nasce a partir dos subsídios materiais da vida e neste domínio encontra-se enraizada, isso pode ser facilmente observado quando se apercebe o quanto que as festividades, as práticas religiosas e o repertório musical praticado pelas classes subalternas encontram-se ligadas ao trabalho material ao qual se integram.

Nos contextos populares, os indivíduos a todo o momento concretizam processos representativos de reprodução e reelaboração dos elementos e procedimentos de valor simbólico, inelutavelmente ainda partilhando o *status quo* presente tanto na produção, quanto na circulação e consumo do sistema coetâneo que lhes abrange indistintamente. O fator categórico para o entendimento da cultura popular incide na concretização do liame com os

prélios entre as classes e com as situações de opressão sob os quais os representantes deste contexto frutam e consomem, resultando em um panorama conflituoso.

O determinante estável da produtividade cultural é a labuta constante das camadas subalternas, comum aos seus períodos de exploração e de libertação. Canclini nos mostra os métodos através dos quais o capitalismo reconstrói a significação das culturas subalternas, inquirindo acerca das transformações nas práticas artesanais dos povos indígenas e mestiços dos *pueblos* da Zona Tarasca do estado de Michoacán, no área central do México, entre os anos de 1977 e 1980, tendo como orientação a hipótese de que o sistema capitalista dependente não requer uma supressão das culturas populares, uma vez que delas se apropria, reorientando-as, reedificando o sentido incutido em suas crenças e práticas, por meio da reorganização da produção e do consumo tanto nas áreas rurais quanto urbanas.

As inúmeras circunstâncias e proposições modais ligadas à produção cultural são agrupadas e padronizadas mediante a assimilação, em um exclusivo sistema, da totalidade de maneiras de se produzir, no entanto, empenha esforços na criação da ilusão de um suposto usufruto democrático dos objetos e hábitos da classe dominante.

A cultura massiva que é tida como a cultura hegemônica, agrega também o popular para obter legitimação através do consenso, para que desta maneira a cultura hegemônica apareça como algo próximo, íntimo da cultura popular, mantendo uma relação de familiaridade com a cultura popular e fazendo da recíproca verdadeira. Assim são aplacados antagonismos entre os domínios culturais, resultando em uma nova interpretação da cultura das classes dominantes que não é mais a de produto da disparidade e do conflito.

Enxergamos as manifestações populares do pólo de confecções enquanto produtoras de sentido, território de conflito entre as categorias sociais, como parte da disputa pela hegemonia. Na consumação da luta entre as classes. Os instrumentos de ação da cultura hegemônica tentam arregimentar o popular para a lógica capitalista. Isso justifica o fato das culturas populares serem resultantes também da inclusão das correntes ideológicas dominantes e espelharem não a subserviência, mas sim as incongruências entre as próprias classes subalternas. O fator categórico no entendimento das culturas dos domínios de perfis populares reside na sua vinculação com os conflitos entre as classes e com as circunstâncias de exploração. É relativamente consensual no mundo acadêmico de nossa contemporaneidade a afirmativa de que as culturas já não mais estão isentas das osmoses com os referenciais da massificação e das influências exógenas, mas sim, que existem culturas moldadas pelas classes subalternas que representam a sua leitura de mundo, repleta de confrontos, disparidades, em suma, que plasman a complexa e disputada luta de classes sociais.

Na perspectiva do nosso estudo de recepção das hipotéticas mudanças impostas nas relações de trabalho implícitas nas dinâmicas de sustentabilidade e desenvolvimento

econômico existentes no pólo de confecções do município de Santa Cruz do Capibaribe nos apropriamos da categoria de análise do consumo cultural avaliada por García Canclini não como eixo fundamental da pesquisa, mas como um *bias* para compreendermos como as demandas de consumo das mensagens do *mass media* intervêm nas atividades das pessoas envolvidas nas etapas dos processos de produção, distribuição e comercialização dos respectivos produtos.

Procuramos analisar o cotidiano, uma vez que acreditamos que a “categoria classe social” seja um elemento de distinção quando se trabalha cultura e, em se tratando especificamente de relações laborais, despenderemos mais esforços entendendo os conflitos mais a partir das formas de produção do que de consumo, em conformidade com os prosélitos do pensamento García-cancliniano, acreditamos que o espaço local é um dos melhores campos de materialização do global, onde muitas vezes mais perceptivelmente se passam as conseqüências da globalização. Levamos em conta a validade dos clássicos na interpretação da multiplicidade das iniciativas sociais, mas, no entanto, aderimos à perspectiva pluralista, aceitando a fragmentação e as combinações múltiplas entre tradição, modernidade e pós-modernidade como indispensáveis no entendimento da conjuntura atual.

1.1 A Perspectiva das Mediações Culturais

Tendo emergido na América latina dos anos de 1980 o movimento teórico voltado para a investigação dos processos de comunicação entre a cultura hegemônica (ou massiva) e as culturas populares, que irrompeu no cenário científico com a sugestão de uma visão implexa e multifacetada da recepção, se sobressaem como sustentáculos fundamentais dessa reflexão o processo de deslocamento dos meios às mediações, defendido por Martín-Barbero, e os processos de hibridização cultural, apregoados por García Canclini. Porém, aqui nesta pesquisa, primamos pela primeira linha de orientação enquanto eixo de instrumentalização da estratégia teórica e metodológica de compreensão do nosso universo empírico e de suas implicações. Conseqüentemente, se torna insofismável o fato de que não podemos ignorar uma teorização acerca dos estudos de recepção no prisma das Mediações Culturais.

Quando se trata do deslocamento dos meios às mediações, Martín-Barbero afirma que “*más que de médios, la comunicación se hace hoy cuestión de mediaciones, esto es de cultura(...)*” ,(1989, p.21) ou ainda com o autor, (...) “*el eje del debate se desplace de los médios a las mediaciones, esto es, las articulaciones entre prácticas de comunicación y*

movimientos sociales, a las diferentes temporalidades y la pluralidad de matrices culturales”. (1987, p.203) Com esse redirecionamento de perspectiva, o teórico estabeleceu condições elementares para a viabilização de estudos no campo da recepção que abarquem o contexto no qual se insere o objeto, tornando possível, desta maneira, que o indagador logre uma visão mais ampla do processo de comunicação averiguado. A respeito disso, Orozco Gomes declara que o grande ajuda de Martín-Barbero foi ter desviado a aplicação de entendimentos sobre a comunicação dos meios, *“para recrearla, explorarla y profundizarla no solo a través de los medios, sino de la cultura*”. (1989, p.114) Nesse viés, Martín-Barbero sugere que “os processos da comunicação possam a ser vistos como parte integrante das práticas culturais, que articulam processos tanto subjetivos como objetivos, tanto micro (ambiente imediato controlado pelo sujeito) como macros (estrutura social que escapa a esse controle)”. (1993. p.85).

De acordo com Wolf, a disposição de se analisar as pesquisas em comunicação de forma a articulá-las veio se desenvolver no Reino Unido, por meio das inquirições realizadas entre os anos de 1950 e 1960 vinculadas ao Center for Contemporary Studies de Birgminghan, o que dá margem para se afirmar que os estudos de recepção fundamentados em proposições de Martín-Barbero, Canclini, Orozco, Gómez e demais, recebem influência indireta dessa construção teórica. (WOLF, 1994. p.96)

Mas a real necessidade de se perpassar pelos fenômenos de recepção enquanto estudos de fenômenos culturais é basicamente produto da compreensão das imbricações entre cultura e comunicação em tempos de contundentes transformações, seja devido ao processo de transnacionalização cultural, do mercado globalizado ou da interconexão planetária das redes que operam por meio de satélites, uma vez na qual Martín-Barbero nos informa que *“la comprensión de esos cambios rebasa el paradigma comunicativo, ya sea el de la transmisión o el de los efectos, exigiendo un acercamiento transdisciplinar(...)*”. (MARTÍN-BARBERO, 1991. p.4) Conseqüentemente, tais mudanças resultaram em uma exigência por parte dos teóricos por um novo ponto de vista no campo dos estudos de recepção de tal forma que desconstruísse a problemática da dominação da dominação, do sujeito passivo dominante nas análises funcionalistas e frankfurtianas.

A partir daí, Martín-Barbero sugere uma quebra com o protótipo hegemônico dos estudos de recepção; ou melhor, a do estudo de efeitos, que tende a conjecturar, determinar ou avaliar os resultados sob o respaldo da concepção funcionalista na qual a ato comunicativo se caracteriza pelo “chegar” de uma informação com a semântica já preparada, pronta de pólo a pólo, no sentido, da atribuição absoluta ao emissor da capacidade de persuasão e produção

dos efeitos anelados na perspectiva do receptor. O ambiente de recepção, por sua vez, restringe-se à condição de mero recinto de atulhamento dos conhecimentos produzidos no espaço de emissão, o que caracteriza uma relação fracionária para com os componentes do processo comunicativo.

Martin-Barbero propõe que se ultrapasse o conceito do paradigma da transmissão e dos efeitos para a aquisição de um novo olhar sobre o receptor, visto agora enquanto sujeito produtor de ação, que transaciona, que permuta, que ajusta, compactua ou refuta os referenciais advindos do outro lado e, conseqüentemente, também promove o andamento da formação do sentido das mensagens que lhes são chegadas, deixando visível a capacidade de autonomia e réplica das camadas populares.

No que toca às análises frankfurtianas que se propõem à inteligir receptor, Martín-Barbero chama a atenção para a forma como o mesmo é enxergado, enquanto elemento passivo, subjugado, dentro de um olhar, segundo ele, carregada por “um profundo moralismo (...) segundo a qual o receptor é uma vítima, um ser manipulado, condenado ao que se quer fazer com ele”. (1995, p.40.)

Deixa-se flagrante, dessa maneira, que o autor prima por uma percepção de recepção que resgata o sujeito enquanto negociador dentro do esquema que rege o processo comunicativo, em outros termos, o sujeito passa a ser tratado como aquele que embate, seleciona, contesta, aceita ou rejeita a assimilação dos significantes da outra extremidade cultural. Defende, ainda, a aniquilação da “confusão epistemológica do modelo condutista que confunde o sentido dos processos de comunicação na vida das pessoas com o significado dos textos, das mensagens, ou mesmo da linguagem dos meios”. (1995, p.40) Ou seja, sugere uma aceitação da recepção enquanto espaço de originamento de sentido no discorrer do processo de comunicação.

A perspectiva das mediações culturais traz uma nova visão para os estudos da recepção, que passa a entendê-la como um estágio, “como uma espécie de um outro lugar, o de rever e repensar o processo inteiro da comunicação”. (1995, p.40) Entendendo-se assim que o vínculo dos fatores da comunicação não se concretiza de forma linear, e sim, ligada a uma urdidura de relações mediacionais.

Na sua obra intitulada “De los Medios a las Mediaciones”, publicado pela primeira vez em 1987, Jesús Martín-Barbero tece um conceito de mediação cultural como “(...) los lugares de los que provienen las construcciones que delimitan y configuran la materialidad social y la expresividad cultural (...)”. (p.203) As mediações culturais remetem às influências que a trama cultural implica sobre as maneiras nas quais as relações sociais são enleadas ou, como

postula Orozco, (...) “es el lugar desde donde se otorga el sentido al proceso de la comunicación”. (1997, p.114)

Para Orozco, a teoria das mediações culturais não viabiliza uma conexão objetiva e imediata ao modo clássico: emissor, meio, mensagem e receptor, já que todo o ciclo de relações é mediado, de uma forma na qual inexistem conexões diretas entre os elementos, uma vez na qual existem diversas mediações que incidem e amoldam a interação entre os fatores. (1997, p.114) Ainda dentro dessa linha de pensamento ele afirma a impossibilidade de previsões acerca do comportamento dos objetos de estudo, chamando a atenção para a imprevisibilidade e complexidade presente nos estudos de recepção baseados nas mediações culturais, pelo fato da quebra do esquema tradicional composto pela dualidade emissor/receptor sem interferências subentendidas pelo contexto, por uma relação a partir de então mais complexa.

Ainda também, ele alerta para a importância de se enxergar os contextos nos quais se passam as respectivas relações, assim como ainda provoca o pesquisador pela busca das origens últimas das mediações que vão exercer influência na totalidade e nas relações entre os diferentes componentes. (1997, p.114) Em outras palavras, as mediações eleitas para a instrumentalização da pesquisa devem ser as que dêem margem para uma compreensão dos processos de recepção da forma mais ampla possível, aquelas que realmente abrangem as demandas requeridas pelo inquiridor para o atendimento de suas postulações científicas e as do objeto, para o fornecimento dos subsídios informacionais que atendam a pendência pelo deslindamento de suas incógnitas.

1.2 Modelo das Multimediações Culturais

Após a operacionalidade prática do conceito das mediações culturais vir a ser bastante debatida por diversos expoentes da comunidade científica, Orozco, no intuito de obter mais instrumentalização a partir do arcabouço conceitual de Martín-Barbero, elabora o Modelo das Multimediações, na qual são levadas em consideração uma série de fontes de mediação que são relevantes para o entendimento da relação dos expectadores com os meios, para que assim, os elementos subentendidos nessa pluralidade de mediações assumam os papéis de determinantes de estruturação e estabilização, dando forma, disformando e reformulando

simultaneamente a interação da assistência com os meios e a geração de aceção por parte dessa mesma assistência por meio da interação.

Orozco postula que as mediações que constituem a interação entre as audiências e os meios são incutidas pelos referenciais culturais, permitindo uma assimilação nas respectivas mediações: individuais, institucionais, mass-midiáticas, situacionais e referenciais.

Segundo o autor, mediações individuais *“son las que provienen de nuestra individualidad como sujetos cognoscentes y comunicativos (...)”*. (1997, p.116) Ele remete aos esquemas intelectuais através dos quais um indivíduo compreende, distingue, identifica, se apropria, incorpora, determina a valia das coisas, das pessoas e seus atos, por meio da apreciação do merecimento que resulta em estima ou desprezo, assim como também se exprime diante do mundo. E destaca o fato de que, para a psicologia, a percepção humana se dá por meio de esquemas mentais de significações e que, para os representantes da escola culturalista, tal combinação de forças compreende o repertório por meio do qual uma pessoa classifica dentro de uma linha de sentido as informações e os elementos de conhecimento suscetíveis de serem transmitidos e conservados graças aos suportes e aos códigos.

No que toca às mediações institucionais, o autor explana que um indivíduo *“participa en distintas instituciones y allí también se le da sentido a la propia producción de significados: allí también se producen significados, se produce cultura y se interactúa con otra serie de informaciones”*. (1997, p.117) Esclarece ainda a respeito da importância diversa que cada uma dessas instituições leva a efeito em termos de concentração de influência, capacidade de gerar possibilidades, auferir o domínio e captação instrumentos e mecanismos enquanto recursos de mediação.

A respeito da mediação mass-mediática, podemos salientar que Orozco Gómez realiza uma interpretação de Martín-Barbero na qual ele afirma que a tecnologia em si exerce uma mediação. (1997, p.117) Cada tecnologia seria dotada de uma linguagem singular, exercendo influências distintas nos processos de percepção e interação dos receptores. Já sobre as mediações situacionais, ele defende que a situação da recepção, vista desde o indivíduo em seu caráter ímpar ou na perspectiva coletiva, faz resultar em heterogêneas interações.

Desfechando, ele diz que as mediações referenciais abarcam toda a gama de características que territorializam em um contexto específico, seja a faixa etária, o gênero, a raça, a etnia ou a classe social. (OROZCO GOMES, 1997, p.118) O que dá margem para a contextualização, por parte do pesquisador, das referências que remetem ao receptor em questão.

Fazemos uso desse modelo em nosso estudo, com as inevitáveis divergências e aproximações de interpretação e uso, conforme nos ocuparemos no capítulo seguinte.

CAPÍTULO 2

UMA RELAÇÃO DE FORÇAS ENTRE O TRABALHO PRODUTIVO NO DESENVOLVIMENTO LOCAL, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, RECEPÇÃO E COTIDIANO

Iniciamos esse capítulo articulando noções de produtividade dentro das relações laborais que condigam com a noção contemporânea de desenvolvimento local, que não mais se restringe unicamente aos indicadores de crescimento econômico, mais também engloba a melhoria da qualidade de vida das pessoas e até do meio ambiente. Dentro dessa orientação realizamos uma leitura particular desse processo, por meio de asserções resultantes de conclusões lógicas que resultam de raciocínios realizados através da análise reflexiva do ponto de vista marxiano, ou seja, de escritos do próprio Karl Marx, quanto ao trabalho produtivo, para que dessa maneira torne-se viável uma orientação preliminar que perspective a ótica utilizada na incursão pelos domínios teóricos que se seqüenciam, pois o desenvolvimento local pressupõe uma transformação consciente das esferas da sociedade local. (MILANI, 2005)

2.1 – A Noção de Produtividade nas Relações Laborais Revisitada Desde a Perspectiva Marxiana

O tradicional espírito burguês considera absolutas e, portanto, formas naturais e eternas as maneiras capitalistas de produção, podendo provocar confusão entre o que configuraria o trabalho produtivo do ponto de vista capitalista, de que trabalho seria em geral produtivo ou do que caracterizaria o trabalho produtivo de forma mais ampla, porém, para desenvolvermos o diálogo entre os arcabouços teóricos focados nesse capítulo, partimos do pressuposto de que todo trabalho que produza alguma coisa, um resultado qualquer é categorizado como trabalho produtivo, seja não tão-somente na geração de divisas, mas também na geração de capital social, refletido na resolução dos dilemas das ações coletivas, no aperfeiçoamento da cooperação voluntária e o aumento da reciprocidade generalizada das redes solidárias, que, por sua vez, resultam em uma melhoria nos princípios de participação cívica tanto entre os sistemas de relações verticais quanto horizontais.

Não concordamos completamente com a orientação de que só o trabalho que se transforma diretamente em capital, e que faz do capital variável a grande magnitude, é que pode ser considerado como trabalho produtivo. Desta forma estaríamos limitados meramente à discussão economicista que se prende à indagação entre as assertivas de que seria o trabalho a origem em si da mais-valia ou, em contrapartida, de que seria ele a força que permitiria ao capital criar mais-valia, assumindo a figura de capital, de valor que cresce por si mesmo.

Segundo essa linha de pensamento as forças produtivas sociais e gerais do trabalho seriam forças produtivas do capital. Mas essas forças produtivas só diriam respeito ao processo de trabalho ou só se remeteriam ao valor de uso, representando propriedades inerentes ao capital como coisa, seu valor de uso, não influenciando diretamente no valor de troca. Trabalhassem uma centena de pessoas em conjunto ou cada uma delas por si, o valor de seu produto seria igual a cem jornadas de trabalho, seja qual fosse a quantidade de produtos em que se representasse. Ou seja, resulta por ignorar a influência do trabalho em toda a sua abrangência social dotada de subjetividades, relevando apenas a variação na produtividade do trabalho como influência no valor de troca.

Mas no entanto compactuamos com a afirmação de que:

A única causa que motiva o proprietário de um capital, antes de o aplicar na agricultura ou na manufatura ou num ramo particular da venda por atacado ou do comércio varejista, é o ponto de vista do próprio lucro. Nunca se lembra das quantidades de ‘trabalho produtivo’ que estes diferentes tipos de aplicação ocasional [...] ou o valor que é acrescido ao produto anual das terras e do trabalho da terra. (SMITH apud MARX, 2001. p. 84)

Se a produtividade do trabalho se desenvolve num ramo particular de atividade, como o ramo da tecelagem, por exemplo, que está diretamente relacionado ao ramo de confecções, que por sua vez se vincula diretamente ao nosso estudo de caso, supomos, então, que se estivéssemos na fase de transição dos teares manuais pelos teares mecânicos onde se exigisse a produção de uma jarda de tecido por cada tear mecânico apenas metade do tempo requerido pelo manual, então uma jornada de doze horas de um tecelão manual não representariam mais um valor de doze horas e sim de seis, pois sob tais parâmetros o tempo de trabalho necessário se reduziria para seis horas. As doze horas do tecelão manual só configurariam seis horas de tempo de trabalho social, embora ele continue laborando doze horas como outrora. Tomemos outro ramo de atividade como exemplo: a confecção de artesanatos, onde não se emprega maquinaria mecanizada. Nesse ramo, doze horas produzem tanto valor quanto doze horas em ramos de produção em que a maquinaria tem desenvolvimento máximo. Por conseguinte, o

trabalho que produz valor continua sempre a ser trabalho do indivíduo, mas se expressa na forma de trabalho geral. O trabalho produtivo - como trabalho que produz valor - confronta, por isso, o capital sempre na forma de trabalho, da força de trabalho individual, do trabalhador isolado, sejam quais forem os posicionamentos sociais dos quais participem esses trabalhadores no processo de produção.

É necessário não assimilar enquanto propriedade natural do capital o produto da labuta excedente e a apropriação das forças produtivas sociais, mas sim a propriedade natural do trabalho que consiste na geração das próprias forças sociais como potências produtivas do capital e o próprio produto excedente, desvirtuando o esquema tradicional da exploração da mais-valia, que se fundamenta na exploração do tempo de trabalho que o trabalhador entrega ao capitalista depois de haver trabalhado o suficiente para reproduzir o valor de sua própria força de trabalho, uma vez na qual:

Para o capitalista, o meio mais útil de aplicação do capital é aquele que, com o mesmo grau de segurança, lhe proporciona o maior lucro. Esta aplicação nem sempre é a mais vantajosa para a sociedade; (...) a mais conveniente (para a nação) é a que se emprega para obter o lucro das forças produtivas da natureza (SMITH apud MARX, 2001. p. 84)

A produtividade do capital consistiria em se contrapor ao trabalho convertido em trabalho assalariado, e a do trabalho, em se contrapor aos meios de trabalho convertidos em capital. O dinheiro se tornaria capital, isto é, dado valor de troca se converteria em valor de troca que acresceria a si mesmo, em valor adicionado de mais-valia, em virtude de que parte dele transformar-se-ia em mercadorias utilizadas como meios de trabalho para o trabalho (matérias-primas, instrumentos, em suma, as condições materiais de trabalho), assim como também na compra de força de trabalho. Mesmo assim, essa primeira troca entre o dinheiro e a força de trabalho, ou a mera compra desta, que ainda seria capaz de transformar o dinheiro em capital. Essa compra incorporaria ao capital o uso da força de trabalho por um delimitado tempo ou tornaria uma específica quantidade de trabalho vivo um dos modos de existência, por assim dizer, do capital em si.

No processo de produção, de acordo com Marx e seus prosélitos, o trabalho se converteria realmente em capital, mas essa conversão dependeria da troca originária entre dinheiro e força de trabalho. Só em virtude dessa conversão direta da força de trabalho em trabalho materializado pertencente não ao trabalhador e sim ao capitalista é que o dinheiro se reverteria em capital, inclusive a parte dele que assumiu a forma de meios de produção, de condições de trabalho. Somente essa relação definida com o trabalho transformaria o dinheiro

ou a mercadoria em capital, e constituiria o trabalho produtivo que, por meio dessa relação que mantém com as condições de produção e a que corresponde determinado comportamento no processo de produção efetivo, transformaria o dinheiro ou a mercadoria em capital, ou seja, manteria e agregaria o valor do trabalho materializado, que se tornou independente em relação à força de trabalho. Em outros termos, a terminologia “trabalho produtivo” originariamente seria algo próximo de uma designação abreviada do conjunto do relacionamento e dos modos em que a força de trabalho figura no processo capitalista de produção. É precípuo, porém, reiterar a maior abrangência da perspectiva de nossa utilização nesse trabalho, uma vez na qual consideramos fatores mais subjetivos dentro das relações de trabalho que não apenas a expressão da especificidade da forma de organização laboral sobre o qual repousa o modo capitalista de produção e o próprio capital.

Tentamos, portanto, redirecionar a noção do que é o “trabalho produtivo”, da forma como é concebido pelo sistema de produção capitalista, que só o reconhece quando produz mais-valia para o empregador ou quando transforma as condições materiais de trabalho em capital e o dono delas em capitalista e, por conseguinte, faz o trabalho transformar o próprio produto em capital. Assim, ao falar de uma relação de trabalho produtiva, falamos de trabalho socialmente definido, trabalho que envolve relações amplas, porém bem determinadas, entre os diversos atores sociais envolvidos, sejam eles os consumidores, os funcionários ou os donos dos meios de produção, que não se limitam à mera relação entre valor de troca, plasmada a partir da permutação de dada quantidade do trabalho materializado contra uma quantidade de trabalho vivo, mas sim, transcendendo a partir da uma análise mediacional mais próxima da noção de valor de uso, que se caracteriza quando o capital aparece no processo de trabalho de acordo com suas relações específicas e as combinações sociais de seu desenvolvimento.

Por isso, aqui podemos caracterizar enquanto indicadores de produtividade dentro das relações laborais não apenas o que se troca diretamente por alguma espécie de numerário na qualidade de capital ou, simplificando, o que se troca por dinheiro que, em si, é o capital, pois procuramos evidenciar os ganhos humanísticos dentro dessa rede de relacionamentos resultantes de um processo produtivo que opera dentro dos parâmetros e ditames estabelecidos pela progressiva capitalização da sociedade.

A produtividade dentro das relações de trabalho se caracteriza aqui, portanto, não nos determinantes que enquanto para o trabalhador meramente reproduzem o valor preestabelecido de sua força de trabalho, mas sim, como atividade que gera o valor, que acresce o valor do capital financeiro, humano e social e contrapõe aos atores sociais os

próprios valores que foram gerados nas mais diversas formas, sejam dos elementos e procedimentos de valor material ou simbólico.

2.2 – A Teoria das Representações Sociais

O limiar da conceitualização de Representação Social aconteceu a partir do trabalho de Serge Moscovici intitulado *La psychanalyse, son image et son public*, publicado no ano de 1961, ocasião na qual o autor explana acerca da representação social da psicanálise da população parisiense no final do decênio de 1950, numa tentativa de resgatar o dimensionamento social da Psicologia Social, integrando-se a uma orientação psicossociológica, de origem européia, que exprobra a corrente psicologista de tradição estadunidense que predominava com os seus estudos direcionados quase que somente para os processos psicológicos individuais.

Tendo Alport como um dos seus grandes representantes, essa linha de pesquisa norte-americana reforça a tendência desse autor em enfatizar os processos psicológicos individuais sobre o social. Moscovici, buscando alternativas para se enquadrar nos parâmetros dessa corrente, concebe o conceito de Representações Sociais:

Por representações sociais, entendemos um conjunto de conceitos, proposições e explicações originado na vida cotidiana no curso de comunicações interpessoais. Eles são o equivalente, em nossa sociedade, dos mitos e sistemas de crenças das sociedades tradicionais: podem também ser vistas como a versão contemporânea do senso comum. (MOSCOVICI, 1961)

Sua definição do conceito de Representações Sociais deixa clara a questão da interpessoalidade na construção dos processos comunicativos que constituem as representações, externando a validade delas para esses mesmos processos. Desta forma ele respalda o encabeçamento no social a partir do conceito de representações sociais, lançando argumentos em prol da contingência de distinção entre as representações dos demais esquemas de pensamento coletivo, estabelecendo o que pode ser denominado de psicossociologia do conhecimento. Por isso as representações sociais carregam o *status* de teorias do senso comum, por se tratarem de teorizações resultantes da percepção, interpretação e consolidação dos significantes sociais dentro do espaço amostral delimitado pelo cotidiano.

E a partir das explanações e questionamentos acerca da tensão resultante devido à mixórdia existente entre as relações laborais e os fenômenos sociais que constroem seus campos de significação dentro dessas fronteiras, pretende-se investigar também as Representações Sociais dos atores sociais envolvidos no processo produtivo do Pólo de Confeções de Santa Cruz do Capibaribe. Para que isso se torne possível, é primordial uma análise das implicações metodológicas das Representações Sociais, examinando a sua margem de alcance por meio da elaboração de comparações da realidade com outras linhas teóricas, no intuito de perpassar o universo das percepções relacionado ao objeto de pesquisa, ou seja, os registros mnemônicos de experiências acumuladas através da história e transmitida pelas gerações, as experiências socialmente compartilhadas por cada determinada geração e as experiências individuais de cada integrante da coletividade, acumuladas através da repetição das práticas culturais perpetuadas ao longo da cronologia. Afinal,

(...) se uma representação social é uma 'preparação para a ação', ela não é somente na medida em que guia o comportamento, mas, sobretudo na medida em que remodela e reconstitui os elementos do meio ambiente em que o comportamento deve ter lugar. Ela consegue incutir um sentido ao comportamento, integrá-lo numa rede de relações em que está vinculado ao seu objeto, fornecendo ao mesmo tempo as noções, as teorias e os fundos de observação que tornam essas relações estáveis e eficazes. (MOSCOVICI apud COSTA, 2004, p.49)

Complementando:

Sabemos que o espaço ao uso que se destina e, normalmente, diversas atividades se dão em seus diversos recortes. Compreendemos, inclusive, que a permanência ou mudança dos significados relaciona-se às maneiras pelas quais venha a ser usado e apropriado. É assim que as regras socialmente estabelecidas estão permanentemente em construção e a atividade, ao dotar o espaço de significação, constrói a identidade. (CARACAS, 2002, p.13)

A Teoria das Representações Sociais se apresenta como proposição de uma marcha epistemológica para a elucidação dos fatos comuns na rotina da vida moderna, sendo aplicada por muitos autores na atualidade devido à sua plasticidade, desde nomes como que trabalham o estudo das Representações Sociais na identidade pessoal ou coletiva seja no cenário nacional ou internacional, através de utilizações em campos empíricos variados, como pesquisas vinculadas a áreas diametralmente opostas ou reciprocamente complementares como o desenvolvimento rural e o planejamento urbano.

Tendo, tal teoria, irrompido dos desvãos da psicologia, se reverteu em estopim da ruptura com os modelos funcionalistas e positivistas que vigoravam na época e, naturalmente, enfrentou a impugnação por parte dos saberes até então dominantes – o behaviorismo e o “marxismo de tipo mecanicista” (JODELET, 1989, p. 26) – então, por conseqüência, permaneceu no ostracismo por um relevante interregno de tempo no mundo científico, até se difundir nos anos de 1970 por áreas diversas como sociologia, antropologia, filosofia e história, após despertar um interesse na pesquisa que faz retomar abordagens teóricas, empíricas, experimentais e não-experimentais, se tratando em sua trajetória, claramente, de uma demonstração de que a refutação de novos paradigmas se dá por razão da intimidação acerca das possibilidades de transformações sociais que estão subentendidas, algo um tanto quanto lugar-comum na história do pensamento científico, se levarmos em consideração o que se passou com Galileu, Darwin, Freud, Marx e Einstein.

Moscovici, assim define Representação Social:

Um sistema de valores, noções e de práticas tendo uma dupla tendência: antes de tudo instaurar uma ordem que permite aos indivíduos a possibilidade de se orientar no meio ambiente social, material e de dominar. Em seguida, de assegurar a comunicação entre membros de uma comunidade propondo-lhes um código para nomear e classificar de maneira unívoca as partes do seu mundo, de sua história individual ou coletiva. (MOSCOVICI, 1961)

E ainda afirma que:

Representar significa, a uma vez e ao mesmo tempo, trazer presentes as coisas ausentes e apresentar coisa de tal modo que satisfaçam as condições de uma coerência argumentativa, de uma racionalidade e da integridade do grupo [...] que isso se dê de forma comunicativa e difusiva, pois não há outros meios, com exceção do discurso e dos sentidos que ele contém, pelos quais as pessoas e os grupos sejam capazes de se orientar e se adaptar a tais coisas. (MOSCOVICI, 1961)

Jodelet (1989), afirma que as Representações Sociais podem ser definidas como os princípios geradores das tomadas de posição ligadas às inserções específicas dentro de uma reunião de correlações sociais. Esses princípios organizariam os processos simbólicos intervindo nas tais referências sociais, então, as tomadas de posição se efetuariam dentro das

referências de comunicação e concerniriam a todo objeto de conhecimento uma importância dentro dos referenciais que se relacionam aos agentes sociais.

Ela também classifica as Representações Sociais como um modo de conhecimento, socialmente elaborado e partilhado, tendo um objetivo prático e concorrendo para a ereção de uma realidade comum a um grupo social.

É inelutável ainda pôr em evidência o fato de Moscovici ter partido do conceito de Representação Coletiva de Émile Durkheim, substituindo-o posteriormente. A justificção do sobrepujamento terminológico se respalda em um sentido, no mosaico de origens composto tanto pelos indivíduos quanto pelos grupos, e no outro, pela valorização da primordialidade da comunicação enquanto fenômeno que viabiliza a convergência das pessoas, uma vez que o sociólogo francês classifica e opõe as Representações Coletivas às Representações Individuais defendendo que o pensamento social seria dotado de uma matéria e estados exclusivos que apenas poderiam ser explicados por outros fatores, ou seja; as Representações Coletivas possuiriam leis próprias e uma outra natureza distinta do pensamento individual. Para Durkheim, a sociedade é que pensa, ela seria o esteio das Representações Coletivas, com existência própria e reprodutividade no meio social, ainda que em contato com outras representações.

Então, percebendo o caráter por vezes simplista e generalizante dessa perspectiva, Moscovici elaborou as Representações Sociais com base na antinomia interativa na qual elas são em um mesmo instante originadas e contraídas, de maneira a evidenciar o fato de que são heterogêneas, ou seja, não são partilhadas enquanto tais pela sociedade em geral, pois sua existência incorre sobre condições socialmente diferenciadas. Como consequência da divisão social do trabalho elas são, portanto, partilhadas no ecletismo das diferenciações existentes dentro da composição da tessitura social.

O fato de que procura Moscovici não é a tradição de um social pré-estabelecido das sociedades ditas ‘arcaicas’, como fizera Durkheim, mas ele se interessa pela ‘inovação’ de um social ‘móvel’ do mundo moderno transformado com a divisão social do trabalho e a emergência de um novo saber: a ciência. Momento em que se instaura uma nova ordem social no que concerne à desigualdade quanto à produção e à circulação desse conhecimento instituído, veiculado por uma minoria de ‘experts’ e consumido por uma maioria de ‘sábios amadores’ (DOISE, 1998, p. 06)

Antes de se concretizar a estruturação do modelo das Representações Sociais, a forma de pensar das massas, freqüente denominada de “senso comum”, era tida como um *corpus* de conhecimento quase inextricável, em comparação ao conhecimento científico um verdadeiro

paradoxo, desprovido de facúndia e carregado de inumeráveis desvirtudes, o que levou Moscovici a alegar que suas amofinações científicas acerca de tal forma de conhecimento e da fenomenologia comunicativa que lhe dá respaldo se encontram, principalmente, na inquirição do lugar em que se fecundaram e desenvolveram, e não onde o conhecimento científico teria sido pervertido e distorcido.

Para dar consistência à compreensão das Representações Sociais, se faz necessário entender os aspectos constituintes de uma Representação Social. Inseridas no âmago desse cabedal dialético, estão contidas as referências à “figura e à significação” como pólos não muito dissociáveis. Nesse caso, a palavra figura acaba por ser usada pelo fato de assumir melhor a acepção na expressão e construção do sujeito, em outras palavras: “para cada figura existe um sentido e para cada sentido existe uma figura”. (COSTA, 2004, p.31)

No entanto, para aclarar ainda mais o entendimento é preciso saber que a formação das Representações se dá por meio da objetivação e da ancoragem (amarração). A objetivação acontece por meio de um procedimento que envolve imaginação e estruturação, no qual se converte uma abstração em algo corporificado, ou melhor, em que se integra o que outrora apenas habitara a esfera das figuras ou das alegorias ao campo de significação do mundo real, concretizando o elo entre a específica palavra e alguma coisa; enfim, transforma em objeto o que somente fora representado. No respectivo trabalho, significa analisar se os atores, envolvidos por vínculo atual ou progresso, executam atividades coletivas e adquirem idiosincrasias que ignoram o gradativo processo de obsolescência a que é legado o espaço e o pouco caso ou a inobservância em relação à sua realidade precedente. Já na ancoragem, que está dialeticamente ligada à objetivação, acontece o enraizamento tanto da representação quanto do seu objeto, que tem por utilidade consolidá-la – são pontos referenciais, a história, os costumes, a determinação de significantes e a concatenação dos significados. Neste caso, significando uma abordagem das conseqüências das mudanças ocorridas no perfil urbanístico da localidade em relação à alteração ou à conservação das formas de viver e dos hábitos em ampla perspectiva de articulação com a dinâmica social.

Se a objetivação explicará como os elementos representados de uma teoria se integram enquanto termos da realidade social, a ancoragem permite compreender a maneira na qual eles contribuem para exprimir e constituir as relações sociais. (MOSCOVICI, 1961, p.318)

Sendo assim, a opção por esta Teoria aconteceu devido ao fato dela primar pelos significados, pelos sentidos, pelos atos de entendimento e pelo saber socialmente constituído e comungado, dando margens e instrumentos para uma observação reflexiva em direção aos espaços, aos indivíduos e aos grupos sociais que constituem o quadro social das relações laborais do Pólo de Confecções de Santa Cruz do Capibaribe.

2.3 – Representações em perspectiva mediacional

Apresentados os preceitos elementares da Teoria das Mediações Culturais de Martín-Barbero e da teoria psicossocial das Representações Sociais de Moscovici, seguimos, a partir desse momento, para uma paulatina exposição dos nossos argumentos para a utilização das respectivas matrizes teóricas na presente pesquisa.

Evidenciemos que em meio às alternativas teórico-metodológicas apresentadas pela Teoria das Mediações Culturais dos estudos de recepção, procuramos interpretar a significação que os receptores elaboram a partir das diversas instâncias que integram o processo de comunicação, não relevando apenas um exclusivo campo de emissão unilateral de mensagens sujeitas às interferências das diversas mediações, mas sim um processo multilateral e também mediatizado, o que pode ser entendido como uma tentativa de compreensão das influências das imagens simbólicas ou dos conceitos formados pelos indivíduos envolvidos nas práticas laborais do pólo de confecções de Santa Cruz do Capibaribe e suas conseqüências dentro desse campo do universo significativo.

No intuito de trabalharmos por um aprofundamento mais consistente nessa significação, associamos a teoria básica de nossos estudos a outro aporte teórico que nos permitisse substancializar esse anelo. Desta forma, fizemos uso dos preceitos resultantes dos estudos de representações culturais, que nos forneceram subsídios adequados para um novo arejamento desses arcabouços, e justificamos esse argumento, sobretudo, ao fato de que podem ser encontradas convergências mútuas em certos pontos. Podemos entender que a Teoria das Representações também objetiva inteligir a semântica atribuída a um objeto pelo sujeito. Depois, quando Moscovici compreende as representações sociais enquanto “um conjunto de conceitos, proposições e explicações originadas na vida cotidiana e no curso das comunicações interpessoais”, (SÁ, 1995, p.32) e, por outro lado, Martín-Barbero entende “a recepção como um espaço de produção de sentidos” na rotina dos processos comunicativos.

Vale ressaltar que ambas as confluências teóricas põem em evidência o cotidiano e as interpessoalidade das relações na consolidação de conceitos ou de sentidos, assim como a necessidade de centralização nos costumes segmentados através das relações sociais por parte do pesquisador encarregado. Mais um ponto de anuência mútua é no que diz respeito à valorização do conhecimento originário do senso comum. Os “estudos de cotidiano” são, segundo Martín-Barbero, reintrodutores da “categoria do senso comum”, (1995, p.59-60) uma vez na qual as formulações teóricas das representações direcionadas têm o conhecimento do senso comum como elemento central o esteio dessa interseção entre as duas é o fato de que ambas dão ênfase a um indivíduo que é sujeito atuante, dotado de capacidade de produção de um sentido singular para as mensagens que lhes chegam, ou, na linguagem dos teóricos das representações, “os indivíduos não são apenas processadores de informações, nem meros ‘portadores’ de ideologias ou crenças coletivas, mas pensadores ativos (...)”. (SÁ, 1995, p.28)

Tanto na Teoria das Mediações Culturais quanto na Teoria das Representações Sociais os acontecimentos pertinentes à comunicação e suas implicações são avaliados e percebidos com bases referenciais fundamentadas no panorama sociocultural de respectiva delimitação. A primeira teoria foca a situação dos pré-requisitos e subsídios gerais inerentes à produção, e dentro das Representações Sociais elegemos o viés do produto, no qual essas representações consecutivamente manifestam suas condições de surgimento. Ou seja, nem uma nem outra matriz teórica é tratada como um fenômeno disjunto do contexto mais amplo, dotado de mediações de caráter sociocultural que proporcionam ilimitadas influências.

Por isso, conjugamos as duas teorias no ímpeto de reaver o espaço de recepção dos estímulos comunicacionais das pessoas que exercem as atividades laborais do Pólo de Confecções de Santa Cruz do Capibaribe, o que pode ser denominado de representações em perspectiva mediacional ou também de representações mediatizadas. Trabalhamos desde o pressuposto da elaboração da construção dessas representações por parte do próprio contingente engajado nas etapas necessárias para o funcionamento do pólo de confecções, na sua relação com as instâncias econômicas e culturais com alicerce nas influências das multimediasções culturais.

Foi no Modelo das Multimediasções Culturais de Orozco que encontramos o direcionamento para a estruturação baseada em elementos empíricos. Mesmo tendo o autor elaborado o modelo de forma direcionada para a interação unívoca TV versus audiência, realizamos as devidas aproximações para que o modelo se preste à nossa causa, já que abstraindo as especificidades, as multimediasções na visão do autor ajudam a caracterizar bem a interação entre os elementos da cultura popular e da cultura hegemônica.

Conseqüentemente, para analisarmos o nosso problema de pesquisa – que procura compreender como as medições culturais interferem nas relações laborais vinculadas ao pólo de confecções, relevando a diversidade de variantes que permeiam o nosso universo eleito –, estruturamos a nossa hipótese geral: as mediatizações das representações dos indivíduos que realizam atividades laborais vinculadas ao pólo de confecções de Santa Cruz do Capibaribe exercem consideráveis influências nos direcionamentos de ofertas e no desempenho produtivo e mercantil desse respectivo conglomerado.

Nesse sentido, selecionamos as mais importantes na influência do processo comunicativo desenvolvido entre os trabalhadores vinculados ao pólo de confecções e as pressões externas advindas das demandas de mercado e das mudanças da conduta coletiva conseqüentes da inserção em um cenário social estabelecido sob a influência do *mass media* e da ideologia capitalista de acumulação de divisas. Chamamos atenção, no entanto, para a observação de Orozco, de que o Modelo das Multimedias não está acabado e, sim, em formação, sendo dever do investigador a busca pela perceptibilidade intelectual acurada, capaz de complementá-lo na medida em que for usado no empírico, uma vez na qual existem várias realidades culturais nas quais se implicam mediações que não são previstas no modelo. Por esse motivo, acrescentamos algumas mediações que não estão presentes nesse modelo, mas que parecem interessantes na compreensão das representações.

2.3.1 – Mediação de heterogeneidade de temporalidades

De acordo com Tauk Santos e Nascimento, as mediações não são balizadas prontas para que o pesquisador se aproprie para explicar um determinado fenômeno. “Antes trata-se de uma construção metodológica na qual é o próprio objeto quem revela ao pesquisador quais as mediações que estão interferindo no processo”. (1994, p.1) Direcionados para o universo empírico-investigativo nos afrontamos com uma rede de mediações que se conectam e convergem dando o cariz das representações do contingente humano envolvido em relações laborais relacionadas ao pólo de confecções em questão.

Procuramos dar destaque àquelas que nos parece influenciar de forma mais incisiva o nosso espaço amostral. O que nos é revelado nos primeiros contatos empíricos é uma considerável heterogeneidade humana, composta pela coexistência de grupos que além das inúmeras diferenças, podemos destacar a distinção através da temporalidade do envolvimento com as respectivas atividades, o que acarreta em diferenciações em vários aspectos.

Desta forma, tomando a temporalidade como referencial, podemos distinguir três grupos de trabalhadores dentro desse microcosmo, primeiramente o grupo das pessoas que já se encontravam envolvidas com o segmento de confecções antes de esse ramo ser alçado a status chave dentro do cenário econômico do município de Santa Cruz do Capibaribe, depois, o grupo dos indivíduos do mesmo município e também das adjacências que migraram de suas atividades anteriores para atividades vinculadas às confecções, e, por fim, o mais recente grupo, compreendido tanto por novos empreendedores, que direcionaram seus esforços para esse ramo impulsionados pela busca de um nicho próspero de atividades, quanto pelos assalariados que ocuparam as vagas de trabalho resultantes da ampliação do conglomerado.

Podemos demonstrar as explícitas distinções entre eles ao sinalizarmos para fatos como a profissionalização da atividade para pessoas que lidavam com uma prática outrora até certo ponto distante das grandes prospecções de pujança versus as novas dinâmicas dentro das práticas profissionais requeridas pela mudança do perfil das atividades e a tensão entre a existência ou ausência de vínculos empregatícios legalizados e os benefícios ou desvantagens de uma ou outra situação para as partes envolvidas. Tais fatos nos acenaram para os traços de composição híbrida no que se refere ao traço da heterogeneidade temporal.

O estudo teórico em Martín-Barbero nos instiga ao vislumbre de que a mediação de heterogeneidade seria a primeira a ser levada em consideração dentro do percurso cronológico de um estudo de recepção. Mediante o caráter polissêmico de nossa abordagem empírica nos pareceu coerente enfatizar essa mediação na medida em que a vinculamos às demais, o que pode ser justificado a partir da alegação do autor de que a “questão das anacronias e das diferentes relações com o tempo, ou para usar sua expressão ‘destempos’, é a primeira mediação que a recepção introduz, vista como um lugar e não como uma etapa”. (1995, p.42) Por isso, seguindo essa tendência explicitada, podemos nos direcionar para uma análise do processo de comunicação a partir da ótica do processo comunicativo enquanto lugar de imprevisível potencialidade no processamento das informações e idéias e não como um destino final, buscando reconhecer a recepção em seus aspectos múltiplos.

Pelo fato de Martín-Barbero discorrer amplamente acerca da mediação da heterogeneidade de temporalidades, procuramos revisitar os pontos de vista por ele desenvolvidos e estruturar, com argumentações fundamentadas também em outros autores, um roteiro de teorizações capaz de enfatizar a relevância das temporalidades na pesquisa, identificando-as através da diferenciação entre distintos grupos, assim como nos aspectos intrínsecos a cada um deles, destacando que os campos de significação e os respectivos

significantes relacionados aos numerosos intervalos cronológicos também se combinam dentro de cada categorização de grupo.

Torna-se coerente uma menção à reflexão de Martín-Barbero de que a concepção progressista de história, de que ela vai numa só direção, impediu de ver a multiplicidade de histórias, com seus próprios ritmos e lógicas. (1995, p.42) E então, dessa maneira, a primeira questão que se introduz na investigação da recepção é que não há mais uma só história. (1995, p.42) Ele ainda se esforça para não deixar passar despercebida a significância dos teóricos pós-modernos na anulação da perspectiva unidirecional da visão historiográfica, quando diz: “a reflexão sobre pós-modernidade tem essa questão como um dos seus eixos, (...) e, parece-me importante na pós-modernidade essa nova sensibilidade, envolvendo a multiplicidade, e a heterogeneidade de temporalidade que combinem.” (1995, p.42)

E remetendo a Milton Santos, vale apenas alegar que quando ele explica a forma na qual a geografia compreende as diferentes dimensões temporais, antes de tudo, ele esclarece que a questão que abrange tempo, temporalidade e suas implicações pode ser abordada no mínimo em dois prismas dentro da ciência geográfica: o das sucessões e o das coexistências. O primeiro conduz a uma ordem temporal, uma seqüencialidade fenomenológica com uma delimitação rigorosa entre progressos, contemporâneos e pósteros em uma sucessão contínua, irrefreável e intransponível. O segundo remete a um eixo de coexistências, no qual os fenômenos não mais se manifestam em uma ordem sucessiva, mas sim de concomitância, se plasmando de formas variadas, mas, no entanto, em uma temporalidade paralela entre os respectivos agentes sociais. (SANTOS, 1997, p.163) A seguir, o autor vem a se questionar acerca do período da sucessão, o denominado tempo histórico, que de acordo com ele assumiu por um bom tempo o posto de ponto precípua dentro das etapas preliminares no estudo da ciência geográfica. Nesse sentido, se questiona: de que forma levar adiante essa noção se inexistente qualquer espaço onde o uso do tempo seja comum a totalidade geral da humanidade? (1997, p. 164)

Finalmente, é possível destacar que respaldados a partir dos aportes teóricos com o qual dialogamos foi viabilizado um procedimento de abordagem que buscasse valorizar as distintas temporalidades dentre os trabalhadores do pólo de confecções; simplificando, como o tradicional e o vanguardista coexistem dentro das relações laborais e as implicações dentro da otimização das relações produtivas e mercantis.

2.3.2 – Mediação situacional da *aproximação e convivência*

Após a proposição da mediação da heterogeneidade de temporalidades Martín-Barbero desenvolve a idéia da mediação das “novas fragmentações sociais e culturais”, quando atenta para o fato de que por um considerável período “estudamos comunicação sem pensar no seu papel reorganizador da divisão social, e, portanto, de seu contrário, na organização dos conhecimentos”. (MARTÍN-BARBERO, 1995, p.44). Indicamos que se execute uma reflexão sobre a forma sensível como Maffesoli pensa a respeito dos mecanismos de aproximação e convivência entre os indivíduos como eixo para a percepção dessa perspectiva denominando aqui essa mediação de mediação situacional da “aproximação e convivência”.

No intuito de distinguirmos a capacidade de influência das respectivas mediações na configuração das representações dos trabalhadores e buscando preservar o enfoque inicial de relacionarmos todas as mediações às numerosas temporalidades que vinculam as coletividades organicamente, ou seja, inferimos que as subcategorizações que compõem o contingente total de trabalhadores tendem a se comportar em um contínuo fluxo de aproximações e estratégias de manutenção de uma convivência harmônica em nome da troca de conhecimentos, ardis e técnicas necessários à rotina de trabalho cuja acumulação se dá por resultado das diferenciadas experiências individuais de vivência, e uma vez potencializada a conveniência ou não conveniência dos valores em comum na rede de relações, essa mediação hipoteticamente influenciaria na orientação das condutas convencionadas através da busca por melhoramentos nas relações humanas dentro do ambiente de labuta e da ampliação da capacidade de geração de divisas dentro do respectivo nicho.

Por isso, é no âmago das temporalidades correspondente a cada caracterização de grupo que intentamos chamar atenção para a importância das estratégias de aproximação e convivência na mediatização de um ciclo de relações de trabalho produtivo no sentido humanístico e de custo-benefício. Maffesoli discorre sobre a propensão contemporânea para o surgimento de organizações na forma grupal, que ele vem a chamar de tribos, em uma referência à necessidade de agregação e compartilhamento de sentimentos e experiências apresentada pelos seres humanos. É necessário também explicitar que o autor realiza suas reflexões a partir do campo de visão europeu, porém, aproximando essas mesmas reflexões das demandas por entendimento dentro da nossa pesquisa, se torna viável o uso de uma relativização direcionada para a nossa retórica. Ele afirma que:

(...) O fato de partilhar um hábito, uma ideologia, um ideal determina o estar junto, e permite que este seja uma proteção contra a imposição(...) já podemos sublinhar que a proteção contra a imposição(...) já podemos sublinhar que a conjunção, “conservação do grupo – solidariedade – proximidade”, tem na noção de família uma expressão privilegiada. Esta família uma expressão privilegiada. Esta família deve, naturalmente, ser compreendida no sentido de família ampliada. (MAFFESOLI, 1998, p.133).

A partir do entendimento do termo *estético* na sua concepção etimológica enquanto pré-disposição comum de angariar expressões e sentimentos. Maffesoli informa que é de forma *estética* que devemos assimilar experiências dos grupos, ou *tribos*, como ele prefere fazer menção. (1998, p.105) O contingente de trabalhadores envolvidos em atividades vinculadas ao pólo de confecções de Santa Cruz do Capibaribe é composto por grupos que, mesmo mesclados entre a composição parcialmente homogênea dos pioneiros e a heterogeneidade crescente resultante da ampliação do número de pessoas envolvidas, possibilitam margens para o ressaltado dos valores em comum, conseqüentes da convergência de objetivos, das afinidades e do sentimento de solidariedade dentro de uma constante e natural necessidade de reconhecimento.

Desse modo, interpretamos que a idealização e internalização do sentimento de pertença e de solidariedade mútua deveriam ter reflexos no campo das representações, uma vez na qual elas são produtos das relações interpessoais, havendo a necessidade de reconhecimento do grupo para o seu surgimento, ou, como Maffesoli afirma, “remete a uma nova simbólica, algo que faz com que chegue a reconhecer o outro e, então reconhecer a si mesmo a partir do reconhecimento do outro”. (1992, p.07).

2.3.3 – Expectativas de consumo das mensagens do *mass media*

Prosseguindo a complementação do modelo das Multimeiações de Orozco, para uma melhor abrangência dentro da rede de mediações que entendíamos poder influenciar nas relações laborais vinculadas ao pólo de confecções de Santa Cruz do Capibaribe, nos voltamos para a mediação de expectativas de consumo dentro da geração de demandas de mercado.

Para dar esteio teórico na assimilação das influências dessa mediação na prática, buscamos subsídios nos estudos voltados para o consumo realizados por García Canclini, que defende o consumo enquanto alvo estratégico de teorização para o entendimento das culturas populares em contato com as culturas hegemônicas, buscando a desmistificação do imaginário

gerado na perspectiva dos consumidores e, desta forma, transitar por demais modelos advindos de outros campos de conhecimento das ciências humanas.

Para desenvolver o diálogo em torno dessa mediação nos voltamos para o modelo de “consumo como cenário de objetivação dos desejos”, que visa relevar a perspectiva do consumo a partir da perspectiva dos desejos do próprio consumidor relacionados ao contexto mais amplo do panorama social. A relação desse modelo com a mediação de expectativas de consumo das mensagens do *mass media* é inelutável e as operações de produção e comercialização de mercadorias do pólo de confecções sofrem constantes pressões das novas demandas e modismos gerados pelas expectativas de consumo criadas através do *mass media*. Os produtos culturais, tais como novelas, filmes, cantores... que são divulgados através dos veículos de comunicação de maior alcance acabam por influenciar no tipo de produto que vem a ser ofertado para atender essas pressões de mercado, que muitas vezes exprimem sonhos e desejos que fazem parte da consolidação da maneira de se permanecer no mundo e interpretar a realidade contribuindo para a sua construção. Não havendo necessariamente uma convergência das condições socioeconômicas e culturais vividas pelos indivíduos e os seus respectivos sonhos, ganha espaço o consumo simbólico e suas implicações.

A respeito do “consumo como cenário de objetivação dos desejos”, asseveramos *com* Martín-Barbero, “que há uma dimensão, todos sabemos, fundamental em nosso consumo, é uma dimensão libidinal, dimensão desejante, e por mais que o desejo atravesse nosso consumo, permanentemente, orienta-o (...)”. (1995, p.62) Canclini diz que, mesmo com todos os percalços de se por em evidência para apreciação pontos complexos sob um ponto de vista sociológico tal esfera da ação ou efeito de consumir precisa ser relevada. Adverte, porém, que se prime em considerar os contextos macrosociais onde se encontram os atos de consumo.

2.3.4 – Mediações referenciais

Dentro do conjunto das referências que configuram o quadro de diferenciações dentre os indivíduos envolvidos em relações laborais vinculadas ao pólo de confecções de Santa Cruz do Capibaribe, selecionamos o gênero e a idade.

2.3.4.1 Mediação gênero

No contingente analisado, pudemos perceber que os tradicionais papéis masculinos e femininos da sociedade patriarcal nem sempre se refletem na divisão do trabalho. As relações

de gênero forjadas no contexto cultural ganham paulatinamente novas configurações, fazendo com que códigos culturais até então bastante rígidos tendam a perder força, ao menos, no que diz respeito a esse campo de significação específico. No Agreste Setentrional de Pernambuco muitos valores tradicionais da sociedade patriarcal ainda continuam vigentes e bem estabelecidos, no entanto, a dinâmica familiar desta região, isto é, as relações de poder que se consolidavam no universo que outrora envolvia apenas a casa, o roçado e o mercado, (MIELLE, 1998, p.183) agora explicitam também o relativamente novo campo de trabalho estabelecido pelo pólo de confecções, que configura espaço de quebra do padrão de divisão laboral baseada no conservadorismo das atribuições de funções estabelecidas pela instituição do patriarcado.

O caráter paradoxal entre a casa e o roçado que demarca as zonas de trabalho e não trabalho, determinando os postos femininos e/ou masculinos relativos a essa divisão, ressaltados por Heredia, (1979, p.79) vão perdendo espaço na medida em que atividades como a costura, por exemplo, outrora considerada particularmente feminina, passa a possibilitar a produção de bens de consumo essenciais na aquisição de recursos pecuniários, passando a ser exercida também por representantes do sexo masculino.

Foi possível perceber, a partir do estudo exploratório preliminar, que os processos de relacionamento ao menos dentro do nicho específico entre os gêneros, ao menos dentro do nicho específico, revelam o arrefecimento da antiga dinâmica que ainda prepondera em algumas das áreas do Agreste Setentrional Pernambucano, onde a população se concentra em atividades de produção do setor primário e as mulheres, trabalham exclusivamente na casa enquanto os homens vão para o campo. Para uma melhor inserção no universo de gênero do público alvo da pesquisa procuramos manter uma interdependência entre essa mediação e a mediação de heterogeneidade de temporalidades dentro do grupo de trabalhadores.

2.3.4.2 Mediação idade

Muitos dos jovens trabalhadores do pólo de confecções apresentam certo fator em comum. Um relevante percentual reside em outros municípios, seja em áreas consideradas como urbanas ou rurais dentro do caracteriza uma ou outra das respectivas realidades levando-se em consideração as limitações de tamanho e infra-estrutura enfrentadas pelas cidades postas em questão.

A bipolarização cidade-campo muitas vezes também se consolida na realidade educacional, o que faz gerar demandas de ambas as realidades, o que os deixa mais expostos

que os homens e mulheres de faixas etárias mais avançadas aos apelos de consumo do hegemônico, gerando também uma orientação nos direcionamentos de mercado que são realizados, pois a partir do momento no qual eles são alcançados pelo *mass media* enquanto público consumidor em potencial, passando assim a compartilhar muitas das demandas de consumo do universo numérico majoritário de consumidores finais, começam a dispor de instrumentalização para um direcionamento das ofertas seja enquanto produtores, atacadistas ou varejistas.

Destarte, para o avanço da pesquisa, consideramos o fator etário como um dos *lugares* distintos no entendimento das representações das relações laborais do pólo de confecções de Santa Cruz do Capibaribe. Não obstante, aceitamos a conexão dessa mediação, assim como tratamos a mediação de gênero, à mediação de heterogeneidade de temporalidades, visando a familiarização com as perspectivas de conservação ou mudança dos padrões culturais que incidam sobre a ausência ou a existência de fatores não só como produtividade e rentabilidade, mas também bem-estar e integração coletiva na rotina laboral.

2.4 – O cotidiano enquanto espaço de estudo

O cotidiano configura o espaço de investigação necessário para a execução deste estudo, primando pela compreensão das influências das mediações culturais nas relações de labuta, pelo fato de que as duas matrizes de embasamento teórico da pesquisa, a Teoria das Mediações Culturais e a Teoria das Representações Sociais dão destaque a esse espaço. A forma de Moscovici conceituar representações sociais, por si, deixa clara a ocorrência, já que em suma plasma as representações sociais enquanto forma de conhecimento oriundo da cotidianidade, enquanto Martín-Barbero põe em evidência os estudos do cotidiano chamando a atenção para a sua importância na urdidura do arcabouço conceitual basilar necessário para se indagar sobre recepção. (MARTÍN-BARBERO, 1995, p.58)

A respeito da inquirição da recepção nas relações cotidianas, Martín-Barbero primeiramente dá atenção para o fim do ponto de vista reprodutivo da vivência no cotidiano, por isso ele postula por “ver a vida cotidiana como espaço em que se produz a sociedade e não só onde ela se reproduz”. (LERNER apud MARTÍN-BARBERO, 1995, p.58) Assim deixa transparecer uma idéia de cotidiano baseada no indivíduo enquanto sujeito ativo, responsável pela produção dos sentidos. Então ele diz que “a sociedade está sendo ativamente

produzida pela e para a maioria das pessoas”, (MARTIN-BARBERO, 1995, p.58) remetendo para a dimensão da “socialidade” quando afirma:

Com isso, há que se repensar o conceito de hegemonia, não em termos da hegemonia, não em termos da hegemonia ideológica do grupo que dirige a sociedade, mas de uma sociedade que não tem um só centro, como dizem os pós-modernos, e na qual a vida cotidiana tem um papel muito mais importante na produção incessante do tecido social. Ou seja, a vida cotidiana é o lugar em que os atores sociais se fazem visíveis do trabalho ao sonho, da ciência ao jogo. (1995, p.58)

Assim ele faz menção ao caráter imperativo que assume a necessidade de transformações na forma de se ponderar acerca do que caracterizaria a hegemonia, em outros termos, ele aborda a necessidade de quebra do ciclo de convergência para um sentido unívoco nas relações sócio-políticas, valorizando a diversidade do cotidiano para que haja, dentro de uma tessitura social, o florescimento do conhecimento, recolocando à baila a importância do reconhecimento da existência da categoria senso comum para as ciências humanas. E recuperar esse sentido comum seria para Martín-Barbero, o mesmo “que resgatar esse viver cotidiano como espaço de produção de conhecimento e como espaço de produção e de troca de sensibilidade”. (1995, p.60)

Para mergulharmos na cotidianidade desses trabalhadores veremos, nesse espaço, as noções que especificamente nos interessaram abordar no estudo de Heller a respeito da estrutura da vida cotidiana. Então ela afirma:

A vida cotidiana é a vida do homem por inteiro; ou seja, o homem por inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se “em funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias. (1972, p.17)

É fundamental munir-se dos subsídios advindos dessa vida cotidiana para aprimorar a socialização, inerente à espécie, compartilhando vivências para nela se nortear. Os fatos históricos ganham vida no cotidiano e para lá retornam. O trânsito é constante nesse sentido, o cotidiano expede a idéia de repetição, porém, esse espaço não é somente de réplica, mas também de produção de significados.

Heller atenta para o fato de que o “indivíduo é sempre, simultaneamente, ser particular e genérico”. (1972, p.20) As concepções do que seria o individual e o social fazem parte dos primícias dentre os entendimentos buscados nos estudos de representações sociais nos quais

nos baseamos. Ele ainda reforça essa ênfase afirmando que “a dinâmica básica da particularidade individual humana é a satisfação dessas necessidades do ‘Eu’ ”, (1972, p.20) tratando do *Eu* enquanto denominação da particularidade individual, e atestando a indissociabilidade das noções de individual e social, e complementa: “o indivíduo (a individualidade) contém tanto a particularidade quanto o humano-genérico que funciona consciente e inconscientemente no homem”. (1972, p.22)

Ainda não pode passar despercebida a atenção que Heller dedica ao fator espontaneidade, afirmando que tanto nas atividades de motivações particulares quanto nas de motivações humano-genéricas a espontaneidade se faz presente, mesmo que em graus de manifestação diferenciados. (1972, p.29-30)

Ela arrazoia sobre a “unidade imediata de pensamento e ação na cotidianidade”. (1972, p.31) afirmando que, “naturalmente, a atividade individual é aqui muito poucas vezes completamente individual; em geral, é uma projeção das aspirações e dos interesses de uma camada ou classe social”. (1972, p.32) Essa noção faz remeter ao conceito de representações sociais de Jodelet, que menciona uma forma de conhecimento socialmente vivenciada que tem uma comum finalidade.

De acordo com essa mesma autora, outro traço do “pensamento cotidiano é a ultrageneralização, seja em suas formas ‘tradicional’, sejam, como consequência da experiência individual”. (1972, p.32) É uma abordagem dos juízos efêmeros, dos estereótipos que permeiam as noções consolidadas através do cotidiano. E alegando que o homem se projeta no outro para traçar o roteiro do seu dia-a-dia, Heller aporta na noção de *imitação* enquanto pedra fundamental da cotidianidade, fazendo relação com a necessidade de reconhecimento trabalhada pela Teoria das Representações Sociais.

Para desfechar, nos apropriemos da reflexão de Heller de que a estrutura da cotidianidade é composta pela “heterogeneidade das partes orgânicas que integram o cotidiano”, (1972, p.18) em outras palavras, ela afirma que o cotidiano é formado pelas diversas dimensões que configuram as rotinas dos indivíduos, ou seja, as partes orgânicas da vida cotidiana são capazes de se transfigurar na temporalidade e na espacialidade, de acordo com as singularidades de cada sistema cultural e suas ordenações hierárquicas e econômico-sociais. Baseados em tais preceitos, operacionalizamos o estudo do cotidiano dos trabalhadores envolvidos em atividades relacionadas ao pólo de confecções de Santa Cruz do Capibaribe.

CAPÍTULO 3

O LUGAR, A(S) HISTÓRIA(S) E O COTIDIANO DO ESPAÇO AMOSTRAL DA PESQUISA

O município de Santa Cruz do Capibaribe está localizado no Estado de Pernambuco, dentro da mesorregião do Agreste, microrregião do Alto Capibaribe e região de desenvolvimento do Agreste Setentrional, mais especificamente em uma distância de 194,3km do Recife, capital do estado, cujas principais vias de acesso são as rodovias BR-203, BR-104 e PE-130, fazendo fronteira ao norte e ao oeste com o Estado da Paraíba, ao sul com os municípios de Brejo da Madre de Deus e Jataúba e ao Leste com o município de Taquaritinga do Norte, Santa Cruz do Capibaribe é um antigo distrito de Taquaritinga do Norte, que apenas há pouco mais de meio século conseguiu sua emancipação político-administrativa e, hoje, já alcançou o posto de maior pólo de confecções do eixo Norte/Nordeste do Brasil.

A tradição historiográfica postula que em meados de 1700, residia na capital pernambucana um fidalgo português chamado Antônio Burgos, que com a família, os escravos e também os pertences, se deslocou à procura de um lugar de clima salubre e desprovido de umidade no qual pudesse se instalar e dar início ao processo de cura de uma grave enfermidade que lhe acometia e até hoje não se sabe ao certo qual era, talvez até mesmo incurável para a época. Então, para encontrar o ponto ideal ele seguiu margeando o Rio Capibaribe e finalmente se estabeleceu na confluência com o Riacho Tapera, onde erigiu uma cabana de taipa para se alojar e, depois, à esquerda da cabana, também ergueu uma capela do mesmo material e à sua frente uma cruz confeccionada com a madeira da região. Com o tempo o lugar passou a ser chamado de Santa Cruz apenas, em torno do qual o distrito de Santa Cruz se originou e cresceu sob o mesmo epônimo, tendo sido oficialmente criado com a Lei Municipal nº 02, de 18 de abril de 1892, integrando o município de Taquaritinga do Norte. A instalação ocorreu em 19 de maio do mesmo ano. Em 1918, a antiga capela erigida sob a invocação do Senhor do Bom Jesus da Via Sacra foi elevada à categoria de matriz e provida em 1922, tendo como o primeiro vigário o padre José Apolinário Martins.

O início das manifestações explícitas a favor da emancipação data de 1929, tendo sido as tentativas de se concretizar tal desejo acachapadas sucessivamente nos anos de 1938, 1943 e 1948; somente em 29 de dezembro de 1953, com a Lei Estadual nº 1.818, sancionada pelo

então governador Etelvino Lins de Albuquerque, que Santa Cruz do Capibaribe passou a ser um município autônomo, tendo sido instalado em 09 de maio do ano seguinte e dispendo de uma área de 335,526 km² com uma altitude de 438m, uma latitude de 07 graus 57 min. 27 seg. e uma longitude de 36 graus 12 min. 17 seg. em sua sede, situada na região da Bacia Hidrográfica do Rio Capibaribe, de clima semi-árido, uma temperatura média de 26°C e vegetação de caatinga hipoxerófita e, na época, de uma população de 2.500 habitantes.

E então, 1953 foi o ano no qual Santa Cruz do Capibaribe finalmente se tornou cidade, na ocasião, uma cidade igual a tantas outras das redondezas que sobreviviam do feijão, do milho e de outras culturas, mas, no entanto, já existiam as tradicionais colchas de retalhos, que deu a alguém a idéia de separar esses retalhos de tecidos, aproveitando os de maior tamanho para confeccionar *shorts*, angariando mais lucro dessa forma de que se tivesse produzido uma colcha. Assim teve início a atividade de produção do pólo de confecções de Santa Cruz do Capibaribe.

A até então nova idéia se socializou com rapidez entre as costureiras das imediações e, por se tratar, na época, de algo resultante de um processo que pode ser categorizado como uma reciclagem, o preço daquele produto acabou se tornando fortemente combativo no mercado, sobrepujando a concorrência. Conseqüentemente os homens se tornaram mascates e passaram a percorrer as diversas feiras da região, vendendo as mercadorias, enquanto as mulheres permaneciam em casa, pondo em prática o senso criativo e inovador ao produzir a maior variedade de possível de artigos de vestuário

Nos anos de 1960, teria surgido a marca Sulanca, que por muito tempo denominou a confecção de Santa Cruz, a idéia veio da união do nome do tipo de tecido usado, *elanca*, com a palavra “sul”, já que o produto têxtil vinha de terras meridionais. A marca Sulanca ganhou concorrências e nos anos de 1980, com um comércio já consolidado e forte na própria cidade, aliado à escassez de imóveis viáveis para o estabelecimento de pontos comerciais devido aos altos preços cobrados pelos aluguéis devido à especulação imobiliária, o Sr. Nelson do Ouro, teria colocado na Rua Siqueira Campos, o primeiro tabuleiro do que viria a ser a Feira da Sulanca, que tomaria as ruas chegando a se tornar a maior feira livre de confecções do nordeste brasileiro. Desde esse momento, espontaneamente, outros teriam seguido o exemplo e, em pouco tempo, dezenas de vias públicas estavam tomadas, formando assim a maior feira livre de confecções do nordeste.

Nos anos de 1990, Santa Cruz do Capibaribe já era o maior pólo de confecções do nordeste brasileiro, tendo crescido em uma dimensão na qual os homens públicos da época já não eram mais capazes de administrar, pois ainda praticavam a política clientelista do

empreguismo e do poder por si só, que retardou substancialmente o progresso. A falta de qualidade dos produtos, de infra-estrutura e segurança se tornaram flagrantes nesse período, chegando a deixar dúvidas sobre a capacidade da sustentabilidade da feira.

Chegando no século XXI a realidade foi incisivamente alterada com a construção do complexo *Santa Cruz do Capibaribe Moda Center*, que inaugurado em outubro de 2006 e com uma área total de 32 hectares, uma área coberta de 80000 m², 6208 bancos de feira, 442 lojas externas, 82 lojas internas, 04 praças de alimentação com 10 restaurantes e 22 lanchonetes, estacionamento para 2000 veículos, 200 leitos de hospedagem para motoristas de ônibus de excursão e 04 baterias de banheiro que totalizam 176 unidades é o maior parque de confecções da América Latina construído no agreste setentrional pernambucano.

O Moda Center Santa Cruz foi a primeira parceria público privada concretizada no Estado de Pernambuco, na qual o poder municipal cedeu o terreno e a construtora Camilo Brito executou a construção com os próprios recursos, gerados através da comercialização das unidades construídas.

Mas, além de enumerarmos dados histórico-geográficos específicos, tomemos como ponto de partida para abrir o diálogo acerca da evolução do pólo de confecções, uma ótica preliminar baseada em uma análise de relação, por vezes comparativa, com o possivelmente mais emblemático modelo para uma exemplificação de processo de mudança de atividades laborais, plasmado na Revolução Industrial do século XIX, período marcado pela migração de uma grande numerosidade populacional oriunda de ocupações na maioria das vezes do segmento da agropecuária para outras novas atividades laborais que emergiam intrinsecamente ao setor secundário da economia, que no período prosperava de forma dinâmica harmonizando com o aceleração da evolução tecnológica.

A partir daí se deu a imposição de novas relações de trabalho e, inicialmente, as condições de vida e de trabalho dos operários ao invés de melhorarem, se tornaram ainda mais precárias do que quando eles se concentravam no campo, revelando melhoras apenas no século seguinte. No primeiro século da Revolução Industrial foi muito recorrente que cortiços acabassem por se tornar a alternativa mais viável de habitação para os recém-chegados que se sujeitavam a jornadas de trabalho que beiravam um total de oitenta horas semanais por estipêndios ínfimos, que cobriam em média apenas duas vezes e meia da condição mínima de sustento, submetendo as mulheres, assim como as suas crianças ao vínculo empregatício por remunerações ainda menores que os adultos do gênero masculino. (ALCOCK, 2005)

E visando possibilidades de redução de ocorrências similares às supracitadas e de outros fatos que não compactuem com o aprimoramento dos mecanismos de melhoria das condições de trabalho e de vida dos labutadores que contribuam para o progresso dos diversos setores da economia, nos voltamos para o conceito de Desenvolvimento Local, um mecanismo endógeno observado em unidades territoriais de menor dimensão em relação aos maiores centros de circulação de riquezas e em específicas aglomerações humanas com forças para interferir positivamente no dinamismo econômico e na melhoria da qualidade de vida da população.

No entanto, devemos precisar que o desenvolvimento local encontra-se situado em vários domínios, tanto na perspectiva da geração de renda como também no que diz respeito às atitudes e transformações. E para posicionar o nosso ponto de vista nos embasamos na definição de Paulo de Jesus que afirma que:

Desenvolvimento local é entendido como um processo que mobiliza pessoas e instituições buscando a transformação da economia e da sociedade local, criando oportunidades de trabalho e de renda, superando dificuldades para favorecer a melhoria das condições de vida da população local. (DE JESUS, 2003)

Os domínios do desenvolvimento local englobam não apenas o cenário econômico, mas também religião, cultura, política, saúde, atitudes, lazer, educação entre outros. A cultura por sua vez redimensiona o desenvolvimento envolvendo projetos de políticas culturais, lazer, economia e conseqüentemente todas as outras dimensões. Para Fortin e Prévost “o desenvolvimento local é, antes de tudo, um processo orgânico, um fenômeno humano”. (2003)

O desenvolvimento local está coligado, normalmente, a empreendimentos inovadores e mobilizadores para uma coletividade, articulando as potencialidades locais nas condições dadas pelo contexto. Como afirma Arto Haveri, “as comunidades fazem o possível para utilizar as suas características específicas e suas qualidades superiores e se especializar nos campos em que têm uma vantagem comparativa com relação às outras regiões”. (1996, vol.22, nº4)

Outro aspecto que remete ao desenvolvimento local é que ele incide na articulação entre vários atores sociais e instâncias de poder, seja a sociedade civil, organizações não governamentais, a iniciativa privada, as instituições políticas ou até mesmo o próprio governo. Cada um exerce seu específico papel na consolidação do desenvolvimento local. (BUARQUE, 1999)

A partir da existência de tais pré-requisitos pode se consolidar uma particular alteração dos alicerces da organização social do lugar em questão, a partir da arregimentação das potencialidades pertinentes para a impulsão do desenvolvimento e aproveitamento das capacidades locais, pois para ser de fato bem estruturado e sustentável, o processo de desenvolvimento deve resultar em conseqüências incisivas que majorem o nível de oportunidades sociais e as possibilidades de atuação e de concorrência com os outros núcleos de economia local, recrudescendo a renda e diversificando as formas de riqueza e as possibilidades de melhoramento da qualidade de vida, assim como também assegurando meios de conservação dos recursos naturais. Pois apesar de se configurar como um movimento de substancial conteúdo interior, o Desenvolvimento Local se relaciona com uma realidade mais extensa e implexa, com a qual interatua e da qual aufere influências e coações.

O fator economia pode não ser auto-suficiente por si mesmo, de forma isolada dos outros determinantes, mas torna-se de certa maneira um elemento categórico no redimensionamento da cultura local, assim como ocorre no sentido diametralmente oposto, quando a cultura indica hipotéticas vocações econômicas de uma região e tendências de consumo, na medida em que a cultura torna-se um atrativo para novos empreendimentos, fazendo com que novas oportunidades e profissões apareçam, provocando assim a profissionalização de atividades que outrora não possuíam tal *status*. (DE JESUS, 2003)

Por isso que o ponto de partida para contar história do pólo de confecções é inserir essa história de luta pela auto-suficiência no contexto econômico de exclusão social do país. Desse contexto macro podemos rememorar e ressaltar a histórica concentração de terras na forma de latifúndios, a sempre morosa Reforma Agrária, a falta de eficiência das políticas agrícolas do governo e, mais contemporaneamente, a intensificação do desemprego tanto no meio rural quanto urbano.

Um modelo anacrônico de distribuição dos recursos agrícolas associado ao aumento do contingente populacional provocava agravamentos da precariedade nas condições de empregabilidade e subsistência de uma população até então rural, em uma região que se destacava por uma grande extensão de terras parcialmente inutilizadas, mas, porém, com condições naturais para a agricultura nem tão favoráveis para a produção agrícola, quanto a Zona da Mata pernambucana.

Convivem múltiplas histórias e temporalidades na luta pela busca de novas alternativas de sobrevivência. Primeiramente uma história de quem faz parte do grupo pioneiro, que migrou das atividades do setor primário, depois, outra relacionada às pessoas que jamais exerceram atividades do setor primário, mas são filhas de outras que sempre executaram atividades nesse setor e,

finalmente, o grupo daqueles que já cresceram dentro de um ambiente familiar composto por pessoas envolvidas com o pólo de confecções.

Os mais senis chegaram a viver como trabalhadores assalariados ou semi-assalariados em grandes propriedades ou como gestores de suas pequenas propriedades, por se localizar no chamado Polígono das Secas e não ter oferecido condições para a pujança do modelo de patronato aos moldes de *Casa Grande & Senzala* com tanta força como aconteceu na Zona da Mata e, talvez, por esse diferencial, tal fato tenha influenciado no desenvolvimento de um perfil mais autônomo e empreendedor nas idiossincrasias dos habitantes dessa localidade, sobretudo, quando se toma como referencial outras áreas nas quais esse modelo preponderou acompanhado de um maior fluxo de circulação de riquezas.

Os que trabalham no pólo, mas são filhos de pessoas que trabalharam na agricultura ou na pecuária, na maioria dos casos nem sequer cogitam a possibilidade do exercício de atividades no setor primário e seus filhos já vivenciam uma realidade que se aproximaria de uma hipotética concretização de um suposto perfil de nova ruralidade em um estágio mais avançado, no qual os mecanismos de manutenção da identificação com o imaginário rural ou interiorano sequer contam com o respaldo de uma atividade do setor primário de produção como determinante para a subsistência da localidade.

A luta pela autonomia financeira possibilitou uma progressiva consolidação do pólo, permitindo aos confeccionistas a viabilização de muitas conquistas, como a ASCAP (Associação dos Confeccionistas de Santa Cruz do Capibaribe) e a Câmara dos Dirigentes Lojistas de Santa Cruz do Capibaribe, criada a partir da iniciativa do empresário João de Arruda Melo, então presidente da Federação das Câmaras de Dirigentes Lojistas do Estado de Pernambuco (FCDL-PE), que em novembro de 1992 agrupou uma numerosidade de empresários santacruzenses na sala nº 5 da escola Padre Zuzinha, localizada no centro da cidade, dentre eles: João Pereira Filho (Jovera), Severino Cristóvão da Silva (Banorte), Vera Lúcia Monteiro Araújo Pereira (Verfil), Arnóbio Monteiro da Paixão (Arnotex), Pedro Augusto Prudêncio e Vera Lúcia Carvalho (Sol de Verão Confecções) e Tereza Cristina do SEBRAE que decidiram naquela tarde constituir a C.D.L. de Santa Cruz do Capibaribe, que teve como primeiro presidente o empresário João Pereira Filho, proprietário da empresa JOVERA Ind. e Com. Outra grande conquista foi a própria construção do *Moda Center Santa Cruz*.

A busca pela estabilidade financeira mobilizou a população de uma forma tão contundente que resultou em um processo de transição de atividades laborais que nos faz remeter à Revolução Industrial iniciada no século XVIII na Grã-Bretanha e expandida pelo

mundo século XIX, não em dimensão, mas sim na relação percentual de trabalhadores que evadiram das atividades do setor primário. Essa história é relatada por três membros do grupo que chegaram a trabalhar na lavoura:

“Eu queria muito conseguir outra coisa pra trabalhar sem precisar sair daqui, aí esse negócio de fabricar e vender roupas foi virando moda e eu resolvi logo entrar no ramo, às vezes pensava em desistir, mas foi dando certo e estou nessa até hoje e agora junto com a minha família toda”.

(Depoente nº 3.1)

“Eu já sabia costurar, mas tive que aprender muito para fazer cada vez mais rápido pra atender a necessidade por peças que ia aumentando. Hoje já se trabalha de um jeito muito diferente de quando comecei”.

(Depoente nº 3.2, mulher de dono de fabrico)

“A gente precisou de muita coragem para abandonar nosso antigo jeito de viver, plantando e colhendo debaixo de sol e chuva para entrar nesse negócio de confecção, que na época ninguém ainda sabia em quê que ia dar de verdade, foi muito difícil tomar a iniciativa, mas começamos aproveitando os períodos entre uma colheita e outra e quando o lucro foi mais alto o negócio foi deixar a agricultura de uma vez”.

(Depoente nº 3.3)

São dois limiares diferentes da luta, primeiramente o de quem decide de forma imediata e sem ressalvas aderir à nova perspectiva, seja face à própria rotina seguida por tanto tempo ou seja por características de personalidade que favoreciam a exposição ao risco implicada no abandono de um estilo de vida tradicional para enfrentar as incertezas de um tipo de empreendedorismo até então sem precedentes naquela localidade. Depois, presenciamos o outro viés, composto por aqueles, que, ou por se considerarem bem sucedidos no setor primário ou por um padrão de conduta mais reticente não aderiu imediatamente à nova tendência ocupacional.

De um lado o depoente nº 3.1, marido da depoente nº 3.2, que era um pequeno agricultor cuja propriedade não oferecia capacidade de oferecer condições de subsistência sendo forçado a procurar outros meios de angariar recursos monetários, tais como a prestação de serviços em outras propriedades. Do outro lado, nos deparamos com o depoente nº 3.3, viúvo, cuja propriedade de maior porte oferecia uma relativa estabilidade financeira, proporcionando um padrão de vida mais bem estabelecido do que o depoente nº 3.1, fazendo com que ele dedicasse seu tempo e seus esforços à nova atividade apenas quando a possibilidade de rentabilidade pareceu viável, ao contrário do caso anterior, no qual a instabilidade impeliu o indivíduo à exposição ao risco.

Ambos iniciaram suas atividades no ramo de confecções entre o final dos anos de 1950 e o início dos anos de 1960, a depoente nº 3.2 desde um bom tempo já não mais costura, delegando a tarefa à sua equipe de funcionários. Tanto o nº 3.1 quanto o nº 3.3 já não mais necessitam peregrinar pelas feiras dos diversos municípios, já que hoje a Feira da Sulanca já provoca um fluxo de pessoas suficiente para absorver a oferta de mercadorias e assim como a clientela oriunda de outros municípios já apresenta um razoável nível de fidelização.

No entanto, tocar em assuntos de fatos pregressos faz com que eles vislumbrem o passado:

“Quando o dia clareava, eu já preparava o café-da-manhã do meu marido, arrumava a bagagem dele com as mercadorias para serem vendidas e depois sentava de frente à máquina de costura e só saía de lá pra comer e depois quando o sono chegava.”

(Depoente nº 3.2)

“Todos os dias pela manhã eu saía pronto pra me aventurar, sem saber se ia dar pra vender tudo, mas como o preço era muito bom, raramente eu voltava pra casa com alguma peça ainda em mãos, com o tempo eu já sabia aonde era mais conveniente ir vender em cada época e, depois, com um pouco mais de contato, eu já tinha feito a minha própria clientela”

(Depoente nº 3.1)

Todos eles enumeram trechos pujantes e também sofríveis na trajetória de trabalho dentro desses anos, rememorando fases como alguns anos da década de 1990:

“Santa Cruz estava ficando tão mal falado quanto o Paraguai, aonde os sacoleiros iam, compravam e não sabiam se iam chegar no destino com as mercadorias ainda em mãos, muito assalto, a gente tinha dificuldade de conservar os preços baixos, chegamos até a pensar que o pólo de confecções estava perto de acabar, mas nosso esforço foi muito, mais muito forte e por isso passou por cima das dificuldades e estamos até hoje aqui pra contar história.”

(Depoente nº 3.2)

“Ganhei muito dinheiro na época da inflação, até antes do Plano Real, quando o pessoal pegava o dinheiro que tinha em mãos e comprava o máximo que podia por que na outra semana o dinheiro já valia bem menos, quando o dinheiro estabilizou, eu senti o movimento mais parado”.

(Depoente nº 3.1)

Cada declaração reflete as oscilações de estratégias de sobrevivência no mercado mediante as transições do *status quo* relatadas a partir do ponto de vista dos próprios empreendedores. A partir da imersão no universo do público em questão, pode-se afirmar que as fases são vivenciadas em óticas bem diferenciadas desde a realidade de cada ator social

envolvido depois de muitos anos intercalados entre etapas de árduas condições de sustentabilidade com outras de notório êxito financeiro. A visão da população será mais acurada com os itens a seguir.

3.1- A VIDA COTIDIANA DOS TRABALHADORES LIGADOS AO PÓLO DE CONFECÇÕES

Para melhorarmos a nossa capacidade de percepção, de maneira a apreendermos e compreendermos o universo simbólico do dia-a-dia da população de estudo; acreditamos que seria importante conviver com uma família de confeccionistas. Para tornar isso viável nos abdicamos na medida do possível, dos referenciais de nosso próprio cotidiano minado de outras histórias, para vivenciarmos “com olhos que mesclam razão e sensibilidade” a alteridade em questão. Nessa primeira fase da investigação a mostra foi composta de seis famílias de confeccionistas, duas compostas por empreendedores e quatro outras cujos todos os membros de parentesco próximo são empregados por esses empreendedores.

Essa etapa da pesquisa foi estruturada em um momento de flagrante estabilização de pontos de venda fixos na cidade do Recife, resultante da busca de ampliação de mercados, uma vez que a concorrência voraz no município de origem impele a isso. Filho de produtores rurais que abandonaram a atividade agrícola pelo ramo da confecção. O depoente nº 3.4, um homem de 52 anos, mantém seu “fabrico” e seu ponto de vendas em Santa Cruz do Capibaribe há anos, juntamente sua esposa de 52 anos e dois mais jovens dentre seus três filhos, uma moça de 20 e um rapaz de 19 que se revezam entre a vida universitária em Caruaru e os negócios da família, já que a filha mais velha dele já se graduou e exerce a sua profissão nos municípios próximos.

O depoente nº 3.4 relata a dificuldade dos seus pais para arregimentar mão-de-obra para trabalhar na pequena propriedade rural que eles possuíam depois que foi virando febre costurar para comercializar:

“A gente foi perdendo ‘os funcionários antigo’, que tinham confiança dos meus pais, as pessoas começaram a fazer outra coisa e a minha família teve que aderir também, cada vez a gente ficava mais isolado do que ‘tava’ acontecendo, os canais fechando pro que a gente fazia na medida que o horizonte se abria pras confecções”

E quando o pai dele decidiu que teria que dar prioridade a essa até então nova atividade, a partir daí a residência rural da família cada vez mais foi ficando obsoleta, perdendo espaço para a casa da cidade que era ao mesmo tempo residência e fabrico, resguardando uma rotina de intenso trabalho. Algumas pessoas que ainda prestavam-lhes serviços no campo foram aproveitadas, outras só conseguiram integrar esse novo esquema depois que o negócio já tinha ampliado substancialmente.

Elegemos essa família dentre outras, devido à acessibilidade, por negociar aqui na capital e por ser eixo para as outras famílias que trabalham para eles, assim como também pelo período de tempo significativo no qual estão envolvidos com a atividade, Marcos praticamente não vivenciou a realidade agrícola, quando ele era bem jovem os seus pais já tinham começado a confeccionar, dentro desse universo ele debutou na vida laboral sem muitas outras opções e permanece até hoje, na atualidade, os seus filhos já podem optar se vão permanecer trabalhando no mesmo ramo ou se vão seguir outros rumos.

O espaço no qual se fabrica atualmente não necessita de grandes recursos além das máquinas, constando de um só vão, a divisão da copa e do ambiente de permanência nos intervalos entre uma remessa e outra de peças fabricadas é configurada apenas simbolicamente por aparatos: a copa por um fogão, uma pia e uma pequena mesa. A sala por um aparelho de televisão e uns bancos, tudo muito próximo, para não tomar o espaço das máquinas de costura.

Os ventiladores moderam o calor calcinante típico do agreste pernambucano que o telhado de amianto deixa penetrar, os horários das refeições não são coletivos, como uma forma de dinâmica para que o processo de produção não pare completamente ou pelos menos o ritmo não arrefeça em meio a uma letargia generalizada, na verdade não existe bem uma determinação rigorosa da carga horária de serviço, é consensual apenas que o fabrico deva atender às demandas, muitas horas de trabalho nos momentos de maior venda e um número reduzido quando os pedidos estiverem mais escassos. Sem dúvida, o meu cotidiano foi diferenciado e o deles também, sabíamos que o nosso comparecimento alteraria a rotina, então, para suavizar o caráter invasivo e preservar o cotidiano procuramos nos moldar a eles e não o contrário, no entanto, necessitamos relevar que tal movimento também aconteceu no sentido oposto. Tínhamos noção dos limites.

Claramente, com esse posicionamento, não tínhamos a intenção de dissociar nossa realidade do estudo em questão. Não seria possível. Por isso, nossa preocupação focou-se não em extinguir as interferências da nossa subjetividade, e sim, em conseguir conviver com elas. Também não procuramos ser neutros, interagimos com os confeccionistas. A técnica de

coletas utilizadas, em similitude à observação participante, trata-se de um processo de comunicação e de interação social singular. No entanto o destaque do nosso direcionamento é em si o espaço do cotidiano enquanto espaço da constituição dos sentidos por eles determinados.

Ao selecionarmos a opção de nossa presença nos seus cotidianos, também não esquecemos o acervo teórico que dá esteio a esse trabalho acadêmico. Tais preceitos teóricos são oriundos de análises empíricas e constantemente são reformulados pela ótica de outros investigadores a partir da vivência de suas próprias pesquisas. Com essa alternativa tão somente quisemos forjar um campo, tanto na perspectiva concreta quanto na simbólica, adequado para a percepção e valorização dos saberes do senso comum no pólo de confecções, o conhecimento lídimo angariado pelos confeccionistas nas suas relações cotidianas para desta forma, mais adiante, termos bases para uma apreciação de como eles recebem e representam as relações de trabalho. Desta forma, então, vivenciamos a rotina, na individualidade e na coletividade, por meio dos diálogos entre eles mesmos e entre eles conosco. Para testemunharmos com melhor amplitude possível dentro do possível acompanhamos a comercialização dos produtos compartilhando com eles os momentos de desconcentração e de ócio, assim como o horário de almoço ou de evasão momentânea do posto de trabalho.

Chegamos a acompanhar o momento de fechamento dos pontos de venda, observando o trabalho de forma a valorizá-lo, manifestando admiração por suas condutas concentradas na labuta e suas implicações. Tivemos a colaboração dos que foram receptivos para a facilitação do acesso aos outros que demonstravam maior desconfiança em torno da nossa presença, nessa fase chegamos a almoçar com alguns trabalhadores, não interrompendo seus horários de retorno com o excesso de questionamentos que acabou sendo realizado.

A vida cotidiana não é padronizada para os trabalhadores envolvidos nesse processo, primeiramente devido à versatilidade de ocupações que pode abranger desde a confecção até as vendas no varejo, mas mesmo assim se encontram bem interligadas contendo importâncias distintas. Assim podemos identificar: a) o labor, sistema produtivo e de geração de renda; b) o ambiente de produção como lugar de relações cotidianas e, muitas vezes, familiares; c) o lazer, o ócio e a atividade social.

3.1 O trabalho: sistema de geração de renda e integração social

Dentro da hierarquização das partes orgânicas do cotidiano das pessoas ligadas ao pólo de confecções, nos é flagrante, dentro desse estudo, o posto precípua ocupado pelo trabalho, ocupando naturalmente um lugar categórico na divisão dos cotidianos.

3.1.1 A rotina de trabalho dos homens adultos

Os indivíduos do sexo masculino e de idade adulta, a partir de 25 anos, ao socializarem dados referentes às suas rotinas de trabalho demonstraram na maioria das vezes satisfação por considerá-las desprendidas de imposições patronais mais rigorosas, de horário e de limitações dos ganhos monetários que são comuns à maioria das atividades laborais por eles conhecidas. Mesmo com jornadas de trabalho por vezes superior a dez horas de trabalho diárias em momentos isolados e a ausência de contribuição à previdência social, os homens costumavam enumerar mais vantagens do que desvantagens em suas lidas.

“Eu mesmo faço meu horário, bato minhas metas, hoje ganho muito, amanhã ganho pouco, mas trabalho, mas melhor de que se ‘tivesse’ em uma empresa batendo cartão e recebendo salário por mês, aqui tenho mobilidade, opção. Se um lugar não dá venda boa eu mudo, vou batalhar em outro canto, conhecer coisa nova, gente nova.

(Depoente nº 3.5, de 36 anos, varejista)

“Muita gente por aí estuda muito e depois, sem ter a ‘peixada’ certa, só consegue emprego para trabalhar como um condenado e ganhar uma mixaria no final do mês e, além do mais, se o patrão não for com a cara pode demitir a qualquer hora. Por isso, eu prefiro ficar nesse meu esquema mesmo.”

(Depoente nº 3.6, de 32 anos, varejista)

3.1.2 A rotina de trabalho das mulheres adultas

A maioria das mulheres que trabalham no pólo de confecções se dividem entre as atividades domésticas e as atividades laborais regulares, seja por meio de vínculo empregatício, seja em um empreendimento próprio. De acordo com muitas dessas mulheres a rotina de trabalho não atrapalha na administração do lar:

“Eu consigo fazer as ‘minhas coisa’, preparo o almoço, arrumo a casa, fico de olho em tudo que se passa na sua casa e ainda venho aqui costurar, até por

que o pessoal da família está por perto, uma sobrinha trabalha por aqui, um filho vende a mercadoria do mesmo fabrico e vai ficando tudo em casa.”

(Depoente nº 3.7, 42 anos, costureira)

“Para mim, trabalhar ou não trabalhar não faz mudar em quase nada a vida em casa, eu me viro muito bem com as coisas de casa mesmo trabalhando, é até melhor ter dinheiro pra comprar do que ‘tá’ faltando.”

(Depoente nº 3.8, 34 anos costureira)

Muitos casos resguardam particularidades como o da depoente nº 3.9 de 60 anos de idade, que sempre quis permanecer na região rural do município plantando para a sua subsistência, mas somente quando percebeu que toda a família estava envolvida com o pólo de confecções resolveu aderir ao novo estilo de vida. É, e tudo indica que encontrou uma nova forma de ver as coisas com a nova atividade:

“Eu acordo cedo, deixo a minha casa, venho pro meu ponto vender, vejo gente, movimento, muita gente pra conversar... é melhor de que ficar no sítio, já cansei de tanta tranqüilidade, agora quero agitação, barulho. Ficar aqui é mais animado do que ficar sozinha.”

3.1.3 A rotina de trabalho dos mais jovens

Entendemos como “mais jovens” os indivíduos que têm até 24 anos de idade. São pessoas que na maioria das vezes ajudam os pais durante todo o período do dia ou apenas pela manhã ou tarde e nos outros turnos vão à escola ou à faculdade, sem distinção entre o sexo masculino ou feminino. Um sentimento muito difundido entre os mais jovens é de que não querem passar a vida toda conhecendo a vida unicamente do ponto de vista do pólo de confecções. Muitos vão estudar nas faculdades das cidades vizinhas e há muitos casos daqueles que não se conformam em não poder financiar seus estudos, como no caso do depoente nº 3.10, de 22 anos, varejista, que ainda lamenta o fato de ter trancado o curso de administração em Caruaru:

“É muito mal ter que parar a faculdade por que o dinheiro não dá pra pagar o curso, assim que eu me estabilizar melhor, pagar ‘as minha conta atrasada’ retorno rapidinho. Sem dúvida.”

Mas também existem casos mais escassos, de adolescentes e jovens que não demonstram nenhuma intenção de se dedicar a outras atividades, como o do depoente nº 3.11, vendedor, de 18 anos, que afirma:

“Eu não nasci para o estudo não, a minha é negociar, trabalhar pra ganhar dinheiro, não tenho mais paciência pra sentar, agüentar professor, ler... meu negócio não é esse.”

Quanto aos relacionamentos desse público com a família, existe um realce no convívio, devido ao fato deles na maioria das vezes debutarem no seio do convívio com os seus co-sangüíneos, fugindo do quantitativo predominante na maioria dos locais, onde a iniciação laboral é feita por meio de estágios com empresas ou entidades que não possuem vínculos com as famílias dos jovens e adolescentes. Eles trabalham tanto na fabricação quanto na comercialização de confecções, muitas vezes as moças se dedicam inicialmente à costura e depois migram para a comercialização, acabam fugindo dessa abrangência estatística, quase que com certeza, se a sua família já estiver exclusivamente dedicada à etapa de comercialização.

CAPÍTULO 4

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS TRABALHADORES DO PÓLO DE CONFECÇÕES DE SANTA CRUZ DO CAPIBARIBE

Neste capítulo colocaremos em evidência o saber das pessoas que exercem funções laborais diretamente vinculadas ao pólo de confecções de Santa Cruz do Capibaribe acerca das novas mensagens produzidas no cotidiano por meio da assimilação das mensagens não apenas do *mass media*, mas sim das ilimitadas fontes de aquisição de conhecimento e informação no mundo globalizado no seio do cotidiano de suas relações interpessoais. Um cabedal que passa a ser agregado ao saber deles, que é único, saber esse solidificado nas relações de comunicação dos confeccionistas e que dá feições a essa comunicação de forma a possibilitar a existência de construções de realidades parcialmente próximas entre os indivíduos. Pois, um conglomerado do setor de confecções é originalmente um experimento coletivo de pequenos empreendedores que necessitaram alcançar certo nível de consenso para agirem em defesa dos interesses comuns.

Tratamos o caráter imprevisível e complexo do estudo, uma vez que, parafraseando Orozco, algo no qual nele nada está abertamente conexo com nenhuma outra coisa, senão uma rede de mediações que incidem e acomodam a influência mútua entre um e os outros componentes existentes no mesmo processo. (1997. p.113-127)

Dentro de um método de múltiplas incidências consideraremos a mediação de heterogeneidade de temporalidades como a mediação de destaque do estudo e que conseqüentemente delimitará significativamente por alguns instantes a nossa reflexão. E suma, essa mediação faz remeter às várias histórias e tempos que se materializam na caracterização de uma razoável bifurcação que tende a se extinguir entre os dois grupos parcialmente distintos, primeiramente o dos que chegaram a exercer ou a presenciar os pais exercendo atividades típicas de áreas rurais e, do outro lado, o grupo dos que já cresceram dentro do pólo de confecções e já integram o grupo de pessoas que corporifica uma suposta concretização do que seria esperado como destino para o que é chamado de *novo rural*, levando em consideração a identificação com a realidade rural dentro de um nicho de atividades industriais e comerciais, e levando em consideração as suas vivências históricas, políticas e temporais, além das heterogeneidades temporais existentes dentro dos próprios grupos. De

forma intrínseca a essa mediação, procuraremos perceber como a mediação situacional da *aproximação e convivência* dos trabalhadores é adaptada pelas afinidades dos tempos comuns, de modo que permita um influxo de informações que possibilite a conformação de representações distintas de ambos os grupos.

Desta forma, a existência da mediação da heterogeneidade de temporalidades e da mediação situacional da *aproximação e convivência* entre os trabalhadores, nos levará a analisar a recepção e representações em cada um dos grupos e procuraremos perceber a incidência das mediações referenciais de gênero e de faixa etária. Por isso, abrangeremos os homens e mulheres, adultos e jovens (moças e rapazes) dando ênfase aos grupos expostos. A preocupação é que essas mediações referenciais não sejam percebidas isoladamente, pois, a própria existência das heterogeneidades de temporalidades nos obriga a combiná-las com alguns aspectos intrínsecos aos vários tempos vividos em relação ao pólo de confecções. Não demos muita ênfase ao fator escolaridade pelo fato de ter sido considerado irrelevante pelos entrevistados de forma arrebatadoramente majoritária.

Para completar, procuraremos ser cautos na apreensão de suas falas, tentando deavassar através das declarações quais são os basilares liames tácitos entre as atividades que assumem notoriedade para a arrecadação pecuniária que são relativamente recentes e as formas de arranjos sociais e enfrentamento dos fatos que são resultantes de forma mais aberta ou subliminar de conquistas e derrotas resultantes de um processo não apenas histórico, mas também de estabilização de uma contemporaneidade estritamente vinculada à existência do hoje consolidado conglomerado ou *cluster*, como diriam os economistas.

4.1 Confeccionando e comercializando por distintas gerações

As representações da vida laboral da heterogeneidade presente entre os trabalhadores vêm sendo construídas no cotidiano de suas relações interpessoais no processo de concatenação de transações econômicas na qual vivem. Foi possível constatar esse fato empiricamente por ter surgido a oportunidade de manter contato com essa população desde alguns anos atrás, desde meados de 2000, quando eles se estabeleciam periodicamente, durante as sextas-feiras, no bairro histórico de São José, no centro da cidade do Recife, pouco tempo antes deles se estabelecerem em caráter fixo nas imediações para realizarem atividades comerciais.

No canal com o hegemônico, aqui simbolizado pelas pressões mercadológicas do *mass media* que geram tendências que produzem demandas de produção e de vendas, os confeccionistas realizam a fruição, compreensão e conformação das mensagens dessas instâncias dentro das próprias circunstâncias particulares de seus trabalhos.

Sendo assim, para esse contingente de pessoas, as idealizações dos bons produtos a serem vendidos são atreladas às circunstâncias generalizantes extrínsecas ao micro-cosmos por eles vivenciado, ou seja, a projeção das ofertas direcionadas aos clientes de atacado ou varejo são mediadas pelas tendências impostas pelos veículos publicitários que mantêm vivas as mensagens hegemônicas.

“Muitas vezes a roupa que a atriz usa na novela dá moda e acaba gerando vendagem ‘prum’ tipo de peça específico fazendo com que se tenha que fabricar mais um ou outro artigo, geralmente uma moda assim melhora os lucros, eu gosto quando a televisão faz acontecer esse tipo de coisa.”

(Depoente 4.1, 26 anos)

Quando o jovem confeccionista diz que gosta quando a influência televisiva interfere no seu cotidiano de trabalho, aquecendo as vendas, deixa clara a interferência das mensagens *mass midiáticas* dentro do seu ambiente diário, a vida de negócios alheios ao que se passa no resto do mundo, fora dos limites do agreste setentrional pernambucano, cada vez mais, cai por água abaixo. A rigor, alguns dos mais velhos parecem ainda viver um interminável período de adaptação a uma condição de interpenetração com o mundo exterior que em comparação às suas vivências parecem ainda incipientes e gera sentimentos imprecisos quanto a essa experiência. Apesar de tudo, o combatido veterano no ramo das confecções, O depoente nº 4.2, de 36 anos, busca palavras e, embora sem um formato de um conceito pronto, consegue dizer aquilo que mais diretamente o liga à pressão gerada pelos modismos, a mudança das estratégias de produção e distribuição das mercadorias:

“Essa coisa das meninas ficarem querendo usar o mesmo que a mocinha da novela está usando ‘às vez’ só, mexe com a forma de trabalhar, de repente tem que procurar tecido novo, mudar o corte, adaptar ‘as peça’ antes que a coisa perca fôlego e a oportunidade de lucrar com isso passe. É uma coisa muito agitada, bem moderna, um jeito doido de trabalhar, ‘mai’ acontece pouco.”

(Depoente 4.2, 36 anos)

Um parcial, mas aparente apego às vivências anteriores ficou cristalizado nas memórias dos trabalhadores mais antigos. Exaltemos, no entanto, que os trabalhadores veteranos em questão são filhos e netos de antigos trabalhadores rurais, ou até chegaram a

debutar na vida trabalhista também como um trabalhador rural, na época, em que plantar, em terras próprias ou que lhes eram reservadas por um grande fazendeiro era a melhor alternativa para as famílias. Porém, o que chama a atenção nesse tipo de declaração é a demonstração de superação de fases pelo conglomerado de confecções, da adaptação às condições contemporâneas de sobrevivência competitiva no mercado.

Não podemos deixar de lado a exaltação do fato de que essa população constitui uma categoria de homens livres que praticamente não conheceram a realidade de ser exército de reserva para a exploração da mais-valia por parte de grandes empreendedores. As gerações mais antigas reagem com estranheza até aos ditames de uma sociedade globalizada nos hábitos de consumo e no compartilhamento de valores simbólicos. Eles outrora labutavam de ano a ano e em todas as estações, praticamente sem quaisquer aparentes intervenções de fatores externos, em uma rotina quase que inabalável, dentro de um mercado de fronteiras delimitadas e variações bem mais previsíveis que as atuais, dentro de uma zona de conforto estabelecida pela lentidão com que as mudanças implicadas pelos acontecimentos gerados pelas instâncias hegemônicas das metrópoles adentravam em seus mundos. Hoje, eles sentem de forma explícita as reações em cadeia que se propagam na aldeia global.

“Hoje a preferência da clientela é muito parecida, não dá mais para prever o que vai ser bem vendido, se uma coisa não vende bem em um lugar a tendência agora é que não tenha saída em lugar nenhum, por isso a gente perde o produto se não conseguir passar naquela fase. É o problema de peça copiada de novela.”

(Depoente nº 4.3, 51 anos)

A representação chega a ser construída incidindo sobre o que estava ausente na sua história anterior e que por isso passa a atingi-lo mais diretamente. Logo, o cotidiano no pólo de confecções, passa a ser a concretização do novo tempo, um campo de materialização e da massificação dos valores simbólicos através de cortes e costuras que demonstram os traçados das padronizações visuais na forma de se vestir que por extensão podem refletir traços comportamentais e anseios de um público consumidor.

“A modelo famosa aparece usando um tipo de roupa, então quase que por mágica vai acontecendo uma tendência de uma ou outra peça que não vendia muito, mas que parece com aquela que ela usou passa a ser mais procurada (...)”

(Depoente nº 4.4, 25 anos)

Mas também não se pode negar que muitas das representações refletem as vivências anteriores em subempregos como reflexo das formações residuais de um passado que está vivo, mas que não se celebra, tão somente configura a memória como grupo. As experiências precedentes ficam marcadas e servem como bases para conjeturas das construções do presente. Eles revelaram memórias amargas desse passado. O trabalho sazonal gerava insegurança e desagregação de suas famílias. Assim, suas expectativas procuram encontrar saídas para essas lembranças residuais. Entretanto, ressalvemos que, esse tempo vivido que se quer banir, reflete a consciência do agora.

“Aqui eu posso trabalhar junto dos ‘meus filho’, ‘dos meus irmão’, ‘dos meus sobrinho’, trabalho o tempo todo, o dia todo, mas é melhor assim, não perder ‘os filho’ de vista, poder tomar conta da família e trabalhar ao mesmo tempo.”

(Depoente nº 4.5, 52 anos)

Assim, as representações dos indivíduos mais velhos têm raízes, ou no dizer dos teóricos das representações sociais, são “ancoradas” em suas experiências cotidianas anteriores à reciprocidade entre conquista e dependência em relação ao mercado globalizado, no tempo em que seguiam a vida exercendo um trabalho para atender as necessidades de outras pessoas, mas não em função das outras pessoas, como acontece na realidade atual sensível às mínimas mudanças do comportamento coletivo de cada categoria de consumidor. A vida antes parecia permanecer bem mais estável.

Em outras palavras, o empreendedor hoje, acaba, por vezes, se sentindo bem menos dono de si. Mas, temos que considerar que nesse caso específico, existe a reforço do contexto no qual as construções simbólicas incidem mais nos lampejos de suas vivências anteriores de que na construção do novo tempo em que vivem. Remetendo aos discursos deles, coletados para essa pesquisa, perceberemos que suas memórias apesar de tudo resgatam traços de saudosismo:

“Quando era menina vivia pela roça, plantei muito... na época eu gostava, acordava cedo, não via muita gente, era aquela calma, comia o que plantava, tomava leite da vaca... até tenho saudade, mas se fosse pra escolher eu não escolhia mais voltar pra roça de jeito nenhum mesmo. Deus me livre!”

(Depoente nº 4.5)

“Eu vivia na calma, meu pai vivia na calma, mas era tudo tão sofrido! Muito sol na cabeça, muito trabalho pesado, ‘às veze’ dava uma praga acabava com tudo, dependia do sol, da chuva, a gente gosta muito, mas depois que sai não quer mais ‘voltá’ ”.

(Depoente nº 4.3)

Desta forma, percebemos nitidamente que as incorporações de idéias de amor às atividades, próprias em suas representações e que podem ser resultado das influências da vivência com as gerações pregressas que resguardavam características atribuídas ao homem do campo de forma estereotipada e associadas ao idílico e o poético devido ao apego à terra e à natureza, uma relação de amor. Recordemos aqui que muitas vezes os discursos sobre vivências de organização e orientação de trabalhadores rurais abordam os temas terra e tranqüilidade de forma que se interpenetram como símbolo que não se dissociam, materializando, assim, a comunicação ideológica.

Em contrapartida, os mais jovens já demonstram um posicionamento pré-disposto à aceitação das mudanças de *status quo* nas suas rotinas laborais em função de transformações no panorama econômico e social, uma pré-disposição tão flagrante que chega a se confundir com uma expectativa na verdade.

“Quando tem novela nova a gente já fica ‘ligado’ no que pode rolar de novo, pra começar a colocar pra vender o mais rápido possível a novidade porque se demorar muito pra começar a trabalhar com o produto da moda já não compensa tanto, as pessoas já vão ‘tá’ meio enjoada.”

(Depoente nº 4.6, 28 anos)

No que tange ao grupo de pessoas jovens é mais fácil o processo de fruição e representação das mensagens do que se configura dentro de uma realidade de maior incidência de desestabilidades, ou seja, mais próximas da intermitência das variantes, sem desconsiderar algumas previsibilidades, alcançadas através das facilidades adquiridas a partir do planejamento das estratégias de condução dos seus empreendimentos. Os mais novos já reagem ativamente e em perspectiva de co-participação e legitimação dos estímulos emanados pelos instrumentos de manipulação ideológica que reforçam as mensagens de apelos consumistas que atendem aos interesses dos grupos socioeconomicamente hegemônicos.

Além disso, podemos destacar a oportunidade do ingresso mais fácil do que em outras áreas dos jovens no empreendedorismo, identificando alguns fatores que dão margem para essa ocorrência, tais como: a capacidade de se iniciar com um pequeno capital, o baixo custo de renovação das mercadorias, a parcial ausência de taxaço tributária, a escassa necessidade de renovação constante do maquinário e a igualdade de condições de acesso ao mercado em relação aos empreendedores antigos.

Com efeito, as representações sociais do grupo de trabalhadores jovens apesar de, por vezes, carregadas de uma dose maior de otimismo, demonstram uma alternativa pela

racionalização através da adoção de princípios de articulação com finanças de proximidade e do acompanhamento personalizado e ágil das possibilidades que o mercado pode oferecer e das demandas da clientela em potencial, daí emergem relações de confiança e compromissos entre os outros que compõem a mesma categoria, a formas de organização financeira, na maioria das vezes informais, e todas as outras instâncias que operem baseadas em objetivos comuns, por mais curto ou mais longo prazo.

“Aqui em Santa Cruz tem espaço pra todo mundo, tem trabalho pra todo mundo, o negócio é só a pessoa ser desenrolada que consegue clientela e vende ‘as mercadoria’ direitinho e tira lucro sem problema, uma mão lava a outra, se eu não tenho uma mercadoria que o vizinho tem eu repasso”

(Depoente nº 4.7, 30 anos)

“O agiota que passa aqui atualmente até que é mais paciente, mas o anterior era muito estressado, queria chegar com grosseria, então eu quitei com ele e não peguei mais dinheiro. O que ‘tá ‘ agora já não explora tanto nos juros e nem pega no pé, dá pra levar.”

(Depoente nº 4.8, 27 anos)

Como reflexo de suas experiências de vida podemos perceber nas representações dos trabalhadores a ênfase dada à idéia de barriga cheia e trabalho para quem necessita. Recordemos aqui, a instabilidade que existe nas suas relações de trabalho e as implicações dessas relações na vida dos trabalhadores de municípios do mesmo estado brasileiro e que dependem quase que exclusivamente do setor de produção primário. Não ter trabalho é passar fome. Assim, a pujança do pólo de confecções para eles significa a maior das garantias de jamais estarem incluídos na categoria dos que passam fome. Ter sempre barriga cheia. Mas, se recorrermos às falas que refletem suas expectativas quanto o futuro do pólo, poderemos perceber que a mediação de heterogeneidade de temporalidades incide de forma a gerar aspirações distintas em ambos os grupos:

“Eu espero muito poder prosperar, de repente fazer do meu negócio, um grande negócio, expandir para outros municípios quem sabe abrir filial, se o cara for controlado consegue guardar um dinheiro e aos poucos ampliar, assumindo um prejuízo ou outro, acho que não é bicho de sete cabeças não”

(Depoente nº 4.9, 25 anos)

“Eu só quero que o negócio continue estável, vendendo o suficiente pra cobrir o custo e pra tirar um lucro que me dê dinheiro pra pagar ‘as conta’ sem muita surpresa.”

(Depoente nº 4.10, 42 anos)

Eles por vezes demonstram quase que explicitamente viver exclusivamente para trabalhar, não fossem as facilidades de intercomunicação do mundo contemporâneo estariam parcialmente isolados dos fatos referentes à visão mais geral do mundo. A convivência tende a ser restrita, já que as relações de parentesco têm grande força e aparentemente a maioria não possui experiência ativa em organizações políticas de trabalhadores, o que faz com que suas idéias acabem se tornando, na maioria das vezes, sempre voltadas para si e suas famílias e não para uma concepção de organização política coletiva.

Durante as eleições pra vereador ou prefeito é claro que eu ‘tô’ do lado do político que tem algum vínculo mais próximo com alguém da minha família ou de algum amigo, é claro que eu tenho que puxar a sardinha pro meu lado. É claro!

(Depoente nº 4.11, 35 anos)

Mas, não podemos preterir as singularidades, as idiosincrasias, aqui particularmente atreladas às heterogeneidades de temporalidades existentes dentro de cada grupo. Assim é que a fala de alguns dos trabalhadores sinaliza para uma concepção de participação mais ampla no mercado, com teor social e distributivista. São casos dos que tiveram histórias pessoais particularizadas, transitaram em tempos distintos entre algumas atividades e às vezes até entre a cidade e o campo, tiveram diversificadas experiências, passando, desta forma, a estarem mais expostos e receptivos às mensagens que recebem.

“Eu circulo por aí comercializando há muito tempo, já vendi em muita cidade, já confeccionei pra vários públicos diferentes em ‘épocas diferente’, não que eu seja tão velho assim! Mas na hora em que você precisa realmente de ajuda pra conseguir alguma coisa é que você sabe se tem amigo ou se a ‘peixada’ com o político existe mesmo. Hoje em dia eu já não voto mais em ninguém, nem apoio, mas ninguém pra assumir representação em alguma coisa por proximidade somente.”

(Depoente nº 4.12, 54 anos, dono de fabrico)

Diante de todas essas circunstâncias especiais de vida, as representações tendem a espelhar-se de forma mais próxima à concepção de trabalho produtivo que tem como base a ampliação das perspectivas da função social do trabalho que não só aquela estritamente financeira para a postulação de transformações mais estruturais na cotidianidade:

“Pra produção ser boa e a remessa sair com qualidade não é necessário explorar o funcionário, quando o funcionário está de bem com a vida o convívio é melhor com os outros funcionários e o clima de bem-estar é maior não só pra eles, mas para mim também.”

(Depoente nº 4.12)

“É muito bom trabalhar aqui, a gente trabalha ‘aqui’ de fato, não trabalha pra fulano ou pra sicrano, o que paga meu salário é o meu trabalho, o dono do fabrico só faz me repassar”

(Depoente nº 4.13, 36 anos, funcionária do depoente nº 4.12)

Assim, ao reconhecer a urgência de se agregar outros significantes à rotina laboral que não aqueles estritamente financeiros a fala deles talvez até pudesse ser interpretada como resultado de uma negação da exploração da mais-valia e da exploração capitalista, apesar da ausência de organização em movimentos sociais de atuação impactante. No entanto, pelo fato dessas relações cotidianas entre os não empregadores ainda não estarem sendo tema de discussões mais sistemáticas em reuniões para a organização política e nem mesmo em reuniões informais do respectivo grupo social, ainda não permitiu a chegada do momento no qual eles mesmos pudessem estabelecer entre si o reconhecimento dos temas pertinentes ao melhoramento de suas condições de trabalho dentro de uma construção simbólica com bases comuns.

Sendo assim, podemos afirmar que as representações dos trabalhadores acerca de suas atividades ainda permeiam o campo da euforia, sobretudo da parte dos menos experientes, pois, convém ainda lembrar, que as novas mentalidades ainda estão em construção e a maioria dos jovens ainda não teve suficiência em informações e vivências, nem menos o tempo adequado para processá-las nos seus cotidianos. Quando falam que o pólo de confecções é o ponto de partida para um futuro melhor, suas representações parecem ressoar para a possibilidade de mudança de atividade, do pólo como uma fonte de arrecadação de recursos pecuniários que dêem suporte para o ingresso em outras atividades, não como único horizonte a ser perseguido. Enquanto isso, os mais experientes parecem perceber a importância do pólo de confecções como propulsor da minimização da exclusão social no meio rural, perspectiva materializada através de uma empregabilidade diferenciada para um contingente que, há tempos atrás, seria composto de potenciais trabalhadores rurais.

Obviamente esses discursos ganham a força propugnada pelas circunstâncias particulares de suas vidas, com as correspondentes diferenças entre os grupos e dentro de grupos, como já vimos anteriormente, de acordo com as variantes pertinentes. Assim, os trabalhadores, paulatinamente, vão começando a assumir posturas que lhes permitam, de forma gradativa, rejeitar aspectos do *status quo*, ou atuar como sujeitos ativos das mudanças das estabilizações.

4.1.1 Os mais jovens e as expectativas de consumo no setor de vestiário

A nosso ponto de vista nessa pesquisa entende como “mais jovens” o universo de trabalhadores com idade compreendida até 24 anos. Nesse grupo não constatamos diferenças significativas que justificasse uma análise tomando-se em consideração a mediação de gênero. Não obstante considerarmos que essa questão não limita os resultados das análises comparativas. Poderemos tecer algumas considerações sobre as distintas incidências das temporalidades em suas construções.

Nas falas dos mais jovens há marcas evidentes dos tempos relativos a cada grupo. Após essa observação, temos que considerar que o espaço de idade que vai até os 24 anos implica em algumas variações na forma de receber e representar o campo de significação não apenas do ambiente de trabalho, mas do mundo de uma forma geral, tendo por muitas vezes como escopo o nível de experiência de vida dos mais velhos. Mas, essa questão não é peremptória, pois em muitos casos os mais jovens demonstraram estar mais informados do que os mais velhos, quer seja por que circulam mais, por que acessam mais a internet ou vêem mais TV e, conseqüentemente, suas expectativas de consumo refletem tendências de mercado e essas tendências posteriormente podem orientar direcionamentos acerca das mercadorias que devam ser ofertadas ao público.

Escutando as falas dos adolescentes que estão em fase colegial, vendem mercadorias e são filhos de pessoas que exercem a mesma atividade, nós podemos identificar essa função de sensor das oscilações de demanda que as pessoas de tal faixa etária acabam exercendo:

“Eu gosto muito ‘das bermuda’ da *Quicksilver* e da *Seaway*. ‘São meio cara’, de vez em quando eu compro uma, mas pelo preço que cobram não dá pra usar no dia-a-dia, mas por isso não, a gente tem um monte de modelo parecido.”

(Depoente nº 4.14, 17 anos)

“Aqueles ‘ropa’ que Gisele ‘Bichen’ desfila pra ‘Colti’ são bem massa, eu gostei muito do que ela apareceu vestindo da última vez, sempre quando eu gosto, eu tento copiar uma coisinha aqui outra acolá, por aqui mesmo eu sempre encontro umas coisinhas parecidas.”

(Depoente nº 4.15, 16 anos)

“Os decote’ que Camila Pitanga usava na novela era ‘show’, com ‘aqueles brinco grande’, Bebel tirava onda, era muito linda, quem me dera ser tão charmosa daquele jeito.”

(Depoente nº 4.16, 19 anos)

O depoente nº 4.14 fala de sua atração pela moda surfe muito recorrente nos rapazes com a sua média de idade, a depoente nº 4.15 assume seu fascínio pelo apelo de mídia que carrega a supermodelo e a depoente nº 4.16 se inspira na sensualidade que a atriz da Rede Globo emprestava à sua personagem na novela do horário das nove horas. Os seus pais vivem uma situação financeira limitada, por isso quase sempre eles acabam tendo que contribuir com as despesas de suas casas trazendo uma conseqüentemente redução do poder de compra, fazendo com que seus padrões de consumo na área do vestuário mais sofisticado, se limitem à predominância da esfera simbólica, fazendo com que os referenciais das instâncias hegemônicas absorvidos por esse público, supostamente mais vulnerável às pressões midiáticas, acabem fornecendo subsídios para a agregação de valor às mercadorias que vêm a ser produzidas e comercializadas no pólo de confecções.

Eles têm aspirações de consumo no setor de vestuário que não mais se diferenciam das aspirações de qualquer adolescente da região metropolitana, os referenciais de consumo são os mesmos e por vezes chegam até com uma força bem mais devastadora, pois até a concretização do consumo simbólico se torna mais difícil, quando se está distante dos grandes centros de compra de produtos de primeira linha que podem oferecer derivados como adereços e acessórios licenciados por grandes marcas e ofertados por valores menos astronômicos, poderíamos identificar nesse ponto uma das hipotéticas causas propugnadoras da motivação da prática da pirataria de marcas famosas além daquela meramente financeira, essa pirataria que, por sinal, é um fenômeno perceptível em Santa Cruz do Capibaribe, mas no decorrer da pesquisa não encontramos nenhum confeccionista que declarasse realizar tal atividade.

Quando lhes perguntei se alguma vez se inspiraram na indumentária *country* para compor os seus visuais eles responderam predominantemente que uma vez ou outra já tiveram vontade, mas, em outra depois comentaram sorrindo que não gostavam de caracterizações que fizessem menções ao campo. Assim, suas idéias conformam as ações de externar insígnias que façam menção a uma realidade rural no campo dos arcaísmos, pois celebram um passado que já não mais existe.

Encontramos no conceito de Jodelet de representações sociais que trabalhamos na pesquisa, pois outra forma de compreendermos a negação da identidade visual rural é como uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, com o desígnio prático de concorrer para a construção de uma realidade comum a um conjunto social, traduzida na elaboração de novos referenciais distantes daqueles outrora predominantes. Os mais jovens mesmo que inconscientemente não têm o interesse em fazer a manutenção de antigos

significantes visuais da realidade comum, a reinvenção dos elementos que implementam as condições materiais de existência se aproximam cada vez mais dos que compõem a vida metropolitana.

"Esse negócio de calçar bota e chapéu de vaqueiro pra ir a *show* de forró já não 'tá' mais com nada, nem cantor de forró usa mais esse tipo de 'ropa'. Agora... sempre aparece um ou outro que gosta de se vestir desse jeito, mas só faz diminuir."

(Depoente nº 4.14)

Essas representações acabam por ser compartilhadas pelas outras faixas etárias, pois refletem também as circunstâncias das cotidianidades das vidas das pessoas de toda a família, bem diferente de quando seus avôs viviam no campo, agora a família é composta por empreendedores do ramo de confecções seja na etapa de fabricação ou comercialização e de trabalhadores assalariados, em moldes bem mais próximos aos das grandes cidades. Convém enfatizar, entretanto, que essa assimilação se dá, fundamentalmente, por que as representações têm caráter coletivo.

4.2 O UNIVERSO FEMININO NO PÓLO DE CONFECÇÕES DE SANTA CRUZ DO CAPIBARIBE

Avaliar as representações das relações de trabalho das mulheres adultas do pólo de confecções é realizar uma ação de características particularizadas. Um território marcado por construções culturais que imputam os distintos gêneros com poucas diferenciações de atribuições para os parâmetros da região, devido às particulares relações familiares e laborais, implicadas na presença recíproca das mulheres tanto no espaço privado do lar quanto no espaço público gerenciado predominantemente pelos homens.

Em que pese essas duas vertentes, a do lar e a do trabalho, acompanhar a rotina das trabalhadoras do pólo de confecções é presenciar sendo marcada a construção de uma renovada relação de gêneros em consideráveis aspectos, levando em consideração a localidade onde se ambientam os fatos. Nessa realidade, embora elas convivam em meio aos estereótipos empedernidos nas relações culturais que se conformam no Agreste de Pernambuco, seus cotidianos são permeados pela assinalação da presença feminina em meio à suavização dos papéis estereotipados para os homens e mulheres ao longo do tempo. A visão de mulheres do agreste pernambucano recolhidas no lar, restritas às atribuições de dona-de-casa e de mãe de família, agora se converte em uma projeção da mulher urbana

contemporânea, que se desdobra entre os deveres domésticos e os deveres empregatícios, à primeira vista com praticamente as mesmas implicações de ganhos e perdas de qualquer mulher que enfrenta dupla jornada de trabalho.

No que diz respeito às mulheres, a ocupação de um posto de trabalho significa uma mudança que rompe com a estabilidade da vida que teriam como apenas donas-de-casa. Na verdade, atualmente, quase nenhuma delas experimentou a condição de serem meras expectadoras das rotinas laborais dos maridos e a tirocínio de uma esposa de trabalhador rural informal, com toda a carga de insegurança que essa situação repercute em suas famílias, quase nenhuma mais compartilha. Elas são hoje profissionais que trabalham com os seus maridos e compartilham os êxitos e dificuldades de um mesmo mercado de atuação.

“O meu prazer é em ‘tá’ aqui, ‘vê’ ‘as coisa’ andando bem, ‘as menina’ e ‘os menino’ trabalhando, todo mundo ganhando o seu dinheirinho, eu ganho o meu, eles ganham o deles e ‘tá’ todo mundo bem!”

(Depoente nº 4.15, 40 anos)

Entender, pois, as formas como essas mulheres recebem e representam as nuances que um estilo de meio de sobrevivência pinta em suas vidas, além de entrar no universo mais amplo da mediação de gênero da cultura do Agreste de Pernambuco é conjugar mediação de gênero com mediação de heterogeneidade de temporalidades, na divisão entre as que chegaram a presenciar pelo menos os pais trabalhando na lavoura e as mais jovens, que já cresceram envolvidas com o pólo de confecções. Para tanto, veremos como esses múltiplos tempos no trabalho, na luta pela sobrevivência incidem em suas construções simbólicas.

Começamos pelo grupo menos jovem. A depoente nº 4.16 de 58 anos, é vendedora de roupas, seu pai, na maior parte da vida, foi agricultor, Dona Graça recorda das agruras de viver sem saber se a família iria ter alimento suficiente para realizar todas as refeições até a colheita seguinte.

“Eu via meu pai se acabando na roça, pra ganhar tão pouco, no final do mês as coisas ‘era contadinha’, tanto esforço, tanto sacrifício, pra uma coisa que no final ‘das conta’ só dependia mais da chuva, do sol... e depois ainda podia estragar se não vendesse logo!”

(Depoente nº 4.16)

Assim, as representações das menos jovens em um percentual maior estão ancoradas em suas experiências antes e durante a vida de subsistência a partir de recursos financeiros provenientes da exploração do setor primário de produção. Quando elas se referem ao estilo de vida anterior, deixam refletir as implicações da rotina entre a cidade e o campo, quando

suas mães ou elas mesmas trabalhavam nas terras da propriedade na qual se habitava, plantando em limitados pedaços de terra produtos que depois eram vendidos geralmente aos sábados na feira juntamente com produtos que eram feitos manualmente, como artigos culinários e artesanatos.

4.2.1 O discurso das mulheres que tomam a frente dos negócios

Dedicamos esse momento à apreciação das representações de mulheres simples, de escolaridade elementar, já que nenhuma concluiu o colegial, que tomam a frente de seus empreendimentos, no caso pontos de venda próprios, assumindo sozinhas as responsabilidades por pujanças e bancarrotas de suas investidas mercadológicas. Sendo assim, no tempo comum vivido com o grupo de mulheres que juntas organizam e põem em prática os seus reconhecimentos sobre a área para tocar adiante seus pontos de venda, nós procuramos identificar a coexistência de formações residuais, ou seja, o passado do qual elas fazem interferindo de forma positiva ou negativa na vivência das relações de trabalho e do desprendimento em relação à instituição do patronato, em uma luta pela sobrevivência no mercado que rompe paradigmas e inova, proporcionando um perfil diferenciado ou talvez até incomum em se tratando de mulheres do Agreste de Pernambuco.

As mulheres que dispensam a presença masculina no gerenciamento de seus negócios ganham um novo status, o de provedora, além daquele de matrona, sábia, e conselheira, gozando de um maior poder na rede de relações sociais na qual se insere, até mesmo sobre muitos homens que participam de seus convívios. (MIELE, N. 1998) Essa realidade é perceptível nessa mulher que é respeitada por todos os entes, o ato de ir à luta, substituindo o perfil patriarcal por uma orientação matriarcal não foi considerado transgressor, elas com suas rezas se tornaram grandes arrimos para as famílias, não deixando a luta.

A depoente nº 4.17, de 52 anos, comanda o próprio ponto de vendas desde que o marido faleceu há quatro anos e relata seu estilo de vida:

“Eu comando isso aqui sem precisar de homem, nunca deixei espertinho nenhum me passar a perna, se precisar ser grossa eu sou, se precisar falar alto eu falo. Procuro a melhor mercadoria pra vender pelo melhor preço possível e o cliente que começa a comprar comigo ‘num’ deixa ‘mai.’”

A depoente nº 4.18, de 48 anos, é também dona de ponto de vendas, hoje tem seus dois filhos já crescidos para ajudar no trabalho, mas durante muito tempo liderou a produção familiar segundo ela com mãos de ferro:

“Comigo nunca teve ‘boquinha’, ensinei aos meus ‘filho’ como é que se trabalha, acostumei ‘os menino’ a ‘acordári’ cedo, a barganhar com o cliente, a tratar bem e lidar com a concorrência.”

A depoente de 4.19, de 44 anos, é divorciada, trabalha em um ponto de vendas distante do seu filho e diz que não sente falta de um companheiro que compartilhe consigo as tarefas diárias do trabalho:

“Eu sempre me virei muito bem sozinha e se precisar de um ‘home’ pra carregar um peso, arrastar uma coisa, não falta gente por aqui não, e ladrão por aqui também não tem vez não, aprontou, o pessoal pega logo.”

Há fatos poderiam ser levados em conta ao tentarmos atribuir valores a essas representações femininas. Ressaltemos que muitos traços de conduta tradicionalmente atribuídos à bagagem de peculiaridades do gênero masculino na respectiva região, tais como o machismo e a falta de tolerância às mudanças de certas condutas estariam favorecendo a perda de espaço dos homens em diversos segmentos da sociedade, segmentos tais que estariam progredindo mais rápido que suas maneiras de entender a realidade, deixando ao encargo das mulheres a renovação dos ares no respectivo setor. Haveria ainda uma tendência de se remunerar as mulheres com menores cifras, o que aumentaria o fluxo do ingresso feminino no ramo, proporcionando-as uma melhora no acervo de experiências que resultaria no acúmulo de subsídios para o enfrentamento dos percalços previstos em para futura incursão pelas atividades empreendedoras.

“Eu já trabalhei em fabrico quando era mais nova, depois fui pro comércio, ralei um bocado, peguei ‘os macete’, fui aprendendo o que eu achava necessário, juntei dinheiro pra começar por conta própria e hoje ‘tô’ aqui, posso juntar dinheiro para comprar meu carro, já tenho casa própria, posso pagar um colégio particular pro meu filho e fazer muita coisa ‘cum’ meu próprio dinheiro.”

(Depoente 4.19)

Para ela a vida antes do casamento era mais corrida, ela e o marido trabalhavam e os dois tinham salários certos, mas, segundo ela, o empregador sempre usava desculpas para remunerá-lo melhor, quando ela percebeu que o marido gastava o dinheiro dele com bebidas alcoólicas e chegou a financiar gastos com outra mulher mais jovem ela não teve dúvidas, acabou o relacionamento que lhe rendeu um filho, hoje pré-adolescente. Assim é que, celebrando um passado que não existe mais e que não tem mais nada a ver com o seu

presente, ela constrói sua representação, rejeitando determinantes de gênero estabelecidos através dos tempos, quebrando os paradigmas impostos pelas gerações precedentes.

Nesse sentido, percebemos que a sua representação do cotidiano laboral sofre influência da heterogeneidade de temporalidades, por meio do embate às formações arcaicas que celebram o passado que não existe mais, pois, talvez possamos compreender o seu desapego à presença masculina como consequência do distanciamento natural dado a mulher em diversas vertentes do universo trabalhista, já que nele normalmente a mulher ocupava em outros tempos no máximo a função de ajudar ao marido. Individualmente, compreendemos preliminarmente também a incidência da mediação de expectativas de consumo quando ela deixa claro o seu desejo de adquirir um veículo. De tal forma em suas representações podemos perceber algumas confirmações e negações que a vida no presente lhe reserva as suas aspirações.

No que tange aos discursos feministas em suas construções, ela nem qualquer outra mulher interpelada não se refere nem implicitamente a quaisquer referenciais de luta pelos direitos femininos.

4.2.2 As mulheres e as expectativas de consumo a partir do trabalho

Os heterogêneos tempos entre as mulheres permitem a coexistência de distintos pontos de vista acerca da vida no pólo de confecções e também em perspectivas mais gerais. Por isso tomemos como base as declarações da depoente nº 4.20, de 21 anos, com o ensino médio completo, da depoente nº 4.21 de 42 anos, não acabou o primeiro grau assim como a depoente nº 4.22 de 55 anos de idade. Poucas lutaram para conseguir os respectivos postos de trabalho, já ingressando quase que naturalmente nas suas atividades, seja por meio dos seus pais ou dos seus maridos e também, na maioria das vezes, só escassamente participaram de reuniões de organizações de caráter associativo acerca das categorias funcionais, no entanto, as diferenciações de expectativas de consumo se fazem de forma mais identificável tomando como base os referenciais de idade:

“Eu quero uma vida melhor para mim, não sei ainda se vai ser por aqui mesmo o ‘in otro’ lugar, negociando com confecção ou fazendo ‘outra’ coisa... só sei que eu quero tentar algo novo, quero muito fazer faculdade, tentar a sorte em outras áreas, talvez direito ou administração, só sei de uma coisa: que eu quero me formar pra tentar outra coisa.”

(Depoente nº 4.20)

Joseane demonstra uma das que parece estar entre as principais aspirações das mulheres mais jovens do pólo, alcançar meios financeiros para pagar um curso universitário, uma perspectiva relativamente recente, advinda com a ampliação da rede de ensino superior, trazendo para diversos públicos, em outras épocas inimagináveis, a expectativa de consumo em torno da aquisição de um certificado de terceiro grau.

“Muita gente diz que esse negócio de curso superior é pra gente que tem conhecimento com gente influente e tal, mas se a gente não tentar não é?!”
(Depoente nº 4.20)

Podemos perceber que suas expectativas favoráveis à busca por novos horizontes, por si, já refletem muitas conquistas em comparação às condições de vida do gênero feminino em tempos anteriores, de uma realidade interiorana mais equiparável ao que se costuma tipificar, com um direcionamento predominantemente agropecuário, que acolhe as formas mais conservadoras de condutas coletivas e de visões de mundo que quase sempre restringem as possibilidades ofertadas às mulheres nos vários âmbitos da vida social.

Como exemplar dos anseios consumistas de outra faixa etária de mulheres, tomemos o que afirma a depoente nº 4.21 de 42 anos:

“Eu quero muito comprar a minha casa própria, já fui à caixa econômica ver a minha linha de crédito, o tempo de financiamento e tudo mais, já não agüento mais pagar aluguel, eu quero comprar computador, televisão de plasma... mas por enquanto eu preciso ver logo o que é mais importante.”

Em que pese a diversidade de situações existentes no universo feminino do pólo de confecções, de uma forma geral podemos dizer que a faixa etária da depoente 4.7 ainda resgatária, essencialmente, em suas significações, as idéias de poder cuidar de um lar cuidadosamente implementado para proporcionar conforto a si e a família. Pois, se um dia cada família que tinha o seu pedaço de terra para poder plantar e vender o resultado do trabalho dispunha de maiores subsídios para alcançar a estabilidade financeira e por extensão a felicidade, agora se volta para a aquisição do conforto materializado em uma boa moradia com eletrodomésticos e um veículo.

Enquanto isso, a depoente nº 4.22 de 55 anos, afirma:

Eu sempre ‘tô’ guardando dinheiro pra viajar quando posso, pra comprar ‘umas coisa’ em Recife. “Coisas pra casa, umas roupa diferente das que eu vendo, pra variar um pouquinho, e qualquer coisa mais que me dá vontade de repente.”

Daí, podemos observar o surgimento de necessidades mais complexas, da superação da perspectiva mais elementar do padrão de consumo, que pode refletir uma configuração cada vez mais complexa dos padrões de comportamento de um público até então estreato na aquisição de determinados bens e serviços que pareciam inalcançáveis ou que simplesmente não eram ofertados outrora, o que demonstra a capacidade de intercâmbio das demandas multilaterais que compõem a resolução dos fatores de interferência em uma interação mercadológica entre todas as gerações.

CONCLUSÕES

No decorrer deste trabalho, com base no arcabouço teórico dos estudos de recepção na perspectiva das mediações culturais, buscamos entender as relações entre as dinâmicas e relações de trabalho versus as diversas formas de disposição social e interpretação da realidade que são produtos ou que possuem de forma mais clara ou indireta força para a sucessão de conquistas e derrotas resultantes do processo de consolidação do desenvolvimento local no pólo de confecções de Santa Cruz do Capibaribe. Essas relações laborais foram mediatizadas pela cultura do Agreste Pernambucano e estão submetidas a mediações dessa cultura, dentre as quais escolhemos as que pareceram mais proeminentes para o entendimento do estudo em questão: mediação de heterogeneidade de temporalidades, mediação situacional da “aproximação e convivência”, mediação de expectativas de consumo e as mediações de gênero e idade.

Com as respectivas considerações, estabeleceremos especificamente neste espaço da pesquisa tão-somente uma síntese dos resultados obtidos, tendo em vista haveremos executado as análises circunstanciadas. Como maneira de operacionalizarmos essa síntese, diante dos dados analisados, procuraremos inicialmente demonstrar a viabilidade da hipótese geral deste estudo de recepção, expondo os resultados obtidos através das análises das representações dos homens, das mulheres e dos jovens.

No que tange às evidências que demonstram a incidência da mediação de heterogeneidade de temporalidades, podemos dizer que as múltiplas histórias e tempos vividos pelos grupos que chegaram a testemunhar a realidade na qual as atividades do setor primário que possuíam lugar de destaque no cotidiano da localidade ainda “ancoram” algumas formas de representação da realidade com base em circunstâncias pregressas, mas que, no entanto, cedem espaço para a objetivação da realidade contemporânea. Nas representações de estudo o fato se mostrou evidente em ambos os gêneros.

Tanto os contingentes masculinos quanto os femininos de vivência anterior ao florescimento do pólo de confecções, por serem compostos de pessoas que presenciaram de forma consistente uma relação com a terra e com a natureza, seja diretamente ou por intermédio do contato com os seus pais, ainda externam em seus discursos lampejos de resgate de traços do cotidiano da vida rural, por meio de um eventual saudosismo pela vida bucólica. Apesar de tudo, ainda há uma perceptível rejeição pelo caráter financeiramente imprevisível das atividades agrícolas, vulneráveis às mais diversas oscilações dos fenômenos

naturais. Afinal de contas, o que se sobressai é mesmo a exaltação das vantagens das relativamente novas atividades vinculadas ao setor de confecções, devido à amenização das incertezas do setor agro-pecuário e o caráter não perecível dos produtos.

Os mais jovens se destacam pela sensibilidade mediante o contato com as tendências de comportamento contemporâneas, como sensores das mudanças de humores nas novas condutas coletivas que se convertem também em direcionamentos de mercado, por isso que a respeito da convergência das mediações do estudo como geradoras de semântica, poderemos afirmar que campos de significação como o pólo de confecções de Santa Cruz do Capibaribe permitem estudos de caso emblemáticos para a identificação da apropriação dos significantes das classes hegemônicas pelas classes subalternas e as formas de consumo simbólico, que entre os mais jovens fica bem mais realçado, uma vez na qual a demanda por ampliação do capitalismo não sustenta a variegação de padrões culturais, de objetos e hábitos de consumo. Por isso, é aceitável a afirmação de que as novas gerações estão contribuindo para a atualização das orientações de mercado no pólo de confecções.

Entendemos por meio dessas constatações que os sistemas econômicos e culturais seguem entrelaçados reciprocamente, compondo uma unidade inextricável e é considerado preferencial o estudo das estruturas dos fenômenos simbólicos que erguem as estruturas econômicas e suas reciprocidades. O binômio local versus global remete reciprocamente nesse estudo de caso à oposição e a complementaridade.

Os elementos subjetivos de composição do perfil coletivo sofreram influências dos padrões de conduta tradicionais perpetuados ao longo dos tempos, por isso é indubitável que o cotidiano está alterado de forma contundente em relação à época pregressa na qual as atividades principais eram do setor agrícola, mas ainda é claro que esse processo de forte mudança ainda continua vivo, no entanto já não está atrelado diretamente à alteração do *status-chave* de direcionamento econômico do município, e sim, às conseqüências dessa alteração, que implica na conexão desse território com as instâncias mais globalizadas da tessitura social que exaltam os valores das classes hegemônicas da sociedade que se encastelam nas grandes metrópoles. Como “efeito colateral”, as expectativas de consumo e a ansiedade por “inovações” reproduzem o ritmo demarcado pelas camadas hegemônicas.

Se um dia as mudanças das atividades econômicas da comunidade incidiam sobre o cotidiano, hoje o cotidiano é constantemente subjugado à existência de inconstâncias de comportamento e da busca pelo novo, seguindo ambos interligados de forma inerente, pois o cotidiano e as demandas mercadológicas se entrelaçam a partir do momento no qual se passa a integrar a “aldeia global”, mesmo que seja na perspectiva do viés diametralmente oposto e ao

mesmo tempo complementar que caracteriza o tipo de desenvolvimento de uma área qualificado como “desenvolvimento local”.

No que diz respeito à possibilidade de conflito entre as gerações sobre o ponto de vista das orientações de rumo dadas aos negócios, não se constatou nenhum embate aparente, as diversas gerações parecem cativar uma relevante sinergia na condução das estratégias e tomadas de decisões voltadas para a otimização dos lucros, aumento das condições de combatividade no mercado e melhoria das relações de vivência que proporcionem o bem-estar no cotidiano laboral.

Compreendemos que a atual pesquisa demonstrou que os sentidos lançados pelas mediações externam demandas sociais e culturais dos trabalhadores. No ponto de vista das mediações que trabalhamos, foi possível percebermos não apenas os sentidos produzidos para constataremos uma ciência ou desconhecimento do espaço amostral, mas também o que essa semântica demarca sobre as interações entre cultura popular, cultura hegemônica e as demandas da respectiva população.

Em tempos de grandes antíteses, a pesquisa não intenta pôr à baila ambigüidades, mas contribuir para o embasamento de novos pontos de vista para o estudo da Ciência da Comunicação. E, diante do divulgado, gostaríamos de desfechar propondo para aqueles que estudam essa área, a iniciativa de incursão em singularidades de novas localidades ou até outras particularidades dessa mesma aqui abordada, para repensar a atuação de políticas e estratégias de comunicação para a Extensão Rural e o Desenvolvimento Local.

BIBLIOGRAFIA

ABRAMOWAY, R. **O Futuro das regiões rurais**. Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS, 2003.

ALCOCK, Antony, **História concisa da Europa**: dos gregos e romanos à atualidade. Porto, Portugal: Publicações Europa-América, 2005.

ANDRADE, M. M. de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1997.

BUARQUE, S.C. **Metodologia de planejamento do desenvolvimento local e municipal sustentável**. Material para orientação técnica e treinamento de multiplicadores e técnicos em planejamento local e municipal. Brasília, DF: IICA, 1999.

CARACAS, L. B. **Viver e sentir: Investigando os significados atribuídos aos espaços livres públicos da Rua Estrela (São Luís-Maranhão)**, Recife, tese de mestrado MDU/UFPE. 2002

CASTELLS, M. (1942). **A questão urbana**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975

CERTEAU, M. **L’Invention du quotidien**. Paris, Gallimard, 1990

CHIKI; SILVA; ORTEGA, Agricultura, Meio Ambiente e Sustentabilidade do Serrado Brasileiro. Artigo: **O novo rural brasileiro**, 2002.

COSTA, A. M. da. **Calçadão dos Mascates Promessas e desilusões de uma intervenção urbana: o olhar dos comerciantes informais**, tese de mestrado MDU/ UFPE. 2004

DE JESUS, P. **Desenvolvimento local**. In: CATTANI, Antonio David. *A outra economia*. São Paulo. Veraz.2003

DOISE, W. **Atitudes et Representations Sociales**, In: Jodelet. D. *Les Representation Sociales*. Paris: PUF. 1998.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro, Graal, 1979.

GARCÍA CANCLINI, N. **As Culturas Populares no Capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____, N. **Cultura Transnacional y Culturas Populares**.

Lima: IPAL. 1988.

_____, N. Ni Folklorico ni Massivo: Que es lo Popular? In: **Dia-Logos de la Comunicación**. Lima: FELAFACS. 1988

_____, N. **Culturas Híbridas**: el espacio comunicacional como problema interdisciplinário. Telos, Madrid, Nº 19, set/nov. 1989.

_____, N. **Culturas Híbridas y Estrategias Comunicacionales**. Seminario “Fronteras Culturales: identidad y comunicación en América Latina”, 16-18 de outubro de 1996.

_____, N. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade, Edusp, São Paulo-SP, 2006

HARVEY, D. **Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 6ª ed. São Paulo: Loyola, 1989.

HELLER, A. **O cotidiano e a História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

HEREDIA, B. M. A. de. **A Morada da Vida: trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1979.

JARA, C. J. **A Sustentabilidade do Desenvolvimento Local**: um processo em construção. Instituto Interamericano de Cooperação para Agricultura – IICA. Recife: Secretaria de Planejamento do Estado de Pernambuco – SEPLAN, 1998. 316p.

JODELET, D. **Les représentations sociales**. Paris: PUF, 1989

LARAIA, R. **Cultura: Um conceito antropológico**, 11a ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar. 1997

LIMA, J. R. T. de (Org.), **Extensão Rural e Desenvolvimento Sustentável**. 2ª ed. Recife, Bagaço, 2005.

LOPES, M. I. V. **Estratégias Metodológicas da Pesquisa de Recepção**. INTERCOM - Revista Brasileira de Comunicação, Vol.XVI, 2, São Paulo, 1993

MAFFESOLI, M. A Comunicação Pós-Moderna como Cultura. **Textos de Cultura e Comunicação**, Salvador, v.2,n.28, 1992.

MARTÍN-BARBERO, J. **O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1998

_____, J. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUZA, Mauro Wilton (org), **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

_____, J. **Recepción: uso de médios y consumo cultural**. (S.I.:s.n). 1991. Presentación.

_____, J. Comunicación y Cultura: unas relaciones complejas, *In: Cuadernos de Comunicación, Tecnología y Sociedad de la América Latina*. Madrid, nº19, set/nov. 1989

_____, J. & REY, G. **De los medios a las mediaciones: comunicación, cultura y hegemonía**. México: G. Gili, 1987.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**, Martin Claret, 2001.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1971.

MIELE, N. A dimensão do Gênero na Promoção da Agricultura Sustentável. In: ARMANI, Domingos ET AL (org) **Agricultura e Pobreza: construindo os elos da sustentabilidade no Nordeste do Brasil**. Porto Alegre Tomo Editorial; Holanda: ICCO, 1998.

MILANI, C. **Teorias do Capital Social e Desenvolvimento Local: lições a partir da experiência de Pintadas (Bahia, Brasil)**. In: **Capital social, participação política e desenvolvimento local: atores da sociedade civil e políticas de desenvolvimento local na Bahia**. Escola de Administração da UFBA (NPGA/NEPOL/PDGS). 2005.

MORIN, E. **A Cabeça Bem-Feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

MOSCOVICI, S. **La psycanalyse, son image et son public**. 2ª ed. Paris, Presse Universitaire de France, 1961.

NÓBREGA, S. M. **La maladie mentale au Brésil: étude sur les representation sociales de la folie par des sujets interne à l'hôpital psychiatrique et leurs families**. Paris, École des Hautes Études em Sciences Sociales, 1990.

OLIVEN, R. G. **A antropologia dos grupos urbanos**, 4ª ed. Petrópolis-RJ, Vozes, 1996.

OLIVEIRA, F. de. **Aproximações ao Enigma: que quer dizer desenvolvimento local?** In Caccia-Bava, Silvio; Paulics, Veronika; Sink, Peter (orgs.). **Novos Contornos da Gestão Local: conceitos em construção**. São Paulo: Polis, Programa de Gestão Pública e Cidadania/FGV-EAESP, 2002.

OROZCO GÓMEZ, G. **La investigación en comunicación desde la perspectiva cualitativa**. Guadalajara: Instituto Mexicano para el Desarrollo Comunitario, 1997.

QUEIROZ, M. I. P. **Do Rural e do Urbano no Brasil**. In: SZMRECSÁNYI, T. e QUEDA, O. (Orgs.). **Vida Rural e Mudança Social**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

QUESADA, G. M. **Comunicação e Comunidade: mitos da mudança social**. São Paulo: Loyola, 1980.

REDFIELD, R. **The folk society**. In: *American Journal of Sociology*, vol. 52, n. 4, 1947.

SÁ, C. P. Representações Sociais: o conceito e o estado atual da teoria, In: SPINK, Mary Jane P. **O Conhecimento no Cotidiano: as representações sociais na psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

_____, C. P. **Sobre o Núcleo das Representações Sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

SOUTO, C.; SOUTO, S. **A Explicação Sociológica: Uma Introdução à Sociologia**. 1985.

TAUK SANTOS, M. S., **Igreja e Pequeno Produtor Rural: a comunicação participativa no programa CECAPAS/SERTA**. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). São Paulo: ECA/USP, 1994.

_____, M. S.; NASCIMENTO, M. R. **Desvendando o Mapa Noturno: análise da perspectiva das mediações nos estudos de recepção**. 1994.

VASCONCELOS, E. M. **Complexidade e pesquisa interdisciplinar**. Petrópolis: Vozes, 2002.

WOLF, M. **Teorias da Comunicação**. 3ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1994.

APÊNDICE – Roteiro de entrevista semi-estruturada:

1. Nome do entrevistado?
2. Sexo?
3. Local de nascimento?
4. Data de nascimento?
5. Estado civil?
6. Grau de instrução?
7. Qual a função exercida?
8. Qual a renda média?
9. É contribuinte do INSS?
10. Possui casa própria?
11. Possui veículo?
12. Exerce outra atividade?
13. Se a resposta for positiva, qual é essa atividade?
14. Tem filhos? Quantos?
15. Se a resposta for positiva, qual a idade dele(s) ou dela(s)?
16. Estudam? Qual o ano letivo?
17. Já trabalham?
18. Se eles trabalham, quais as funções exercidas?
19. Quantas horas em média dedicam ao trabalho?
20. Existe exigência de escolaridade para trabalhar no pólo de confecções?
21. Quais são as instituições que fornecem diplomas para as funções relacionadas ao pólo de confecções?

Para os empreendedores acrescentamos as perguntas:

22. Existem boas perspectivas de ampliação do negócio?
23. Existem perspectivas de modernização do maquinário?
24. O número de funcionários tende a diminuir ou aumentar?
25. Existe a tendência pela contratação de pessoas da mesma família?
26. A rotatividade de mão-de-obra é grande?